

PATRÍCIA RODRIGUES DA SILVA

MCW

981.51

55860

TES/MEM

COTIDIANO E TRABALHO:

Trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo/MG

1970/2000.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo.

UBERLÂNDIA

2001.

SISBI/UFU



1000202847

Dedicatória

Aos meus pais,
José Laurindo e Dora Alice.
Sempre presentes principalmente
nos momentos difíceis.

Aos meus irmãos – Daniela e Gentil

Aos meus amores,
Helder e Helder Filho
Que me ensinam a ser feliz todos os
dias.

A Deus.

Agradecimentos

Sou grata a muitas pessoas que em vários momentos contribuíram para a realização deste trabalho. Entretanto faz-se necessário um reconhecimento especial:

Aos professores e colegas do programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

Aos Professores Paulo Roberto de Almeida e Heloísa Helena Pacheco Cardoso pelas valiosas contribuições na ocasião da Qualificação.

À Maria Helena pela eficiência e presteza em todos os momentos.

A todos os trabalhadores ceramistas que me confiaram suas experiências tornando possível a realização deste trabalho.

Ao Helder pelo incentivo, apoio e contribuição que se tornaram fundamentais para a realização deste trabalho.

À Luciana Rodrigues, minha prima, pela boa vontade e disponibilidade em auxiliar-me na busca de fontes.

E ao professor Hermetes, pela inestimável orientação e compreensão das minhas dificuldades.

A todos vocês o meu muito obrigada!

Resumo

Esta dissertação trata-se de uma interpretação acerca dos modos de vida dos trabalhadores ceramistas na cidade de Monte Carmelo/MG buscando compreender os significados que estes dão às suas vidas.

Assim, partindo de uma análise que procurou entender o papel e a interpretação dos trabalhadores, desde o desenvolvimento e consolidação da indústria ceramista em Monte Carmelo nos anos 70, até as mais recentes transformações tecnológicas pelas quais muitas indústrias passaram no final dos anos 90, busquei perceber o cotidiano de luta daqueles trabalhadores tanto no trabalho quanto fora dele, ressaltando as formas de resistência (fora do sindicato e da ação política coletiva) e seus momentos de acomodação diante da forte exploração a que está submetida sua força de trabalho.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
CAPITULO 1	14
MONTE CARMELO E O DESENVOLVIMENTO DA INDUSTRIA CERAMISTA: ENTENDENDO O ESPAÇO DE RELAÇÕES DOS TRABALHADORES	14
CAPITULO 2	35
“O TRABALHO NA INDÚSTRIA CERAMISTA DE MONTE CARMELO: O COTIDIANO DOS TRABALHADORES”	35
CAPITULO 3	83
COTIDIANO: OS TRABALHADORES FORA DA INDÚSTRIA CERAMISTA.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
I - FONTES ORAIS	101
II - OUTRAS FONTES	104
III - BIBLIOGRAFIA.....	105

ÍNDICE DE FOTOS

FOTO 1 – RUA ROMUALDO RESENDE E AO FUNDO AS CHAMINÉS DE ALGUMAS INDÚSTRIAS CERÂMICAS.....	3
FOTO 2 – VISTA DO ALTO BATUQUE DE ONDE PODE-SE OBSERVAR AS INÚMERAS INDÚSTRIAS DA CIDADE.....	3
FOTO 3 – VISTA DA RUA ROMUALDO RESENDE.....	4
FOTO 4 – NAS FOTOS (A) E (B) SÃO MOSTRADOS ALGUNS ASPECTOS DA RETIRADA DE ARGILA NAS BARREIRAS PELOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS CERÂMICAS.	47
FOTO 5 – TRABALHADOR ACOMODANDO E PROTEGENDO A ARGILA PARA SER TRANSPORTADA PELO CAMINHÃO PARA AS INDÚSTRIAS CERÂMICAS.	48
FOTO 6 – ASPECTO GERAL DE UM BARRACÃO QUE ABRIGA A ARGILA.	49
FOTO 7 – OPERADOR DE MÁQUINA DEPOSITANDO A ARGILA NO INTERIOR DO BARRACÃO.	50
FOTO 8 – EM DESTAQUE, O CAIXÃO DE ALIMENTAÇÃO DE ONDE A ARGILA É LEVADA ATRAVÉS DE CORREIAS ATÉ AS MAROMBAS.....	51
FOTO 9 – A FOTO MOSTRA A MAROMBA ONDE A ARGILA É TRABALHADA (PREPARADA). NO CANTO INFERIOR DIREITO DA FOTO OBSERVA-SE A SAÍDA DA ARGILA JÁ NA FORMA DE BASTÃO, PRONTA PARA SER MOLDADA.	52
FOTO 10 – TRABALHADORES UNTAM COM OLEÍNA OS BASTONETES DE ARGILA E OS COLOCA NAS PRENSAS. OBSERVE QUE TODOS OS TRABALHADORES UTILIZAM APENAS O AVENTAL COMO EPI (EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL).....	53
FOTO 11 – AQUI OBSERVA-SE UMA TRABALHADORA CERAMISTA RETIRANDO DA PRENSA A TELHA PRONTA (MOLDADA) E A COLOCANDO NA ESTEIRA PARA QUE SEJAM ORGANIZADAS NAS VAGONETAS.	54
FOTO 12 – TRABALHADOR CERAMISTA ACOMODANDO AS “TELHAS VERDES” NAS VAGONETAS.....	56

FOTO 13 – SECADOR CHEIO DE “TELHAS VERDES” ONDE ESTAS ÚLTIMAS FICAM ATÉ QUE SUA UMIDADE CAIA A 3%.....	57
FOTO 14 – OS TRABALHADORES ENFRENTAM TEMPERATURAS ELEVADAS DENTRO DOS SECADORES. (EM DETALHE UM TRABALHADOR TRANSPORTANDO AS TELHAS NA VAGONETA ATÉ O SECADOR).	58
FOTO 15 – EM DETALHE A RETIRADA DAS TELHAS DAS VAGONETAS PARA SEREM LEVADAS AOS FORNOS DE QUEIMA.	59
FOTO 16 – DENTRO DOS FORNOS AS TELHAS AINDA “VERDES” SÃO RETIRADAS DOS CARRINHOS (VIDE FOTO) E ORGANIZADAS EM CAMADAS DENOMINADAS PELOS TRABALHADORES COMO “MÃO DE FORNO”.	59
FOTO 17 – APÓS A QUEIMA, OS “TIRADORES DE FORNOS” RETIRAM AS TELHAS DOS FORNOS, O QUE É REALIZADO DURANTE A MADRUGADA, JÁ QUE A TEMPERATURA DO FORNO PERMANECE UM TANTO ELEVADA.....	60
FOTO 18 – AS TELHAS QUEIMADAS SÃO COLOCADAS EM DEPÓSITOS DENTRO DA PRÓPRIA INDÚSTRIA CERÂMICA ATÉ QUE SEJAM TRANSPORTADAS AO CONSUMIDOR.....	60
FOTO 19 – TRABALHADORES “MONTANDO”AS GRADES PARA QUE AS “TELHAS VERDES” SEJAM COLOCADAS.....	70
FOTO 20 – TRABALHADOR CERAMISTA COLOCANDO AS TELHAS AINDA “VERDES” NAS GRADES.	70
FOTO 21 – AS VAGONETAS SUBSTITUÍRAM AS GRADES NA MAIORIA DAS INDÚSTRIAS TORNADO O PROCESSO MAIS ÁGIL E RÁPIDO (EM DESTAQUE UM TRABALHADOR DANDO MANUTENÇÃO EM UMA VAGONETA).....	71
FOTO 22 – OS “LENHEIROS” (TRABALHADORES REponsÁVEIS POR CONTROLAR O FOGO NOS FORNOS).	78
FOTO 23 – NA FOTO, AS MÁQUINAS DE QUEIMAR SERRAGEM QUE VEM SENDO INSTALADAS EM VÁRIAS INDÚSTRIAS CERÂMICAS DE MONTE CARMELO.....	78

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1. / *CENSO DE 1996 /FONTE: IBGE 19

TABELA 2/FONTE: RELAÇÃO DE CONTRIBUINTES INSCRITOS NA
PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE CARMELO..... 25

TABELA 3 28

TABELA 4 28

TABELA 5 / FONTE: BOLETINS DE OCORRÊNCIA (DELEGACIA DE POLÍCIA
CIVIL DE MONTE CARMELO) 93

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1– PRODUÇÃO DE TELHAS E TIJOLOS EM MILHARES DE PEÇAS.41

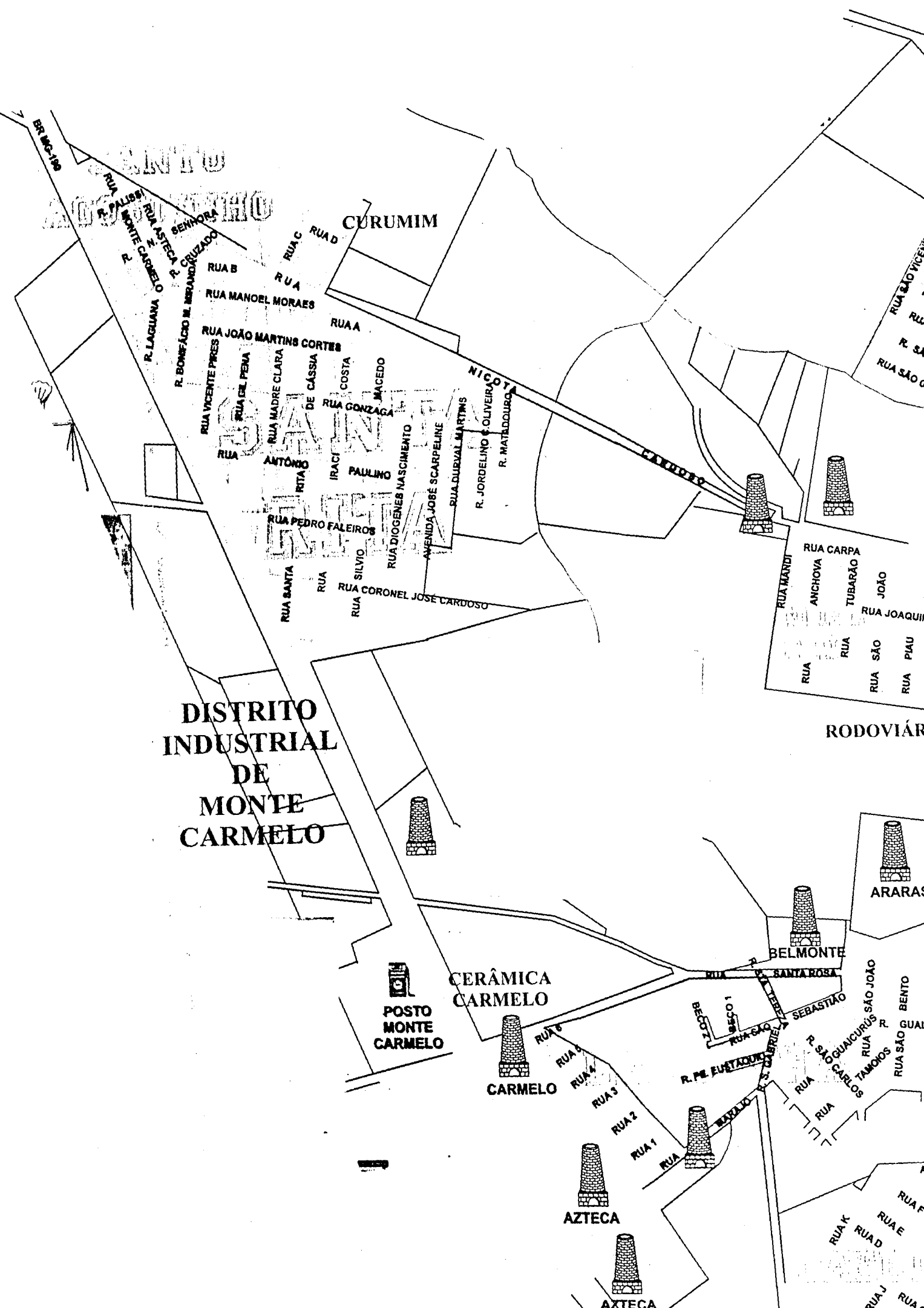
GRÁFICO 2 - /FONTE: ACEMC..... 42

ANEXO – I

MAPA –3

LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS CERAMISTAS EM MONTE CARMELO

Fonte: Prefeitura Municipal de Monte Carmelo/MG



**DISTRITO
INDUSTRIAL
DE
MONTE
CARMELO**

**POSTO
MONTE
CARMELO**

**CERÂMICA
CARMELO**

CARMELO

AZTECA

AZTECA

RODOVIÁRIA

BELMONTE

ARARAS

SANTA ROSA

SEBASTIÃO

RUA SÃO

RUA SÃO

RUA SÃO

RUA SÃO

RUA SÃO

RUA SÃO

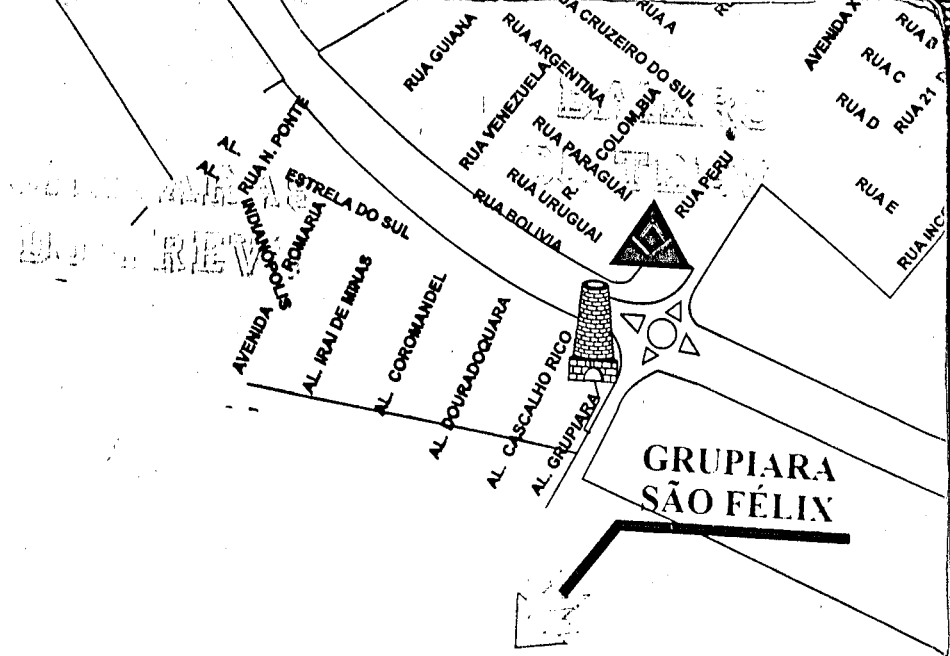
RUA SÃO

RUA SÃO

RUA SÃO

RUA SÃO

RUA SÃO



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Rever a trajetória de minha pesquisa parece importante na medida em que permite visualizar a forma como o objeto foi sendo construído. Ao elaborar o projeto, o fiz mediante algumas motivações. Primeiro que, tendo nascido e me criado em Monte Carmelo, a “cidade das chaminés” (como se auto intitula), sempre pude participar, mesmo que indiretamente, da dura realidade das pessoas que trabalham nas cerâmicas. Deste modo, entender como vivem aqueles trabalhadores, como reagem diante da exploração a que estão submetidos, entender seus mecanismos de resistência e acomodação, enfim, entender as relações travadas por aqueles trabalhadores sempre me instigou muito. E depois pelo fato de que, a preocupação em produzir interpretações historiográficas e registros históricos em Monte Carmelo é muito recente, não existem lá locais de preservação da memória e história da cidade. A Casa da Cultura guarda algumas obras de arte e alguns documentos, outros estão dispersos em residências particulares.

A dissertação de mestrado de Antônio de Pádua Bosi¹ é sem dúvida um trabalho pioneiro em buscar uma interpretação da trajetória de vida dos trabalhadores em Monte Carmelo (especialmente os trabalhadores rurais e as lavadeiras). Sua preocupação é interpretar, a partir da experiência destes trabalhadores a trajetória de luta, as “condições de vida”, a “dominação e resistência” e a “ação política no espaço religioso” destes trabalhadores nas décadas de 70 e 80, ressaltando a singularidade e a força de mobilização frente aos demais trabalhadores da cidade e região.

Outro trabalho que trata da temática acerca dos trabalhadores em Monte Carmelo é a monografia de graduação realizada por Marcos Moreira dos Santos², sua preocupação recai sobre a “emergência da indústria cerâmica no decorrer do desenvolvimento econômico de Monte Carmelo a partir dos anos 70” e também sobre os trabalhadores no seu meio destacando as carências, a formação de uma identidade e organização coletiva.

¹ BOSI, Antônio de Pádua. “OS SEM-GABARITO” Experiências de Luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980. SP, Dissertação (Mestrado), PUC, 1997.

² SANTOS, Marcos Moreira dos. “Lutas, organização e experiências de trabalhadores cerâmicos. Monte Carmelo - 1970/1990” Uberlândia: UFU, 1999 (monografia).

Para Santos, a organização dos trabalhadores ceramistas em torno de um sindicato, qual seja, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo foi resultado de um processo através do qual um grupo de trabalhadores desenvolveu uma identidade de interesses dentro de um contexto que favoreceu seu afloramento num determinado momento quais sejam, a conquista de vários direitos trabalhistas observados a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 bem como o estabelecimento da Junta de Conciliação Trabalhista em Patrocínio em 1989 responsável pelas questões trabalhistas da micro-região de Patrocínio na qual está Monte Carmelo.

Entretanto é necessário colocar que muitos trabalhadores não se organizaram em torno de interesses comuns, não participando de associações, sindicatos ou outras organizações³. Minha preocupação recai justamente sobre esses trabalhadores, que, de forma “desorganizada” vêm lutando, se acomodando e resistindo às duras condições de sobrevivência que o capital lhes têm imposto.

Neste sentido, realizar este trabalho foi se tornando instigante e ao mesmo tempo uma necessidade para mim. Instigava por que era um desafio frente à escassez de documentação e necessário em função da importância da atividade ceramista e dos trabalhadores na economia local e regional.

Entender o modo como agiam e pensavam os trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo foi se colocando para mim cada vez mais como um objeto de pesquisa. Ainda no curso de história, entrei em contato com uma série de leituras voltadas para a História Social onde pude perceber que a resistência não se dá somente nos âmbitos institucionais, mas são nas ações cotidianas que muitas vezes os trabalhadores resistem e outras vezes se acomodam com sua situação. Pude perceber também que seus modos de viver (ou sua cultura) podem nos falar muito sobre sua condição de trabalhador, já que compreendemos que a vida é experimentada como um todo pelo ser humano, assim, o homem não deixa sua condição de trabalhador ao experimentar a religiosidade ou o lazer ou ao se relacionar com a família, amigos ou quando se educa.

Neste sentido, este trabalho trata-se de uma investigação e uma interpretação acerca de parte da trajetória de vida dos trabalhadores ceramistas na cidade de Monte

³ Segundo o ex-predidente do sindicato, Huender Franco Dias, o Sindicato dos trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas de Monte Carmelo contava em 1998 com 380 filiados, ou seja, se considerarmos o total de 4000 trabalhadores ceramistas, os sindicalizados representavam naquela data, menos de 10% dos trabalhadores.

Carmelo/MG. E esta dissertação é o desenvolvimento de uma pesquisa anterior que realizei como monografia de graduação, na qual iniciei uma análise que buscava compreender as práticas cotidianas desses trabalhadores⁴.

A presença das cerâmicas na cidade é marcante, não tendo um local específico para a instalação dessas indústrias, elas se espalham de forma aleatória por toda cidade, tornando peculiar a arquitetura e demarcando o meio ambiente social da cidade com suas chaminés. (*Vide Foto 1, 2 e 3*).



Foto 1 – Rua Romualdo Resende e ao fundo as chaminés de algumas indústrias cerâmicas.



Foto 2 – Vista do Alto Batuque de onde pode-se observar as inúmeras indústrias da cidade.

⁴ SILVA, Patrícia Rodrigues da. Construindo uma história: trabalhadores ceramistas/ Monte Carmelo-1960/1997. Monografia de graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia, 1997.

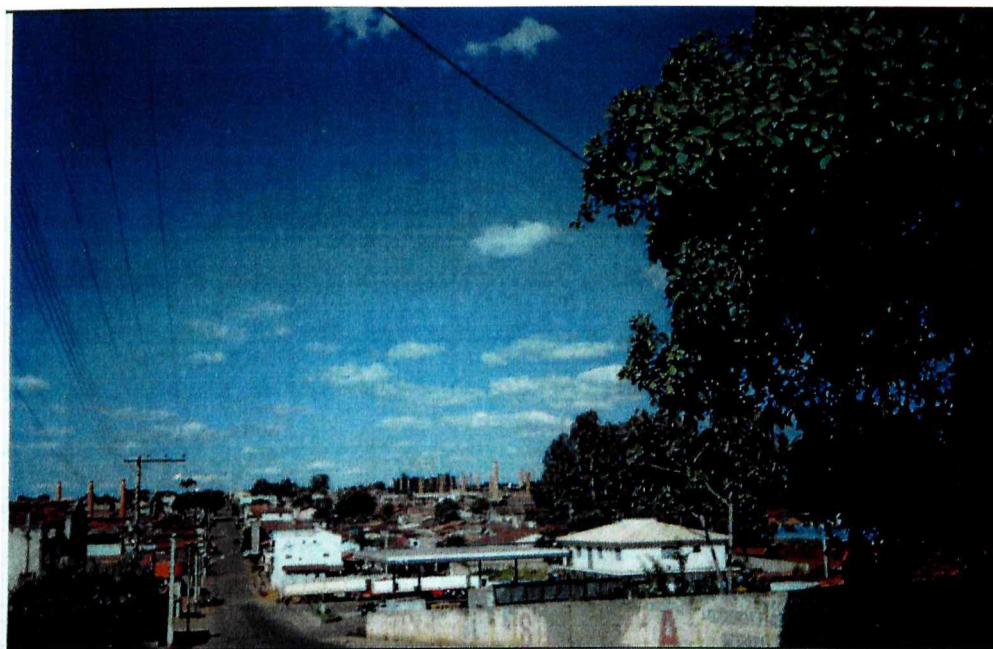


Foto 3 – Vista da rua Romualdo Resende.

A presença desses trabalhadores não é difícil de ser visualizada na cidade, especialmente nos horários de entrada e saída do trabalho e mesmo aos sábados, domingos e feriados, já que não raro são “obrigados” a fazer hora extra em função da grande demanda. Vê-se comumente grupos de adolescentes, homens e mulheres indo e voltando das cerâmicas, vê-se também trabalhadores sozinhos, de bicicletas ou à pé. Para identificá-los basta reparar suas roupas sujas de argila, observar suas expressões cansadas, percebe-se que são pessoas simples cujo cotidiano é marcado por uma dura luta pela sobrevivência.

No entanto, no decorrer da pesquisa pude perceber que no interior dessa condição comum de trabalhadores explorados, existe uma grande heterogeneidade de modos de vida e que se faz necessário valorizar as peculiaridades e diferenças para se entender a proficuidade das experiências vivenciadas pelos ceramistas.

Neste sentido, penso ser fundamental analisar as práticas cotidianas, os valores, tradições, lutas, sonhos, costumes, momentos de acomodação, resistência, mesmo sendo um universo tão heterogêneo. O significado desta análise é a *“possibilidade de explorar os pontos de disjunção entre os consagrados conceitos de “estrutura” e de “processo”, de uma outra perspectiva bem mais enriquecedora do que simplesmente o da exploração do trabalho, pois “verificamos que com ‘experiência’ e ‘Cultura’, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria*

experiência apenas como idéia, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou como instinto proletário, etc... Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade ou através de formas mais elaboradas, na arte ou nas convicções religiosas.”⁵

Desta forma a luta dos trabalhadores ceramistas em busca de sua sobrevivência é entendida como a história se configurando, ou seja, a história é feita desta forma, neste embate constante, onde às vezes esses trabalhadores conseguem se impor conquistando parte de seus anseios e necessidades, outras vezes se vêem obrigados a abrir mão deles para não perderem seus empregos, com momentos de resistência e outros de acomodação, num processo contínuo e inacabado.

É deste modo que se busca compreender as experiências vivenciadas pelos trabalhadores. Partindo de uma concepção de história que procura entender o ser humano a partir de seu próprio fazer-se, com suas contradições, modificando seu espaço, seus conceitos, suas vidas. Essa história não é feita por reis, heróis ou líderes, mas por homens comuns, e suas trajetórias de vida são trazidas para discussão a fim de se compreender parte deste processo.

A partir dessa concepção de história, podemos compreender como e através de quê a exploração da força de trabalho tem sido assegurada. Assim, entendemos que a exploração não se dá somente no âmbito do trabalho e nas relações estabelecidas com ele, mas se estende para os mais diversos aspectos que fazem parte da vida do trabalhador, ou seja, a religião, a educação, tradições, costumes, laços familiares, etc. Da mesma forma podemos perceber a contrapartida dessa situação: a resistência dos trabalhadores também não se dá somente nos âmbitos das instituições ou organizações, mas faz parte de seu dia a dia, da forma como vão construindo sua vida, por isso a necessidade de trazer para a investigação os vários aspectos que se configuram na forma de viver dos trabalhadores.

Essa concepção de história é ao mesmo tempo, instigadora e perturbadora. Ela instiga por que nos faz perceber que a história é feita todo dia, por homens e mulheres comuns, vivendo e criando formas de viver cotidianamente e que é a partir dessas ações simples (ou não) do dia a dia que as transformações vão ocorrendo. Por outro lado ela perturba por que é sempre uma história inacabada, é um processo contínuo, onde jamais

⁵ FENELON, Déia Ribeiro, “O Historiador e a Cultura popular: História de classe ou história do

poderemos abarcar o todo, mas apenas momentos, partes desse processo e por isso mesmo não podemos tentar encaixar nossas análises em quadros teóricos prontos e acabados, pois sempre surgem novos aspectos, novos dados, novas questões que certamente não irão caber numa determinada teoria. Daí a necessidade de estarmos sempre abertos ao diálogo com nossos pressupostos teóricos, sempre prontos a repensar nossos conceitos.

Perceber a importância da trajetória de vida dos trabalhadores para se entender o processo histórico o qual estão inseridos e são agentes de transformação, perceber como é fundamental entender as práticas cotidianas, os valores defendidos, as tradições legadas ou criadas, os costumes, enfim, os modos de viver forjados no dia-a-dia para se entender as transformações ocorridas ao longo da história, nos foi possível a partir de leituras, ainda na graduação, de historiadores preocupados em aliar a prática à teoria, sem deixar, contudo, uma se sobressair à outra. Historiadores preocupados em não deixar os feitos das lideranças ofuscarem a ação de milhares de pessoas comuns que interferem efetivamente no fazer da história.

Vale ressaltar, entretanto, que a leitura bibliográfica em nosso trabalho veio menos como um modelo e mais como uma inspiração para que pudéssemos interpretar as questões surgidas no decorrer da pesquisa, pois entendemos que ao propor um tema para análise não podemos recorrer a modelos explicativos para tentar entendê-lo, pois buscamos compreender uma realidade que é dinâmica, uma realidade vivenciada por pessoas de carne e osso que sentem na pele as transformações e lidam com elas a partir de suas experiências de vida. Sendo assim, não podemos pretender explicar essa realidade baseadas em teorias fechadas.

Neste sentido, a leitura de Thompson, historiador marxista inglês, foi fundamental, pois nos fez entender a necessidade desse diálogo constante entre teoria e prática, já que nossos “objetos” são modos de vida, representações, práticas sociais que não podem ser enquadradas sem que haja grandes perdas.

Thompson nos fala da necessidade deste paralelo entre a teoria e a prática da seguinte forma: “A prática histórica está, acima de tudo, empenhada nesse tipo de diálogo, que compreende: um debate entre, por um lado, conceitos ou hipóteses recebidos, inadequados ou ideologicamente informados, e por outro, evidências recentes ou inconvenientes; a elaboração de novas hipóteses, o teste dessas hipóteses

face às evidências, o que pode exigir o interrogatório de evidências existentes, mas de novas maneiras, ou uma renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que não suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daquelas que as suportam, à luz desse ajuste.”⁶

Outros autores também colaboraram para essa percepção do processo histórico, como é o caso da historiadora americana Natalie Zemon Davis - especialmente em sua obra “Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França moderna” - na qual ela analisa as transformações sociais ocorridas na França no início do século XVI a partir dos modos de vida forçados pela população de Lyon.

A colaboração veio então no sentido de que, ao propor um tema para análise faz-se necessário partir da realidade concreta dos sujeitos que estão sendo investigados. Buscar entender as relações que estes sujeitos travam, como constroem seus modos de vida (ou sua cultura) à partir de valores, costumes, tradições que lhes foram legadas ou criadas por eles.

Deste modo percebemos a necessidade de problematizar nossos conceitos, assim, muitas vezes precisamos abandonar nossos pré-conceitos para que possamos entender o outro, o sujeito investigado. Neste sentido entendemos que os conceitos só possuem algum sentido por que são investidos de significados pelas pessoas a partir daquilo que ela experimenta na sua trajetória de vida. Assim, antes de nos trazer soluções para as questões colocadas, entendemos os conceitos como problemas que também devem ser trabalhados.

Perceber a necessidade de problematizar os conceitos nos foi possibilitado também a partir da leitura de Raymond Williams, crítico marxista inglês, de maneira especial a partir de sua obra *Marxismo e Literatura*, onde ele aponta justamente para essa dinâmica dos conceitos. Assim, entendemos que os conceitos devem ser pensados a partir daquilo que nossa pesquisa aponta, ou seja, a partir da experiência vivenciada pelos trabalhadores.

Ao me propor interpretar a trajetória de vida dos trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo, é válido ressaltar que, busco entender um grupo determinado de trabalhadores cujas relações sociais ainda que estejam conectadas com um espaço mais amplo, já que não vivem isolados, são relações peculiares, que foram fundadas de acordo com as condições estabelecidas naquele local.

⁶ THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros*, RJ, Ed. Zahar, 1987. Pag. 54.

Para entender parte da trajetória de vida destes trabalhadores, penso então à partir da noção de processo histórico, entendendo que nossa organização social é uma construção histórica e que as pessoas estiveram/estão presentes no seu construir, forjando leis, políticas, costumes éticos e morais, etc.

A leitura de alguns textos de Claus Offe⁷ também foi importante na medida em que nos abriu caminho para pensar as relações de trabalho e suas transformações. À partir daí pudemos refletir acerca da reestruturação tecnológica por que passam muitas indústrias cerâmicas em Monte Carmelo. Assim, mais que uma modificação especificamente no processo de produção, ela atinge o conjunto das relações travadas pelos trabalhadores, ou seja, não se trata simplesmente de mecanizar determinado aparelho que antes era manual (por exemplo, a troca das grades pelas vagonetas ou ainda a substituição das prensas manuais pelas automáticas) ou ainda reorganizar o espaço da produção, mas são mudanças que mexem com todo o modo de vida do trabalhador, a relação com os colegas muda, pois ele tem que estar mais atento ao trabalho. Como a produção aumenta, seu desgaste é conseqüentemente maior, o trabalho torna-se mais estafante por que exige mais atenção e isso reflete na sua relação com a família, com os colegas de trabalho, na sua própria maneira de trabalhar.

Partindo das discussões travadas com as falas dos sujeitos, acreditamos ser oportuno interpretar os modos de vida dos trabalhadores ceramistas. Assim, a partir da representação que os ceramistas fazem de suas vidas, temos apreendido e interpretado parte da trajetória de vida destes trabalhadores.

Acreditamos que utilizando as fontes orais estamos trazendo para a pesquisa a perspectiva dos próprios trabalhadores. Por outro lado, é preciso colocar que, ao longo da pesquisa compreendemos a necessidade de ouvir também o “outro lado”, ou seja, percebemos que há a necessidade de realizar entrevistas também com os empresários, administradores e gerentes para entendermos o contraponto das questões postas pelos trabalhadores. Assim, entendemos que essas fontes podem nos oferecer subsídios para pensar no processo histórico não de uma forma unilateral, mas que ele é feito a partir de um embate constante de interesses divergentes, assim, o processo acaba sendo fruto desse conflito.

⁷ OFFE, Claus. Capitalismo desorganizado: transformações contemporâneas do trabalho e da política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Foram realizadas dezenove entrevistas com trabalhadores de diversas funções e duas com proprietários e uma com uma médica do trabalho que realiza um trabalho preventivo de acidentes em diversas cerâmicas em Monte Carmelo, totalizando vinte e uma entrevistas. Dessas vinte e uma entrevistas, quinze foram realizadas entre os anos de 1996 e 1997 quando demos início ao projeto, outras cinco foram realizadas em 2000, sendo três com trabalhadores que ainda não tínhamos entrevistado, uma com um trabalhador que já havia sido entrevistado em 1997, duas com proprietários de indústrias cerâmicas e uma com a médica do trabalho. A escolha dos entrevistados foi se dando na medida em que as entrevistas foram sendo realizadas e se verificava a possibilidade de entrevistar outros trabalhadores, através de colegas daqueles que já haviam sido entrevistados. Com os empresários procuramos aqueles que se dispuseram a conceder as entrevistas.

A utilização das entrevistas realizadas entre 1996 e 1997 se deu em função da proposta deste projeto, qual seja, um aprofundamento e um alargamento das questões postas naquele momento. Deste modo, ao retomar as entrevistas acima citadas, percebi que havia muitas questões que ainda não haviam sido trabalhadas ou que deveriam ser retrabalhadas, daí optei por utilizá-las.

Sendo assim, algumas questões que apareceram no primeiro projeto⁸ aparecem novamente aqui, inclusive algumas fotos e trechos dos depoimentos que foram utilizados lá.

Quanto ao tratamento com as entrevistas o procedimento utilizado foi o seguinte; gravei as entrevistas em fitas cassete, logo após, ouvi novamente as entrevistas e as transcrevi, fichando-as num terceiro momento de acordo com os assuntos tratados. Procurei não usar as falas simplesmente como exemplos de temas tratados, mas ao contrário, a partir da fala suscitar os temas a serem discutidos.

Na transcrição optei por manter o mais fielmente possível a linguagem falada pelos entrevistados, pois acredito que a linguagem carrega em si o universo cultural das pessoas, e seu modo de falar não são uma forma neutra de expressão, mas contém uma carga de significação que determina os grupos que as pessoas participam, suas experiências, as relações que estabelecem, seus valores e necessidades.

Neste sentido, concordamos com Eder Sader quando ele nos coloca que: *"(...) a linguagem não é um mero instrumento neutro que serve para comunicar alguma*

⁸ SILVA, Patrícia Rodrigues da. Op. Cit.

coisa que já existisse independentemente dela. A linguagem faz parte das instituições culturais com que nos encontramos ao sermos socializados. É na verdade a primeira delas e que dá o molde primordial através do qual daremos forma a qualquer de nossos impulsos. Ela é a condição tanto no sentido de que nos “condiciona”, nos inscreve num sistema já dado, quanto no sentido de que constitui um meio para alcançarmos outras realidades, ainda não dadas.”⁹

E é ainda Sader que nos coloca:

“(...) É através dos discursos que a carência virtual de bens materiais se atualiza numa carência de casa própria ou de um barraco, de sapatos ou de vestidos, de feijão com arroz ou carne de sol, de escola para os filhos ou televisão. É através dos discursos que a demanda do reconhecimento da própria dignidade pode ser satisfeita por meio do trabalho árduo ou da preservação do fim de semana para pescar, da liberdade individual ou da integridade da família, do culto religioso ou da liberdade política.”¹⁰

As fontes orais foram importantes, não para conhecer fatos e acontecimentos, mas para compreender a forma como os sujeitos experimentam suas vivências e como lidam com as experiências. Janaína Amado nos aponta para essa questão:

“A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear trajetórias inconscientes das lembranças, permite, portanto, compreender os diversos significados que os indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm.”¹¹

Deste modo, entendo que quando o sujeito fala de suas experiências/vivências, ele está nos apontando para a forma como lida com as questões postas no seu cotidiano, como reelabora seu passado partindo de suas experiências presentes, pois ao rememorar seu passado, este vem à luz de seu presente. Alistair Thomson, ao tratar da “memória” da guerra, assim se expressa:

“As histórias de vida que me foram contadas revelaram-se ricas em detalhes sobre a guerra e seus impactos, mas também profundamente influenciadas pelas vidas destes homens no pós guerra, por seu papel de contadores de histórias e por seu relacionamento comigo e com as lendas de suas vidas.”¹²

⁹ SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. 2ª ed. Paz e Terra, RJ, 1991. Pag. 57

¹⁰ SADER, Eder. Op. Cit. Pag. 58/9

¹¹ AMADO, Janaína. “O grande mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral.” HISTÓRIA, SP, Ed. UNESP, Vol. 14; pp.125-135; 1995. Pag.35

¹² THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. “Os debates sobre memória e

É necessário observar também que as entrevistas, ainda que realizadas com alguns sujeitos, revela também uma experiência que é coletiva. Essa coletividade é entendida não como algo homogêneo, mas pensando na heterogeneidade que compõe o mundo do trabalhador e que também se traduz nas necessidades e desejos comuns. Assim, o sujeito se mostra ao mesmo tempo um ser individual e social. Falando de suas experiências individuais, certamente estará expressando experiências coletivas.

De acordo com Eder Sader:

“Se pensarmos num sujeito coletivo, nós nos encontramos, em sua gênese, com um conjunto de necessidades, anseios, medos, motivações suscitado pela trama das relações sociais nas quais ele se constitui. Assim, se tomarmos um grupo de trabalhadores residentes numa determinada vila da periferia, podemos identificar suas carências, tanto de bens materiais necessários à sua reprodução material quanto de ações e símbolos através dos quais ele se reconhece naquilo que, em cada caso é considerado sua dignidade.”¹³

Outra questão importante a ser lembrada é que as fontes orais não se resumem à realização da entrevista, mas são antes de tudo, uma troca de experiências, elas exigem um envolvimento entre entrevistador e entrevistado. Exige também o trabalho do historiador, pois é ele quem dá o “tom” com sua reflexão. É o historiador que faz o trabalho de interpretar as experiências que foram confiadas a ele pelos entrevistados.

Phellipe Joutard nos explicita bem esta questão:

“É bem verdade que todo historiador lúcido sabe até que ponto ele mesmo se projeta em qualquer pesquisa histórica, de fato o historiador oral percebe ainda claramente: a qualidade da entrevista depende também do envolvimento do entrevistador e este, não raro obtém melhores resultados quando leva em conta sua própria subjetividade.”¹⁴

Outras fontes que também utilizei como material de pesquisa foram dados, estatísticas e mapas obtidos junto a órgãos públicos do município de Monte Carmelo como a Prefeitura municipal, IBGE. Também foram utilizados dois estudos (Estudo sócio econômico de Monte Carmelo e Perfil do município de Monte Carmelo)

história: Alguns aspectos internacionais.” IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. Usos e Abusos da História Oral. SP, Ed. Vértice. Pag. 66

¹³ SADER, Eder. Op. Cit. Pag.58

¹⁴ JOUTARD, Philippe. “história oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. Usos e Abusos da História Oral. SP, Ed. Vértice.

realizados respectivamente pelo SEBRAE e pela Caixa Econômica Federal de Monte Carmelo e ainda algumas fotografias. A exemplo de quaisquer outras fontes, os dados, os estudos e as fotografias, ainda que se mostrem neutros, não o são. Certamente servem para negar ou afirmar visões ou posicionamentos de quem os encomendou, ou seja, os setores dirigentes da cidade de Monte Carmelo, daí a necessidade de estar atento ao elegê-los como fontes de nossa pesquisa. Acredito, entretanto que podemos nos utilizar de tais fontes para uma interpretação que vá de acordo com nossos pressupostos à partir do cruzamento com outras fontes.

A utilização desse material foi importante na medida em que, possibilitou um entendimento do espaço que os trabalhadores travam suas relações. As fotografias puderam trazer para a pesquisa o trabalho dos ceramistas no interior da fábrica, ilustrando assim, a angustiante lida cotidiana desses trabalhadores, ou seja, os dados, estatísticas e fotografias nos ofereceram subsídios para entender o local onde os embates são travados, bem como a relação e a importância da cidade de Monte Carmelo na região, estado e mesmo país. Assim, partindo destes dados pude perceber a relação da cidade e dos trabalhadores com um espaço mais amplo.

Este trabalho foi dividido em três capítulos. No Capítulo um, que se intitula **“Monte Carmelo e o desenvolvimento da indústria ceramista - o espaço de relações dos trabalhadores”**, procurei entender como se deu o desenvolvimento e a consolidação da indústria cerâmica em Monte Carmelo, bem como o papel do trabalhador rural nesse processo. Assim, busquei localizar os trabalhadores na cidade, de forma especial aqueles vindos da zona rural, discutindo como e por que vieram para a cidade, já que constatamos que muitos trabalhadores vieram do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida e trabalho principalmente na década de 70.

No capítulo dois, intitulado **“O trabalho na indústria ceramista de Monte Carmelo: o cotidiano dos trabalhadores”**, busquei desenvolver uma discussão acerca do trabalho e as relações estabelecidas pelos trabalhadores no ambiente de trabalho, procurando também discutir o processo de produção e suas modificações ao longo dos anos, e como os trabalhadores e os empregadores analisam essas modificações. As condições de trabalho, a insalubridade da fábrica, a consciência e o descaso do patrão para com o trabalhador evidenciada em atos e depoimentos também são analisados neste capítulo.

No capítulo três, sob o título de **“Cotidiano: os trabalhadores fora da indústria ceramista”**, procurei discutir questões relativas ao cotidiano dos trabalhadores fora do ambiente de trabalho, destacando-se aí as práticas religiosas e as formas de lazer e diversão.

A escolha desses dois aspectos justifica-se pelo fato de que através, principalmente das entrevistas, percebi que essas eram duas questões que se faziam presentes de maneira contundente no cotidiano de muitos trabalhadores ceramistas, e, como procurei demonstrar nesse capítulo, parecem colaborar inclusive para uma limitação no relacionamento entre esses trabalhadores.

É importante salientar por fim que este trabalho não abarca todos os aspectos da vida dos trabalhadores ceramistas (nem é minha intenção fazê-lo), mas busca apreender parte das trajetórias de vida dessas pessoas com o intuito de entender os significados que elas atribuem às suas vidas.

CAPITULO 1

MONTE CARMELO E O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA CERAMISTA: ENTENDENDO O ESPAÇO DE RELAÇÕES DOS TRABALHADORES

Ao buscar uma compreensão acerca dos trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo enquanto sujeitos de um processo de luta pela sobrevivência faz-se necessário num primeiro momento refletir como essas pessoas vieram a se tornar trabalhadores ceramistas. Isto significa primeiramente estar atento para uma conjuntura, que em muitos casos expropriou trabalhadores do meio rural, não deixando outra alternativa senão uma migração para a cidade.

Assim, neste primeiro capítulo se buscará compreender a conjuntura que favoreceu o desenvolvimento e consolidação da indústria ceramista na cidade de Monte Carmelo/MG.

Monte Carmelo é uma pequena cidade localizada geograficamente na parte oeste do estado de Minas Gerais, na zona do Alto Paranaíba com uma população total de aproximadamente 42.000 habitantes¹⁵. Situando-se na macro-região do Alto Paranaíba, Monte Carmelo é considerada cidade pólo¹⁶, influenciando cidades como Iraí de Minas, Romaria, Douradoquara, Grupiara, Estrela do Sul, Abadia dos Dourados e Coromandel (ver mapa 1). A indústria de cerâmica estrutural ou vermelha (telhas e tijolos) é expressiva para a economia da cidade. De acordo com a relação das indústrias contribuintes credenciadas junto à Prefeitura Municipal no ano de 2000, das 69 indústrias existentes em Monte Carmelo, 49 eram cerâmicas. Conforme informações obtidas junto a ACEMC (Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo), as cerâmicas, no ano de 2000, geravam em torno de 4000 empregos diretos, isto significa dizer que,

¹⁵ IBGE - Censo demográfico - 1998 (41.971 habitantes)

¹⁶ CAIXA Econômica Federal. Perfil do Município de Monte Carmelo/MG - Parceria para o Desenvolvimento, Outubro, 1999.

em torno de 71% do total de indústrias do município de Monte Carmelo são indústrias cerâmicas que abarcam aproximadamente 10% do total de habitantes da cidade.



Figura 1 – Municípios limítrofes e vias de acesso à Monte Carmelo¹⁷.

Ainda que não se possa precisar o número exato de trabalhadores ceramistas advindos do meio rural, é possível perceber, principalmente através das entrevistas, que estes trabalhadores migrantes vieram em grande número e se engajaram no trabalho ceramista entre as décadas de 70 e 80, quando as possibilidades de sobrevivência no campo pareciam estar se esgotando.

Assim, Carlos Antônio da Silva, 37 anos, casado, 2 filhos, trabalhador ceramista há 15 anos, atualmente trabalha como lenheiro na cerâmica Nossa Senhora do Carmo, ao rememorar sua saída do campo, aponta para um alto índice de migração e traduz na sua fala a angústia de muitos trabalhadores rurais que também se viram “empurrados” para a cidade no decorrer das décadas de 70 e 80 na região do Alto Paraníba em função da chamada “modernização da agricultura”.

“vei muita gente. Na época nós fomo muita gente que ficharo nessa época... teve, teve muita gente... nossa! Nessa época... 50% da população que disinvorveu a cerâmica vei da roça. 50, 60%...”

¹⁷ Este mapa se encontra no documento: Caixa Econômica Federal, Op. Cit. pp16.

“Aí ce ficava deveno 500 saca, 400 saca de adubo, ficava deveno sirviço de trator, ce ficava deveno o banco, ce ficava deveno dia de serviço, de trabalho pas pessoa que trabaia lá, braçal, aí cumé que ce ia custiá isso tudo. Aí ce tinha que fazê um balanço vendê as terra e pagá , quitá e o quê que sobrô? Sobrava... quando ce vendia as terra naquela época, sobrava o quê? Sobrava uma casa na cidade, um lote... o que sobrô pra muita gente foi isso.”(04/01/2001)

A fala de Carlos mostra a maneira como ele percebeu todo um processo que provocou a expulsão de muitos camponeses de seu meio. Processo esse que já havia se iniciado antes de 1988, ano de sua migração, e que na vida de muitos trabalhadores significou a (expropriação) de seu meio, em função de uma intensificação na concentração de renda do país¹⁸.

Fugir das dificuldades enfrentadas no campo, buscar um futuro melhor para si e para sua família, viver com mais dignidade, enfim, melhorar suas condições de vida. Ao rememorar suas trajetórias, muitos trabalhadores, transmitem a idéia de que a vinda para a cidade representava tudo isso. Ou seja, a cidade é descrita pelo o trabalhador enquanto um local que abarca uma série de expectativas, um espaço que abriga melhores oportunidades que o campo, onde o homem tem mais recursos e melhores chances de viver com dignidade. Entretanto, quando vem para a cidade, o trabalhador deixa notar que essas expectativas não parecem ser correspondidas pela realidade que encontra, que a vida na cidade, longe de ser a melhoria que sonhara, traz também inúmeras dificuldades, as quais, este trabalhador terá que ir se adaptando e modificando a medida que pode, pois voltar já não parece mais possível.

O depoimento do Sr. Odair, casado, 55 anos, 3 filhos, trabalhador ceramista em Monte Carmelo desde o final da década de 70, permite refletir como, o trabalhador se vê cada vez mais despossuído e como vai buscando alternativas de sobrevivência, colocando suas expectativas numa e noutra possibilidade, escrevendo desta forma, sua história.

O Sr. Odair conta através de seu depoimento, como, as dificuldades enfrentadas na roça desde a infância, foram se tornando cada vez maiores e o empurrando a cada dia para a cidade.

Em sua fala, ele conta que, tendo nascido e se criado na zona rural, desde cedo começou a trabalhar. Seus pais moravam com o seu avô e todos tinham que trabalhar.

¹⁸ PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Características da modernização da agricultura e do desenvolvimento rural em Uberlândia. Rio Claro/SP. Dissertação (mestrado), Unesp, 1982.

Pôde estudar muito pouco, terminou apenas a 4ª série primária, quando seu avô adoeceu e ele com 10 anos de idade teve que parar de estudar para assumir as responsabilidades da casa, já que era o filho mais velho.

Como as condições de sobrevivência estavam cada dia mais difíceis, resolveram juntamente com mais 15 famílias moradoras da região, migrarem para a região de Goiás, onde sua família permaneceu trabalhando a terra durante dois anos (1958/1960), como não conseguiram melhorar, resolveram migrar novamente, foram então para a cidade de Cumari/GO em 1960, onde o Sr. Odair teve contato com o trabalho em cerâmica pela primeira vez.

“Aí nós pegamo, mudamo pro Goiás... fui trabaia em cerâmica, lá no Goiás. Fui trabalhá numa cerâmica dum tio meu lá no Goiás, isso foi em 60... que eu trabaiei lá, nós fomo em 58, aí, nós tocamo lavora lá 2 ano... passado esses 2 ano, aí eu fui trabaia em cerâmica, trabaiei em cerâmica até 63. 63 a gente voltou pra tráz...” (12/10/96)

Assim, diante de tantas dificuldades encontradas e da impossibilidade de melhorar de vida, a família resolve voltar para Minas e tentar retomar sua vida de cinco anos atrás. E desta forma vão vivendo, até que se vêem obrigados a saírem novamente de suas terras, pois com a introdução de máquinas e insumos agrícolas torna-se cada vez mais difícil a vida da família do Sr. Odair (agora já casado e com 3 filhos), pois, apesar de possuírem uma pequena propriedade, já não têm como produzir nela sem implantar as novas técnicas de plantio, sem se utilizar de novos insumos e maquinários. Tudo isso se junta à falta de assistência médica e escolar que acaba os forçando a sair em busca de melhoras.

O Sr. Odair fala sobre a situação em que se encontrava quando decidiu ir para Monte Carmelo da seguinte maneira:

“... Por que a roça nós já tava teno dificuldade, no local que a gente morava, a gente tava teno dificuldade de tocá a roça, que tudo dipindia de adubo, questã de maquinário, então a gente num tinha como suatentá aquilo, né? Então eu acho o seguinte que... a busca... de mais... de nós tê saído da roça pra cidade, pensano nos futuro dos filho ... Por que? Porque a roça num tem condição do cê dá uns futuro pros filho, igual... nós tinha um terrenim lá, mais era terreno pequeno, né? Num tinha assim, como disinvolvê nele, né?” (20/04/97)

Deste modo, o Sr. Odair chegou a Monte Carmelo, com a esperança de enfim, conseguir melhorar de vida. Porém quando chega à cidade, em 1979, só encontra

trabalho na cerâmica, como ele mesmo aponta. Assim, começa sua trajetória de trabalhador ceramista em Monte Carmelo. Trabalhando primeiro na construção da cerâmica, logo que começa a fase de produção, passa a trabalhar para a cerâmica, onde está até hoje, ou seja, 2001.

A trajetória do Sr. Odair é apenas um exemplo dentre os vários que se pode citar. Ele é mais um trabalhador que se vê, ao longo da vida, na necessidade de migrar de um lugar para outro em busca de sua sobrevivência. Assim, dentre os entrevistados, o Sr. Sebastião, o Sr. Zezinho, o Pedro... Também vieram para Monte Carmelo procurando melhores condições de vida.

Se percebendo espoliados e sem condições de continuarem no campo, sua única alternativa foi migrarem para a cidade, que por sua vez se mostrava como um espaço onde haveria mais oportunidades. Um espaço onde teriam acesso mais fácil à saúde, educação, ao emprego, enfim, um espaço onde teriam de fato, maiores chances de melhorar suas vidas.

23.3.2017 Ao chegarem à cidade, entretanto, suas expectativas parecem ter sido em grande parte frustradas. Pois o grande contingente que chega à cidade numa mesma época sem que a cidade esteja preparada para recebê-los, acaba aumentando as dificuldades, pois não tem infra-estrutura nem empregos suficientes para abarcar a grande demanda. Assim, esses trabalhadores começam a experienciar outra trajetória de luta em busca de melhores condições de vida.

As dificuldades enfrentadas no campo parecem ter empurrado muitas pessoas para o núcleo urbano, tanto em busca de melhor nível de instrução, como em busca de atendimento médico fornecido pela cidade, ou ainda em busca de um trabalho que garantisse melhores condições de vida. Essas questões podem ser visualizadas à partir de depoimentos como o do Sr. José Alves Borges (Sr. Zezinho), 56 anos, casado, 6 filhos, aposentado, ex caminhoneiro da cerâmica Inca, quando recorda de sua infância na zona rural, ele conta que se quisesse estudar tinha que andar longas distâncias e ainda conviver com a escassez de professores aliada ao fato de que o nível de instrução na zona rural não passava do ensino básico, onde os alunos não aprendiam mais que as primeiras lições de Matemática e Português. O que na opinião do Sr. Zezinho era algo positivo:

“Ah! Na época, cê ia longe pra estudá e, cê... era fraco, mais acho que é melhor, que certos tipo de hoje, porque, tem uns tipo de estudo, cê estudava só aquilo mesmo que cê precisava, né? Hoje talvez tem umas

coisa que as veiz num pricisava, num desenhava, num fazia, muitas coisa cê num fazia, estudava era matemática, era... aprendia a lê, né? E... tinha ditado, só essas coisa assim... (...) na roça era difícil, né? Na roça num tinha professora que dava, até o 4º ano, né?(05/09/97)

Mesmo através de um depoimento um tanto contraditório, onde ao mesmo tempo em que exalta o aprendizado na zona rural, o Sr. Zezinho reconhece suas falhas, pode-se perceber as dificuldades das crianças em estudar, ou seja, andar longas distâncias, a falta de professores especializados e em número suficiente para abarcar a demanda.

Outra questão que também pode ser apontada, como fator que estimula o êxodo rural, é a falta de atendimento médico:

“Aí... e logo minha mãe muito doente, né?(...) e ela... não, tem que ir pra cidade, por que na roça num tem recurso...(Sr. Odair-20/04/97)

Neste sentido, a falta de escolas e atendimento médico, são fatores que, ao que parece, concorrem para estimular o êxodo rural. Esses problemas sociais parecem ir se agravando na medida em que o campo vai se reestruturando para atender à expansão capitalista.

Já na década de 50 (*observe a Tabela 1*) pode-se observar um expressivo êxodo rural na região. O que é possível, num primeiro momento atribuir à construção de Brasília que se dá nessa época e à penetração da BR050 pelo Triângulo Mineiro, ligando a capital federal a São Paulo. Entretanto, esse êxodo rural que começa a ser observado já nesse período, parece ser consequência também, fundamentalmente, de uma profunda modificação, pela qual começa a passar o país nesse momento.

Tabela 1. / *Censo de 1996 /Fonte: IBGE

<i>Década</i>	<i>População Urbana</i>	<i>População Rural</i>
<i>50</i>	<i>4.122</i>	<i>9.249</i>
<i>60</i>	<i>10.016</i>	<i>8.123</i>
<i>70</i>	<i>13.439</i>	<i>6.978</i>
<i>80</i>	<i>21.650</i>	<i>5.224</i>
<i>90*</i>	<i>33.356</i>	<i>6.356</i>

Assim, para compreender como e em função de quê começa a ser observado esse êxodo rural num espaço mais amplo, qual seja, o país como um todo e a região Sudeste em particular, partiu-se do trabalho da geógrafa Vera Salazar¹⁹ que se mostra importante na tentativa de compreender as transformações ocorridas na agricultura brasileira a partir dos anos 50 e que vão se efetivar nas décadas subseqüentes, especialmente 70 e 80, e como essas transformações vão estar diretamente ligadas à saída do homem do campo em direção à cidade, acarretando, decadência da qualidade de vida e o inchamento das cidades.

acq 30
+ 1110
50

Portanto, a partir da década de 50, observa-se um crescimento industrial no Brasil, o que vai contribuir para um crescimento na agricultura nas duas décadas seguintes. Esse crescimento na agricultura deve-se principalmente à crescente produção de implementos agrícolas, insumos, adubos químicos, defensivos, combustíveis lubrificantes e maquinários agrícolas, o que se convencionou chamar de “modernização da agricultura”.

Neste sentido, à medida que vai ocorrendo essa “modernização”, vai havendo também uma exigência cada vez maior de capital para sua implementação. Isso torna a situação do pequeno e médio produtor cada vez mais complicada, pois, por um lado, há a necessidade cada vez mais crescente que ele “modernize” sua produção, para que tenha condições de concorrer no mercado com os grandes produtores que têm capital para investir, por outro lado, a falta de dinheiro para investir os empurra para uma tal situação, que ele acaba vendo como solução sua saída do campo rumo à cidade em busca de alternativas melhores.

Percebe-se desta forma que, o pequeno e médio produtor, antes de ser beneficiado por essas transformações acabou sendo prejudicado, pois se viram cada vez mais despossuídos, espoliados, obrigados a deixarem seus lugares de origem, deixando para trás todo um modo de vida forjado ao longo dos anos, e migrarem para as cidades em busca de melhores condições de vida, procurando então se adaptar a um novo “mundo”. Esses trabalhadores foram para as cidades levando muitos valores, criando novos modos de vida, adaptando antigos costumes, se acostumando a uma nova vida de acordo com as possibilidades oferecidas por cada lugar.

Essa “modernização” no campo se adentra e se intensifica na década de 70. Na região do cerrado brasileiro, que até então se encontrava vazio e desvalorizado, ela foi

¹⁹ PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Op. Cit.

promovida e incentivada pelo governo federal (governos militares) através de programas (POLOCENTRO e PRODECER) e incentivos à política agrária, provocando aí muitas transformações sócio-econômicas.

A região Sudeste foi, portanto, introduzida nesses programas, já que possui vastas áreas de cerrado. Assim, o Estado acabou contribuindo de forma efetiva na expropriação de muitos trabalhadores rurais, transformando-os em trabalhadores assalariados.

Esse processo de expropriação de trabalhadores do campo é discutido por BOSI²⁰, que aponta para a impossibilidade da sobrevivência na zona rural em função da expropriação dos meios de produção juntamente com uma piora nas condições de trabalho e de sobrevivência aliados à esperança de que a vida na cidade seria melhor.

Entretanto, antes da implantação do POLOCENTRO e do PRODECER dois outros programas (PCI - Programa de crédito integrado e incorporação dos cerrados em 1972 e PADAP – Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba em 1973) foram implantados com vistas a viabilizar economicamente o cerrado. Estes programas ao que tudo indica, parecem ter servido como um preparo para a implementação daqueles.

Salazar²¹ aponta que o PCI, elaborado pelo BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais), apesar de ter contribuído para a modernização da agricultura nos cerrados mineiros, não obteve resultados satisfatórios quanto a promover uma transformação tecnológica na média e grande propriedade.

Quanto ao PADAP, que se desenvolveu sob a coordenação da CAC (Cooperativa Agrícola de Cotia) a partir de 1973, Salazar, aponta para a natureza efetiva deste programa no que diz respeito à “*exploração agrícola intensiva no cerrado...*”²².

Deste modo, ao que parece, através desses programas de menor proporção, foi se construindo toda a infraestrutura necessária à produção e ao comércio agropecuário para a implantação do POLOCENTRO em 1975²³.

Em 1976 é firmado um acordo entre o capital japonês e o Brasil que ficou conhecido como JICA (Japan International Cooperation Agency) e que consistia em tornar a ação de aproveitamento econômico no cerrado mais intensa. De acordo com

²⁰ BOSI. Antônio de Pádua. Op. Cit.

²¹ SALAZAR, Vera. “Ações do Estado e as transformações agrárias do cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba-MG”. Rio Claro: IGCE/UNESP, 1988 (Tese doutorado.)

²² SALAZAR, Vera. Op cit. Pag. 101

Vera²⁴ esse acordo foi como um ponto de partida para o PRODECER (Projeto Nipo-brasileiro de desenvolvimento agrícola das regiões dos cerrados), que foi efetivado a partir de 1980, possibilitando a expansão capitalista no campo através de uma reorganização da área do cerrado.

Desse modo “*financiados pelo capital japonês, em parceria com tecnologia de ponta destinada ao plantio do café e da soja, e incentivados pelas possibilidades de elevação das divisas externas através da exportação, os governos militares facilitaram a aquisição de vastas áreas do cerrado nas localidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba por parte de empresas consorciadas como a CAC (Cooperativa Agrícola de Cotia), através de órgãos governamentais estaduais, federais e mundiais, como a secretaria de Agricultura, ACAR (hoje EMATER), PIPAMIG (hoje EPAMIG), CAMIG, CASEMG e o Banco Central e Banco Mundial (este último com o empréstimo de aproximadamente 32,9 milhões de dólares em 1973)*”²⁵.

Assim, com a expansão da fronteira agrícola para o oeste mineiro, o município de Monte Carmelo viu-se beneficiado pela ampliação da infra-estrutura regional de transporte, com a implantação e asfaltamento da MG190, ligando a cidade à BR365.

A projeção do município para além de seu espaço regional é acompanhada por mudanças fundamentais no espaço urbano, como, inovações tecnológicas na agricultura (cultivos de alta rentabilidade voltados para exportação) e maior absorção de força de trabalho migrante, proveniente da zona rural.

Santos²⁶ aponta para as ações do Plano Nacional de Desenvolvimento (1972-1974) implantada pelo governo federal em Minas Gerais e mais especificamente para a região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, mostrando, como os empresários carmelitanos, se aproveitaram de todo esse “clima de planos, programas e projetos” governamentais voltados para o desenvolvimento econômico da região, e reivindicaram, através de sua organização, a ACIMC (Associação Comercial e Industrial de Monte Carmelo), a inclusão da cidade de Monte Carmelo na área de atuação da SUDECO, conseguindo seus objetivos a partir de 1975 com o II PND, quando Monte Carmelo é introduzida no POLOCENTRO como área fundamental em Minas Gerais. Santos coloca ainda que “*de concreto, dentro do esquema de desenvolvimento proposto por tal plano,*

²³ BOSI, Antônio de Pádua. Op. Cit. Citação pag.39

²⁴ SALAZAR, Vera. Op. Cit. Pp.110

²⁵ BOSI, Antônio de Pádua. Op. Cit. Pag 40.

²⁶ SANTOS, Marcos Moreira. Op. Cit.

viabilizou-se construção de estradas vicinais, eletrificação e telefonia rural, construção de silos armazenadores de grãos, financiamento e crédito rural e assistência técnica, entre outros, que proporcionaram a Monte Carmelo o desenvolvimento necessário e articulado a um projeto político nacional.”²⁷

Ressalta-se deste modo que, os investimentos e incentivos que partiram do governo federal, antes de estarem voltados para o incentivo a pequenos e médios produtores, estavam voltados para os grandes, com vistas à exportação. Assim, os trabalhadores rurais se viram obrigados a migrarem para as cidades em função da falta de capital para investir em suas lavouras impossibilitando a concorrência com os grandes produtores.

Aliado a esse espoliamento, os trabalhadores rurais vão para as cidades em busca de melhores condições de vida, ou seja, buscam também educação e saúde, que julgam ter melhor acesso no espaço urbano.

Outra questão que parece ter contribuído para a saída do homem do campo, segundo nos aponta Salazar²⁸, foi a extensão dos direitos trabalhistas ao campo na década de 60. Deste modo, ao aumentar os encargos a serem pagos pelos produtores, muitos preferiram despedir os trabalhadores e trabalhar a terra juntamente com suas famílias ou contratar trabalhadores por períodos determinados (na plantação ou na colheita).

Aliadas às outras questões, a instabilidade climática também parece se tornar um impulso à migração campo/cidade.

Carlos fala sobre esta conjugação de fatores que impulsionou muitos trabalhadores a abandonarem o meio rural da seguinte forma:

“Cê prantava, quando nascia tudo bem que tava numa época boa, que ce achava que ce achava que ia faze uma boa colheta, as lavora tava tudo bunita. Faltava chuva. Aí faltava chuva matava tudo. Vinha aquele sol matava tudo, aí... a ...a vaca ia pru bejo aí nada tirava ela de lá. Aí financiamento que ocê fazia, aquilo era uma peleja procê. Ce tinha que ta brigano cum gerente do banco, renovano contrato outra vez, de financiamento pra fica pro próximo ano, pricisava dum médico num tinha, pricisava dum dentista tinha que corrê pra cidade era uma difiuldade só...”(04/01/2001)

²⁷ Idem. Pag.22-23

²⁸ PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Características da modernização da agricultura e do desenvolvimento rural em Uberlândia. Rio Claro/SP. Dissertação (mestrado), Unesp, 1982.

Percebe-se assim, que vários foram os fatores que, aliados ou conjugados contribuíram para o êxodo rural no Brasil que se tornou expressivo em 70, no período do chamado Milagre Econômico. A cidade se mostra então como uma possibilidade de melhoria de vida diante do surto industrial experimentado nesse período e das péssimas condições vividas no campo.

Todas essas transformações que vão se desencadear na década de 70 começam a ser preparadas já na década de 50 de acordo com Vera:

“... essas transformações foram viabilizadas pela ação do Estado e incentivadas, principalmente, por medidas referentes a incentivos fiscais, crédito rural e implantação de grandes eixos rodoviários, através de espaços francamente ocupados. Essas medidas, apesar de estarem presentes na década anterior tiveram seus efeitos somados e combinados às condições do contexto econômico, ou seja, a fase do “milagre” econômico, onde o país assistiu no período de 1968 e 1974 o fortalecimento constante das grandes empresas rurais e as agroindústrias. Essas medidas foram responsáveis pelas grandes transformações dos anos 70. A década de 70-80 foi o reflexo do processo iniciado no começo dos anos 50.”²⁹

Diante de tais apontamentos é importante salientar que toda essa transformação ocorrida no campo não foi acompanhada por uma melhoria das condições de vida do trabalhador rural. Neste sentido, mesmo havendo toda uma modificação nas técnicas e maneiras de trabalhar o campo, o pequeno produtor continua (e até intensifica) sem condições de saúde, educação, assistência técnica, eletrificação rural, evidenciando que todas as transformações nesse momento parecem estar voltadas mesmo aos grandes produtores e às exportações. Assim, o trabalhador se vê cada vez mais despossuído, desvalorizado e na iminência de uma migração para a cidade para tentar uma vida melhor, já que a cidade parece apontar para um espaço de maior possibilidades, com maior acesso à saúde, educação e até mesmo um emprego, onde possa assegurar sua sobrevivência, apesar da não especialização destes trabalhadores para o trabalho na cidade.

Através dos dados fornecidos pela tabela 1, na qual se percebe o aumento da população urbana e a diminuição da população rural, nas últimas décadas, e através das informações da tabela 2, onde consta o crescimento da indústria ceramista, é possível

²⁹ PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. *idem*. Pag. 52.

ver que esta indústria tem no êxodo rural um forte aliado para seu desenvolvimento e consolidação na cidade de Monte Carmelo. Assim, a abundância de matéria-prima (a argila) existente na região aliada a um contingente de força de trabalho liberada do campo parece colaborar efetivamente na expansão dessa atividade que vai se tornar tão importante para a economia da cidade e região.

Tabela 2/Fonte: Relação de Contribuintes Inscritos na Prefeitura Municipal de Monte Carmelo.

<i>Década</i>	<i>N. de Cerâmicas</i>	<i>Total</i>
<i>50</i>	<i>1</i>	<i>1</i>
<i>60</i>	<i>6</i>	<i>7</i>
<i>70</i>	<i>6</i>	<i>13</i>
<i>80</i>	<i>9</i>	<i>22</i>
<i>90</i>	<i>27</i>	<i>49</i>

Neste sentido, percebe-se um conjunto de fatores que parecem ter concorrido na formação de uma conjuntura que permitiu o desenvolvimento e consolidação das indústrias ceramistas em Monte Carmelo, como por exemplo, a ação dos empresários locais e o plano nacional de desenvolvimento econômico.

Destaca-se, entretanto, a política de “modernização do campo”, que provocando um intenso êxodo rural, como já foi observado anteriormente, liberou muitos trabalhadores do campo, cujo trabalho parece ter contribuído de forma fundamental na consolidação das indústrias cerâmicas em Monte Carmelo, pois, entende-se que, ainda que tivesse toda uma infra-estrutura que favorecesse seu desenvolvimento, a escassez de trabalhadores na cidade provavelmente não favoreceria esse desenvolvimento e consolidação.

Ao recordar a época em que chegou à Monte Carmelo, já na década de 80, Carlos fala sobre a escassez de trabalhadores na cidade, da seguinte forma:

“... era uma época muito boa pra mexe com cerâmica, por que é... é, tinha muita poca gente, muito poco ... trabaiaidô na cidade né? Então nessa época, quarquê cerâmica que ocê chegava tava de porta aberta, esperano memo os empregado... como diz o caso né? Como es dizia aí, né? Es ficava no portão pegano com o laço, era muito difícil arranjá foncionário...”(04/01/2001)

Sobre essa mesma questão, qual seja, a importância da participação dos trabalhadores migrantes do campo na consolidação das indústrias ceramistas carmelitanas, o depoimento do Sr. Divaldo Fernandes Mendes, carmelitano, 42 anos casado, 3 filhos, proprietário da cerâmica Araras pode ser revelador:

“... que eu comecei tem pouco tempo, né? mais meu... sempre meu pai falava que... isso nos idos de 70 e até mesmo no cumecim de 80, que tinha barro, tinha máquina, mais num tinha como aproveitar por que num tinha funcionário suficiente. Mais vei muita gente da roça, né? Foi es que foi engajano, engajano na cerâmica. Foi bão pra es né? Por que chegava aqui e já tinha emprego certo, né? Aí foi milhorano, milhorano, até que hoje sobra mão- de- obra...”
(21/07/2000)

Deste modo, entende-se que a “modernização rural” promovida pelos governos militares a partir da década de 70, parece ter sido fundamental na consolidação da indústria ceramista em Monte Carmelo, já que, provocando um intenso êxodo rural levou muitos trabalhadores ao trabalho nas cerâmicas e conseqüentemente possibilitou a essas indústrias a solidificação econômica na cidade e região.

Sair de seu lugar de origem, ou seja, deixar a zona rural. Abandonar uma série de valores, costumes, tradições; conservar alguns, modificar outros. Transformar modos de vida forjados cotidianamente ao longo dos anos, em favor de uma busca de melhores condições de vida na cidade. Este parece ter sido o destino de muitos trabalhadores ceramistas na cidade de Monte Carmelo.

Ao falar sobre sua chegada à Monte Carmelo, Carlos fala sobre seu estranhamento com um lugar e costumes tão diferentes dos seus, seu depoimento transmite a aflição sentida naquele momento quando percebeu que teria que modificar todo um modo de vida que fazia parte de seu cotidiano há muito tempo:

“Uai, eu tive a impressão assim, que num ia adaptá, né? Não, não... num ia adaptá na cidade, por que é muito difícil uma pessoa que vive uma vida intera na zona rural e depois se adaptá na cidade, né? É tudo muito diferente, foi muito sofrimento...” (04/01/2001)

Acostumado a seguir o tempo da “natureza” quando vivia na zona rural, Carlos diz, que o mais difícil para ele foi se adaptar ao horário imposto pelo ritmo da fábrica, ou seja, o tempo do “relógio”:

“... na roça ce fica a vontade, né? Ce é igual um pássaro ... Aí ce tem por exemplo, o sol tá de fora ce ta trabalhando, escureceu que seja ce toma seu banho, janta vai deitá, por que num tem nada mais pra fazer. a ... sempre mais fácil, agora na roça, aqui na cidade não, aqui na cidade tem hora certa de trabaiá....” (04/02/2001)

Assim, além de ser expropriado materialmente, este trabalhador como inúmeros outros, se viu constrangido a mudar um modo de vida que trouxera consigo até então. Sua vida se viu transformada independente de sua vontade, mas, em função de uma expansão capitalista que ele não planejava, mas que o “atropelou”, forçando-o modificar seus padrões, costumes, formas de viver para garantir sua sobrevivência.

A dificuldade de mudar padrões forjados ao longo da vida é colocada por Carlos da seguinte maneira:

“Então é uma vida muito currida, e a gente na roça, a gente é acostumado deitá cedo, na cidade ce deita só tarde, fora de hora. Então é um... um... uma coisa muito custosa pa gente. Mais depois que passa o tempo e o esforço da gente, a gente se adaptô na cidade e deu certo. Mais até que ce custuma, oh! Vô te contá, é muito custoso”. (04/02/2001)

Assim, ao chegaram à cidade, totalmente espoliados, muitos trabalhadores voltam ao campo, agora como bóias-frias; muitas trabalhadoras vão para o trabalho doméstico, já que não possuem qualificação e nem a cidade oferecia tantas oportunidades como pensavam. Muitos trabalhadores começam então a se engajar no trabalho cerâmico, atividade que começa a se desenvolver na cidade. Esses trabalhadores se vêem inseridos num contexto diferente do campo, mas que também exigem um cotidiano de luta se quiserem melhorar suas condições de vida.

Se vêm conseguindo ou não melhorar suas condições de vida é uma avaliação que cabe a eles. Muitos acreditam que sim, que hoje suas vidas estão bem melhores ainda que sintam saudade dos tempos em que moravam no campo, o que já é um indicativo de que não melhoraram tanto quanto acreditam ou querem acreditar. Entretanto, quando falam das vantagens que tiveram vindo para a cidade, o fazem sempre mediante à lembrança da experiência que tiveram na zona rural, com grandes dificuldades, sem assistência médica, sem escolas, sem benefícios como água encanada e luz. Neste sentido, sua avaliação normalmente será positiva, pois na cidade, mesmo com assistência médica precária, é mais fácil sua locomoção até um hospital ou posto de saúde, ainda que tenha que esperar oito ou dez horas na fila correndo o risco de só

serem atendidos no dia, semana ou mês seguinte. Em 1999, a distribuição da água tratada e encanada em Monte Carmelo cobre, de acordo com o DEMAÉ (Deptº Municipal de Água e Esgoto), 97% da população e a iluminação pública, de acordo com dados obtidos junto a CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais), 100% dos domicílios. (*observe as tabelas 3 e 4*).

Tabela 3

Fonte: DEMAÉ – Monte Carmelo/MG

DEMAÉ	
<i>Ano</i>	<i>População Assistida</i>
1991	90%
1996	95%
1997	95%
1998	95%
1999	97%

Tabela 4

Fonte: Relatório da CEMIG – Consumo e Receita por local – Monte Carmelo/MG

CEMIG	
<i>Ano</i>	<i>População Assistida</i>
1994	90%
1995	91%
1996	92%
1997	98%
1998	99%
1999	100%

Ainda que os dados possam ser questionados, a questão que se coloca é que, quando partem da experiência presente para rememorar seu passado, muitos trabalhadores parecem perceber uma grande melhora. Nota-se, no entanto que mesmo sugerindo esta melhora, quando chegam à cidade, “expulsos” de suas terras, a situação destes não era tão boa. De acordo com os dados trabalhados por Pádua³⁰, como na década de 70, a cidade não estava preparada para receber o contingente que recebeu, as famílias trabalhadoras, especialmente as migrantes, tiveram inúmeras dificuldades com a falta de moradia, a precariedade nos serviços de água, luz, saúde e escolas.

Em 1999 observou-se que *“das edificações existentes em Monte Carmelo, 95% possuem paredes de tijolos, 90% são cobertas com telhas de cerâmica e 5% com telhas de amianto. A laje está presente em 70% das moradias.”*³¹

Esses dados podem sugerir muita coisa, entretanto não explicam nada. Pois uma casa pode ter sido feita de tijolos, coberta com telhas de cerâmica, e ser uma casa extremamente simples, com dois ou três cômodos. No mesmo sentido, pode-se ter uma casa grande coberta com telhas de amianto. Assim, Ao observar o contexto em que

³⁰ Op. Cit. Pag. 54-61.

³¹ Caixa Econômica Federal, op. Cit. Pp.37.

esses dados foram colocados, percebe-se que parece haver uma intenção de se sugerir que a cidade se encontra bem estruturada. Assim, é possível ler ainda no mesmo documento que *“não existem favelamento em Monte Carmelo, devido à facilidade na construção presente na cidade (grifo meu)”*.

Quando se observa a experiência dos trabalhadores ceramistas, entretanto, percebe-se que esses dados parecem muitas vezes não expressar a realidade vivenciada por eles. Mesmo observando que em 1999, grande parte dos trabalhadores ceramistas entrevistados moravam em residências de sua propriedade (apenas dois entrevistados moravam de aluguel), pôde-se observar também que a conquista da casa própria tem se dado de múltiplas maneiras, nem sempre da forma tranqüila que o documento expressa. Pôde-se observar ainda que possuir ou não uma casa parece encerrar múltiplos significados.

Assim, para muitos trabalhadores vindos da zona rural, possuir uma casa na cidade pode até ter seu lado bom e necessário, já que pagar aluguel significa redução no orçamento familiar, entretanto, pode significar também perdas. Segundo Carlos:

“Aí ce tinha que fazê um balanço vendê as terra e pagá , quitá e o quê que sobrô? Sobrava... Quando ce vendia as terra naquela época, sobrava o quê? Sobrava uma casa na cidade, um lote... o que sobrô pra muita gente foi isso.”(04/01/2001).

Esse trecho do depoimento de Carlos é significativo na medida em que deixa claro que para ele, que sempre viveu na zona rural, uma casa na cidade parece revelar a perda da propriedade, isso parece incomodá-lo a tal ponto que se pode perceber um certo acanhamento quando fala que possui casa própria. Ele diz que:

“Ah! Eu tenho, né? Assim,... qué dizê... como é que eu posso te falar... num é assim, igual... igual cumo era lá na zona rural, mais é, né?...” (04/01/2001)

Já para o Sr. Odair, que também veio da zona rural, ter casa própria é motivo de orgulho. Ele conta que foi através do seu trabalho na cerâmica que conseguiu construir a casa no terreno que comprou quando vendeu sua pequena propriedade rural. Ele se expressa da seguinte forma:

“... eu vim da roça, eu tinha o terreno, comprei o terreno, mais num tive dinheiro pra construí a casa, muita dívida, aquela coisa toda, eu morava numa casinha que tinha ali no fundo. No terreno que eu comprei, só que era uma casinha de dois cômodos, certo?” (20/04/97)

O Sr. Odair conta ainda que teve ajuda de seus patrões, que parece se configurar enquanto exceção à regra. Ele conta que:

“... então igual eu te falei, eles me ajudaram, coisa que não é feita pra todo mundo, eles, né? Dero as telhas, dero até o caminhão que nós fomos buscar areia. Então você vê que eu tenho que reconhecer, né?” (20/04/97)

Neste sentido, percebe-se como os significados podem ser representados de formas diferenciadas dependendo da experiência de cada pessoa. Assim, para o Carlos a perda da propriedade rural pareceu mais significativa do que a compra de um imóvel na cidade, já para o Sr. Odair, o terreno e todo o processo de luta para se construir a casa parece ter maior importância.

Para muitos trabalhadores, os conjuntos habitacionais pareceram uma boa opção ou talvez uma forma mais fácil de se adquirir casa própria. Assim, Ronaldo conta que:

“... quando minha mãe casou com meu pai, aí passou pouco tempo ele morreu, né? Então a casa já tinha comprado da COHAB, né? Ficou, acho que foi o jeito mais fácil de comprar que se não nós num a tínhamos condição. Como que você compra casa com salário de cerâmica, que mal dá pro você comprar, né? Inda bem que já ficou com a casa.” (05/09/97)

Para André, que também mora em um conjunto habitacional, comprar casa nesses conjuntos acaba saindo mais caro, entretanto, não vê outra saída. Ele se expressa da seguinte forma:

“Comprar casa financiada desses conjuntos é a maior furada, que você vai pagar três vezes o valor da casa, fica aí endividado num sei quantos anos, mais se num for desse jeito você vai ter um lugar pra morar, né? O jeito é você ficar dando dinheiro pra esses ladrões, em todo caso, você num tá pagando aluguel né? Que aluguel é que é triste, por que aquilo come seu dinheiro todinho e você num vê retorno nenhum, é mesma coisa de jogar dinheiro no lixo...” (25/07/2000)

O trecho do depoimento de André deixa pistas para se pensar alguns aspectos. Assim, ter a casa própria parece se configurar enquanto um valor para muitos trabalhadores, o que em muitos casos, os tem deixado vulnerável à exploração

imobiliária. André deixa claro seu entendimento acerca dessa questão quando diz que ao comprar uma casa financiada pagará “*Três veis o valor da casa*”. , mas enfim, se quiser “*ter um lugar pra morá*” (e há que se notar todo o significado que esta expressão carrega!) terá de se sujeitar a isso.

Para outros trabalhadores, como, por exemplo, o Sr. Sebastião, possuir um imóvel não parece se configurar enquanto um valor. Para ele que mora em uma casa de propriedade de seu patrão e que fica “dentro da cerâmica”, a confiança do patrão para com ele parece mais importante. Ao falar sobre essa questão Sr. Sebastião Marino Crochela, 59 anos, casado, 10 filhos, trabalhador ceramista desde a década de 60 (gerente geral do setor de produção), nascido na zona rural numa região próxima à Monte Carmelo denominada “Marrecos” se expressa da seguinte maneira:

“... eu moro aqui tem 35 ano, tem 32 ano parece... dentro da cerâmica. (...) Então é o seguinte... dentro da firma sempre tem que ter uma pessoa de confiança... pra olhar as coisa, então sempre eu... desde que eu comecei a trabalhar com eles eu moro aqui com eles sabe? Então num pago aluguel, pagava força, agora num pago mais, num pago água nem nada...”(07/09/97)

Morar “dentro da cerâmica” é visto pelo Sr. Sebastião como algo positivo, pois além de não pagar aluguel, energia água, ainda dá a ele o Status de empregado de confiança. Entretanto, é possível pensar essa forma de morar enquanto uma maneira a mais de exploração. Pois, morando dentro do local de trabalho, ele acaba trabalhando em tempo integral. Assim, como ele mesmo apontou, muitas vezes teve que “resolver problemas fora de hora”.

Foi possível perceber ainda outros significados que a moradia parece assumir bem como caminhos pelos quais os trabalhadores vêm conseguindo garantir um espaço para morar.

Geraldo e Silvana conseguiram garantir a casa própria com a ajuda do pai dele que cedeu uma parte do terreno e o ajudou a construir a casa. Geraldo conta que:

“... é como ela falô memo. Esse terreno aqui é do meu pai, aí ele dexou eu construí aqui e eu trabaiano fui fazeno um poquim de cada vez e ele me ajudano até chegá no ponto que tá aqui, que cê tá veno. Falta ainda muito mais só de num pagá aluguel e tê o que é nosso, já ta bão demais...” (0809/97).

Para Geraldo e Silvana a dificuldade de se pagar aluguel também parece determinar o valor de se ter um espaço seu.

Pôde-se ver ainda como a partir de uma ocupação a família de Elizângela conseguiu garantir a casa própria.

Ela conta que o proprietário da cerâmica em que seu avô trabalhava emprestou uma casa num terreno na periferia da cidade para que seus avós pudessem morar. Este terreno, entretanto era grande e na medida em que seus tios foram se casando foram construindo casas ao redor.

Este terreno segundo Elizângela foi doado pelo proprietário da cerâmica ao seu pai em função da relação de amizade estabelecida entre o pai e o patrão ao longo dos anos.

Deste modo Elizângela se expressa da seguinte forma:

“... (...) aí eles pegaram e deixaram eles fazê a casa aqui, começaram a fazê casa, casa. Aí deixaram aí foi adquirino assim, vamo supô, adquirino assim, muito tempo de casa, aí eles pegaram e deixaram virá casa, dero os lote tudo certinho, mas que nesse lote aqui, eles já dero pro meu pai, né? Meu pai trabalhava muito tempo com eles, e eles deu a casa pro meu pai...”(13/07/97)

Elizângela fala em doação, entretanto, é ela mesmo que conta que seu avô pais e tios trabalham na cerâmica cujo proprietário também o era do terreno onde hoje mora sua família. A questão que se coloca é: este terreno já não teria sido pago? Afinal A família toda trabalha há muitos anos na mesma cerâmica. Também a legislação não poderia tê-los favorecido já que ocupam o local não menos que menos trinta ou quarenta anos? Neste sentido, a relação estabelecida talvez tenha favorecido a entrega do terreno de forma pacífica.

Este espaço que se localiza no bairro Triângulo, chama a atenção pelo fato de ter sido estruturado por trabalhadores ligados pela consangüinidade, Assim, abriga uma parcela significativa de moradores caracterizando uma espécie de “gueto negro” dentro do bairro.

Deste modo, pôde-se observar que na luta pela habitação, múltiplos parecem ter sido os caminhos trilhados pelos trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo bem

como os significados que esta adquire. Não parece haver, portanto, elos que favoreça uma luta comum em busca de moradia.

Quando questionados sobre os motivos de sua ida para a cidade, muitos trabalhadores migrantes também mostraram diferentes posições e concepções.

Neste sentido, nota-se que na avaliação do Sr. Sebastião, migrante do campo, hoje a vida é bem melhor, a cidade parece ter representado para ele uma grande melhora, já que:

“a vida na roça era muito custosa(...) Então, eu vim pra cidade, achei melhor.”

Para ele:

“uns fala que hoje tá pior, não, num tá não. Hoje tá muito melhor(...) mesmo as pessoa, ficô mais evoluído... tudo hoje... hoje melhorô 100%.”(07/09/1997)

Já para o Sr. Odair, a vinda para a cidade não parece ter significado grandes melhoras não, ele nos diz que:

“Eu acho assim, que... se houve melhora, num foi grande vantagem não... eu acho que a vantagem foi assim... de tê mais conhecimento, aprendê mais as coisa, né?”(20/04/1997)

Percebe-se desta maneira, como o universo destes trabalhadores é heterogêneo, como suas experiências são diferenciadas e como reelaboram essas experiências de múltiplas formas no seu cotidiano. Assim, enquanto alguns avaliam sua trajetória como positiva, outros, não são tão otimistas e percebem que mais que ganhos, tiveram grandes perdas ao migrarem para a cidade, pois se viram “obrigados” a abandonar o meio em que foram fundadas sua educação, seus valores, seus costumes e trocá-lo por algo que não fazia parte de seus anseios, mas tiveram que fazê-lo em função de condições alheias à sua vontade.

Deste modo, expulsos de suas terras, expropriados de tudo, esses trabalhadores foram para as cidades e (re) construíram suas vidas da maneira como puderam e podem, enfrentando as dificuldades, lutando muitas vezes e se acomodando outras, adaptando antigos hábitos e costumes, adquirindo outros novos e conservando alguns antigos. E assim, nesse embate entre o antigo e o novo, a partir das dificuldades enfrentadas é que foi (vai) se configurando a história destes trabalhadores ceramistas.

Neste sentido, entende-se que a indústria ceramista em Monte Carmelo se desenvolveu e se consolidou a partir de uma conjugação de fatores como, por exemplo, a abundância de matéria-prima existente, o esforço das elites local em buscar o apoio governamental, mas fundamentalmente, acredita-se que a grande quantidade de força de trabalho que chegou à cidade nas décadas de 70 e 80 colaborou de forma efetiva na consolidação do parque ceramista de Monte Carmelo/MG.

CAPITULO 2

“O TRABALHO NA INDÚSTRIA CERAMISTA DE MONTE CARMELO: O COTIDIANO DOS TRABALHADORES”

Pôde-se ver no capítulo Um que o processo de “modernização” do campo, pelo qual passou o Brasil a partir dos anos 50, e que se intensificou a partir da década de 70, expulsou muitos camponeses que rumaram para a cidade em busca de maiores oportunidades para melhorarem suas condições de vida.

Observou-se também que em Monte Carmelo, a exemplo do resto da região sudeste, esse processo se intensifica nos anos 70 com muitos trabalhadores rurais chegando à cidade sem qualquer qualificação para o trabalho urbano; assim, acabam voltando para o campo como bóias-frias ou, no caso de muitas trabalhadoras, entram para o trabalho doméstico. Em Monte Carmelo, muitos trabalhadores também vão se engajar na indústria ceramista, colaborando de forma efetiva para a sua consolidação.

Deste modo, houve trabalhadores que começaram a trabalhar na cerâmica quando esta ainda estava em construção; como é o caso do Sr. Odair, que, sendo marceneiro, ajudou na construção da cerâmica que em 2000 ainda trabalha. Assim, ele conta que logo que a cerâmica começou a produzir passou a trabalhar fazendo e reformando as grades que usavam para secar as telhas.

O Sr. Odair fala da seguinte forma:

“(...)Chega aqui em Monte Carmelo, só cerâmica, aí eu comecei trabalhando na cerâmica de carpinteiro, tava trabalhando lá, na construção dela... (...) isso foi em 79, aí acabamo de amontá a cerâmica, ela passou pra construção... pra produção. Ela tava em construção, passou pra produção, né? Aí o dono da cerâmica falou assim: - Eu precisava muito duma pessoa que trabalhasse aqui nessa oficina.” (12/10/96)

No final da década de 70, o processo de produção nas indústrias cerâmicas de Monte Carmelo ainda é realizado artesanalmente. O Sr. Odair aponta para sua percepção desse processo quando diz que, no caso da cerâmica em que trabalha, foi

montada uma oficina para fabricar e consertar as grades que serviriam para secar as telhas verdes (telhas que ainda não passaram pelo processo de queima). Esse processo, ao que parece, só começou a passar por uma transformação somente a partir do final dos anos 80 e início dos anos 90, o que será discutido mais adiante.

Antes de falar sobre o processo de produção, faz-se necessário, entretanto, identificar quem são os trabalhadores ceramistas, já que esse grupo de trabalhadores não é formado apenas pelos trabalhadores vindos do campo. A força de trabalho proveniente do meio rural, como já foi discutido, parece ter colaborado de forma fundamental no momento de formação e consolidação da indústria cerâmica em Monte Carmelo, entretanto, o universo destes trabalhadores no final dos anos 90 se mostrou bastante heterogêneo.

Assim, há os trabalhadores vindo da zona rural, outros que são da cidade mesmo e por opção - ou falta de opção - começaram a trabalhar em cerâmica. Muitos são filhos de trabalhadores ceramistas (muitas vezes migrantes da zona rural) que acabaram por entrar para a cerâmica por influência do pai, como no caso do Sr. Sebastião cuja esposa (faxineira) e maioria dos 10 filhos também trabalha na cerâmica.

O Sr. Sebastião conta da seguinte maneira:

“(...) Tem o zé, é o mais velho. Também é formado, é o chefe do transporte; tem o Márcio, que tá deitado no sofá ali, é mecânico da firma... tem outro, é chefe de escritório da Asteca, deles aqui também. Tem outro que mexe com computador, aqui no escritório, e tem uma menina que é telefonista aqui no escritório também. Então trabaia tudo aí com a gente.”(07/09/97)

O Sr. Sebastião fala com tranquilidade e até com um certo orgulho sobre o fato de estarem todos trabalhando juntos. Há que se notar, entretanto, a dimensão desse fato, a família quase toda sujeita a exploração de sua força de trabalho, ou seja, é a reprodução da força de trabalho dentro da própria família, constituindo uma certa “tradição” no trabalho ceramista.

Outro exemplo desta “tradição” de ser ceramista é o caso dos irmãos Elizângela Abadia de Souza, carmelitana, 20 anos, solteira e o Wendel Aparecido de Souza, carmelitano, 23 anos, solteiro, que tendo pais, tios, primos como trabalhadores ceramistas acabaram por também irem trabalhar em cerâmica.

Deste modo, percebe-se que por falta de outra opção ou talvez por tradição, muitos filhos de ceramistas também se tornam trabalhadores ceramistas e acabam se

submetendo as péssimas condições de trabalho, às vezes resistem, pelo abandono ao trabalho, pela indolência ou mesmo por denúncias, como muitos trabalhadores parecem ter feito através das entrevistas que concederam.

Também foi possível notar uma heterogeneidade entre os ceramistas no que diz respeito à idade e ao sexo. Assim, pôde-se conversar com adolescentes, rapazes, moças, senhores e senhoras, o que proporcionou perceber uma multiplicidade de necessidades, desejos, interesses e preocupações, e que no entanto sempre parece convergir para a busca de melhores condições de vida.

Acerca disso a Elizângela; o Geraldo Maria da Silva, carmelitano, 37 anos, casado, 1 filho, “tirador de forno”, e ainda o Sr. Odair, respectivamente se expressam assim:

“(...) Eu sonho assim, deu casar, ter uma família, continuar trabalhando, não sê dependente de marido, o sonho de uma casa boa, num pagar aluguel, morar numa casa própria, sonho tê um computador em casa mesmo, tê uma confecção de roupa, de melhorá minha vida, né?”(13/07/97)

“Num pricisá assim... igual eu fico levantano 2 hora da manhã pra tirá forno... (...) Tê dinheiro, comprá um Vectra, é fazê uma casa melhor... tê uma vida melhor...”(08/09/97)

“Olha, a gente sempre tem... tem esperança que algum dia possa melhorar, por que a gente que tá aí, tá conviveno, tá trabalhando, que acho que quem trabalha sempre quer vencer, né?(...) Olha, eu queria, um futuro assim que eu tivesse, que eu não dependesse de ser empregado...” (20/04/97)

Deste modo, observa-se que esses trabalhadores, que tem idades e interesses diferentes, têm em comum a expectativa de melhorar suas condições de vida. suas falas apontam para a maneira como esses trabalhadores esperam conseguir uma vida melhor, ou seja, através do trabalho, que parece se configurar então como um valor social.

Estes depoimentos permitem observar ainda a introjeção de valores capitalistas por esses trabalhadores. Assim, suas falas sugerem que, melhorar de vida significa também ter possibilidade consumir mercadorias (“tê um computador” “comprá um Vectra”) e que há possibilidade de distribuição da riqueza através do trabalho.

Percebe-se, portanto, que múltiplos foram os caminhos que levaram essas pessoas a se tornarem trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo, compondo assim,

um universo heterogêneo, onde se pode visualizar diferentes interesses, credos, desejos, enfim um universo que abrange inúmeras experiências.

No Brasil, de acordo com dados divulgados pelo INDI (Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais)³², a utilização de cerâmicas está presente desde de 1610 e as primeiras fábricas que se tem notícia foram fundadas em São Paulo a partir da imigração italiana (Cerâmica Privilegiada - 1913 [louça de mesa] e Cerâmica São Caetano - 1919 [revestimentos cerâmicos]). A partir daí o parque ceramista brasileiro foi se tornando aos poucos um dos maiores do mundo, cujo faturamento total está estimado entre US\$ 8 bilhões a US\$10 Bilhões (dados de 1999). Nestes dados, no entanto, estão incluídas todas modalidades de cerâmicas, ou seja, a estrutural (cerâmica vermelha), revestimentos, matérias-primas, refratários, sanitários, louça de mesa e adornos.

Em se tratando da cerâmica estrutural (cerâmica vermelha - telhas e tijolos), segundo o INDI, em 1996 havia no Brasil entre 8.500 e 11.000 unidades gerando um total de 400 mil empregos diretos. Minas Gerais em 1998 contava, com aproximadamente 250 indústrias cerâmicas, que são, em sua maioria de pequeno e médio porte. Essas indústrias se encontram dispersas por todo o estado (*ver mapa da Figura 2*). Entretanto, é possível destacar dois grandes pólos produtores de tijolos e telhas. Assim, a região do entorno de Belo Horizonte (com destaque para Ribeirão das Neves e Sete Lagoas) Governador Valadares e Montes Claros se destaca como grandes pólos produtores de tijolos e a região do Vale do Rio Paranaíba (Alto Paranaíba e Triângulo) como grande pólo produtor de telhas destacando-se aí Ituiutaba e Monte Carmelo, esta última, considerada a “capital mineira da telha”.

Partindo de dados obtidos junto à Prefeitura Municipal de Monte Carmelo, viu-se que a cidade conta em 1999 com 49 indústrias cerâmicas (*ver mapa 3 no ANEXO-I*). Sabe-se, entretanto, que esse número pode ser ainda maior, pois existem espalhadas pela cidade pequenas olarias “de fundo de quintal” que não participam do sistema de arrecadação municipal. Essas indústrias, que já estão presentes na cidade pelo menos desde a década de 50³³ foram construídas fundadas no trabalho de personagens que

³² É necessário colocar que pelo fato de trabalhar apenas com empresas de grande e médio porte, os dados fornecidos por este instituto são importantes na medida em que dão uma “idéia” do panorama cerâmico brasileiro.

³³ A cerâmica Pallisy iniciou suas atividades de acordo com sua inscrição municipal em 11/02/54. Sabemos, entretanto, que antes desta cerâmica, outras pessoas já haviam iniciado a atividade na região, Como é o caso do Sr. Jorge Fernandes, o pioneiro no ramo em Monte Carmelo e o Sr. Nelo Bosi.)

geralmente não têm aparecido nas histórias oficiais. São indústrias que foram fundadas baseadas no trabalho duro de trabalhadores que muitas vezes, sem alternativas, entraram para a cerâmica em busca de uma vida melhor.

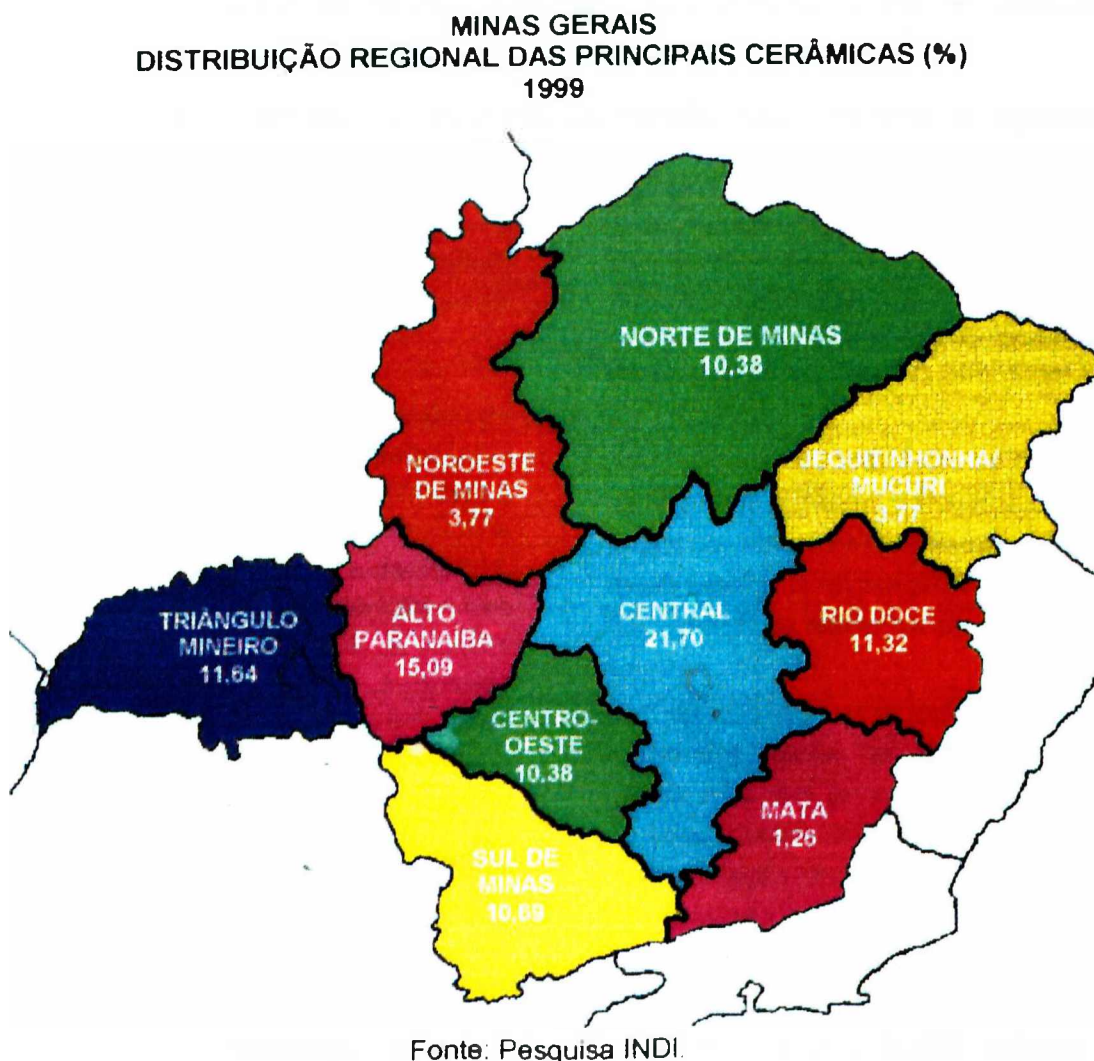


Figura 2 – Mapa com a distribuição percentual das indústrias cerâmicas no estado de Minas Gerais.

Assim, toda essa prosperidade que as indústrias ceramistas de Monte Carmelo vêm experimentando, foi possível em função de um conjunto de fatores que foram abrindo espaço para que essa atividade crescesse e se desenvolvesse, se tornando tão importante para a economia da cidade e região. Dentre os fatores que concorreram para a consolidação do parque cerâmico em Monte Carmelo a disponibilidade de uma força

de trabalho, expropriada de seus meios de sobrevivência, possivelmente selou o “sucesso” dessas indústrias.

No que se refere à produção da indústria ceramista em Monte Carmelo, percebe-se que parece haver um contínuo crescimento, assim, a exploração do trabalhador também parece crescer na mesma proporção. Esses aspectos podem ser analisados, tendo como base dados oficiais e também o depoimento de trabalhadores.

Ronaldo, carmelitano, 26 anos, solteiro, trabalha como “enchedor de vagonetas”, em seu depoimento conta como percebe o aumento da exploração. Ele diz que há uma constante necessidade de fazer hora-extra, e que os trabalhadores, muitas vezes, sob a coação de gerentes são “obrigados” a trabalhar aos sábados, domingos e feriados, para atender uma demanda sempre crescente. Com um tom de revolta e denúncia Ronaldo fala que:

“... e o gerente fica quemado se ocê num for. Ameaçano trocá de lugar. Põe ocê num lugar que ganha menos e fazer chantage concê, uai. Ah! Não, isso é errado, eu acho isso errado, pessoa faiz hora-extra, acho, se ela quizer, que né obrigado não. A lei num obriga isso não.”(05/09/97)

De um ponto de vista oposto, é claro, é possível observar a forma como os empresários apontam para esse aumento da exploração à medida que aumenta a demanda.

Sr. Divaldo fala da seguinte forma:

“... maquinário que produzia aí X tonelada hora, nós fizemo passage pra produzí 2X tonelada, aí aumentô polia de motor, polia de... das ingrenage, ela cumeçô trabalhá mais rápido... (...) O número de funcionário continua o mesmo. E também ota, o manusei dele tem que sê mais rápido... então vai vim algum defeito de mão-de-obra.” (21/07/2000)

Enquanto Ronaldo parece preocupar-se com sua integridade física, percebendo suas limitações e a necessidade de descanso, o Sr. Divaldo, ao que parece, preocupa-se apenas com os possíveis defeitos que por ventura possam ocorrer no produto em função dessa aceleração da produção. Ele não se mostra preocupado com o ser humano que está por trás da máquina, um ser humano que tem anseios, aspirações, desejos e limitações, que não consegue (e por que deveria?) acompanhar o ritmo de uma máquina e que se vê obrigado a fazê-lo, trazendo muitas conseqüências para si próprio como o risco constante de acidentes. Outro aspecto a ser notado é que apesar de trabalhar mais, na

medida em que se acelera a máquina, o trabalhador não recebe mais. Assim, além de se ver “obrigado” a fazer hora extra, tem o seu trabalho intensificado.

Deste modo, vê-se que, enquanto os empresários se vangloriam pela crescente produção a cada ano (*ver gráfico 1*), os trabalhadores, responsáveis diretos por esse crescimento, se vêem cada vez mais explorados e espoliados. Confirmando o contraste inerente ao sistema capitalista; quanto mais prósperos e mais felizes os proprietários das cerâmicas se encontram, maior é a exploração sentida pelos trabalhadores.

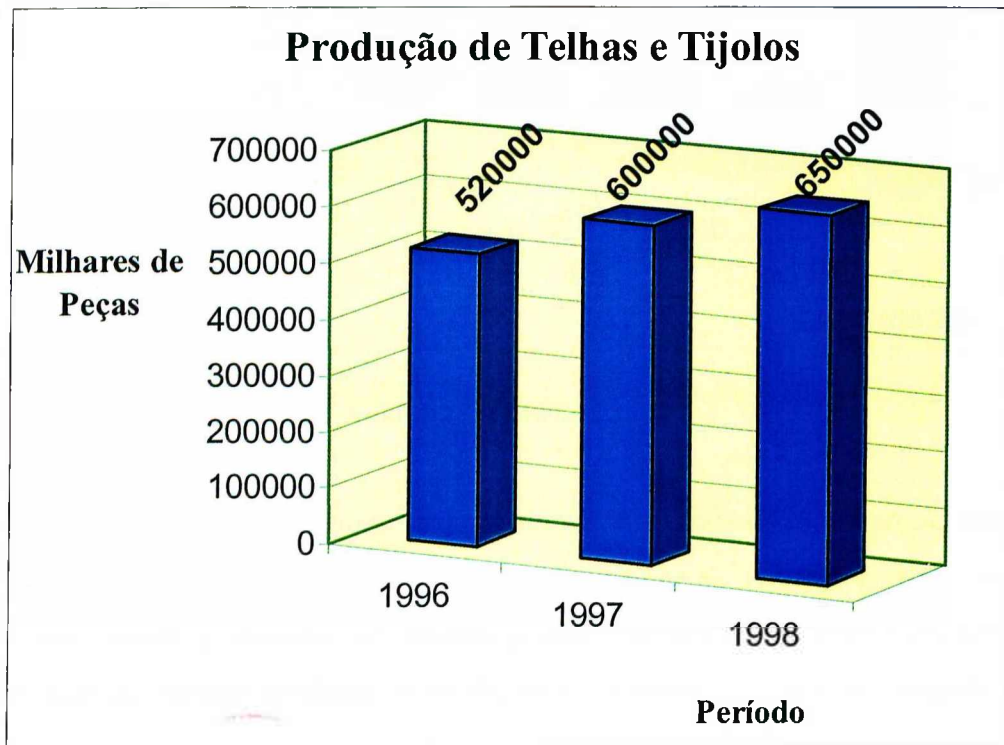


Gráfico 1– Produção de Telhas e Tijolos em milhares de peças.

“Fonte: ACEMC - Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo”.

Quanto ao mercado consumidor das telhas e tijolos produzidos em Monte Carmelo, pode-se observar, baseando-se nas informações da ACEMC, que é o próprio estado de Minas Gerais. Goiás e o Distrito Federal vêm logo atrás, o menor mercado consumidor da cerâmica carmelitana é São Paulo, com um consumo de apenas 5% da produção.

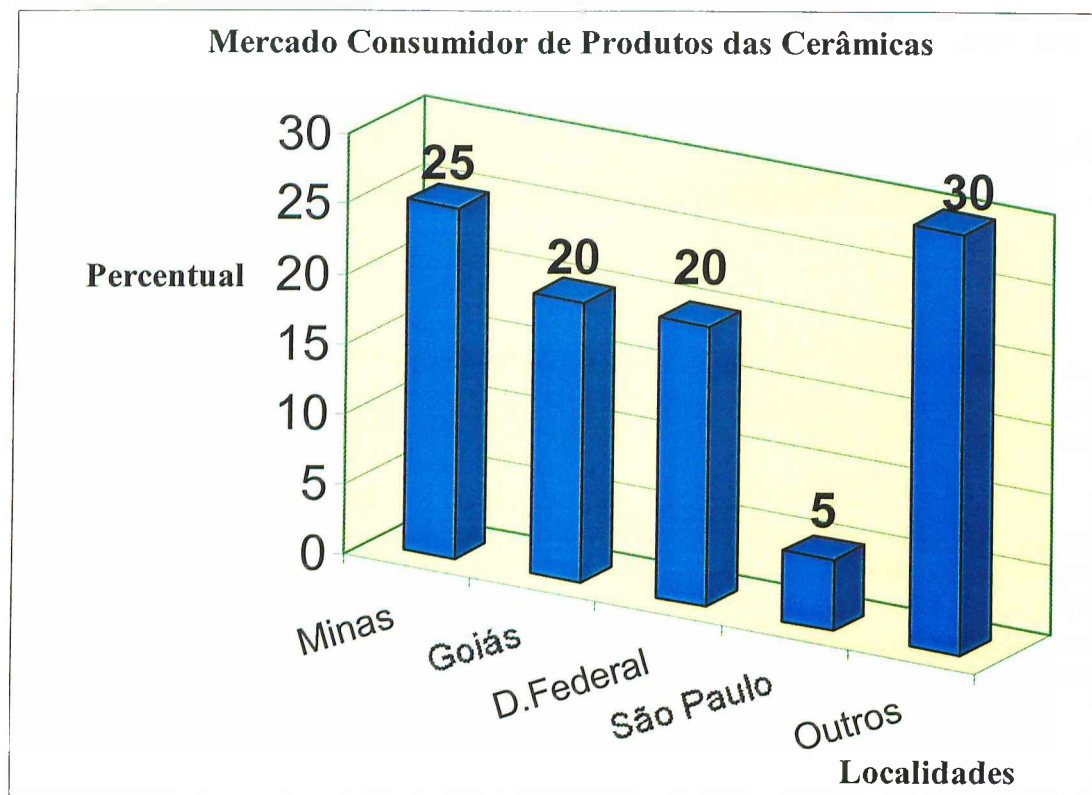


Gráfico 2 - /Fonte: ACEMC.

“Uma das metas do setor é ganhar uma maior fatia do mercado do estado de São Paulo. A produção doméstica deste estado, apesar de ser significativa, está em decadência devido a escassez de matéria-prima. No entanto devido a tradição e a proximidade do parque cerâmico carmelitano é crescente a produção dirigida a este estado.

Outra estratégia do setor é aumentar a divulgação do produto nas feiras nacionais de construção. O setor está querendo atrair mercados potenciais em todo o Brasil.”³⁴

O trecho transcrito acima deixa claro que para os proprietários ceramistas o que parece importar é a ampliação dos seus lucros e para isso vislumbram um aumento mercado consumidor, no caso, de São Paulo. Assim evidencia-se a distância entre os interesses patronais e os interesses dos trabalhadores. Pois, enquanto os trabalhadores apontam para uma busca de melhores condições de vida, ou mesmo para a busca de sua integridade física e por sua sobrevivência, os empresários apontam para uma constante busca de lucros.

³⁴ CAIXA Econômica Federal. Op. Cit. Pp.84.

A preocupação com a diminuição dos custos e aumento da produtividade bem como o desinteresse do empresário para com o trabalhador fica claro em seu depoimento.

As falas do Sr. José Eduardo, carmelitano, 42 anos, casado, três filhos, proprietário da Cerâmica Carmelo e do Sr. Divaldo, respectivamente, permite observar como eles analisam essa questão:

“... você tem um punhado de equipamento, tudo equipamento muito caro, que se ocê trabalha dois turno cê tá... o custo seu tá... tá... caíno, e a gente trabalhou em cima de diminuí mão-de-obra, de ter menos perca, é... (21/07/2000)

“... Era aquele produto padrão... mais ou menos, a qualidade; iexistia uma argila muito boa, que hoje já num iexiste mais, então cê fazia a telha vendia, num tinha poblema nenhum, num tinha o PROCON, quando num iexistia lei trabalhista a mão-de-obra era barata, agora hoje já houve necessidade de cê procurá a diminuí a mão-de-obra, a melhorar a qualidade...”(21/07/2000)

Através de dados obtidos informalmente, ou seja, através de conversas com trabalhadores de diversas cerâmicas, pôde-se perceber também que, mesmo recebendo baixos salários, muitos trabalhadores, se não todos, pelos menos uma grande maioria, têm suas carteiras assinadas “por baixo”. Ou seja, os empresários, ao que parece, para fugirem dos encargos trabalhistas, assinam a carteira de trabalho com apenas um salário mínimo apesar de muitos trabalhadores não receberem esta quantia.

Deste modo, nota-se que, o salário mínimo correspondendo a R\$ 151,00³⁵, os trabalhadores da prensa, por exemplo, recebem R\$180,00 por mês. Assim também se tem: os trabalhadores do forno: (colocar): R\$440,00 ao mês, (tirar): R\$500,00 ao mês; vagoneta: R\$340,00 ao mês; caqueiro: R\$200,00 ao mês; depósito: R\$600,00 ao mês; Queimador: 440,00 ao mês; auxiliar de queimador: R\$400,00 ao mês. Esses dados sugerem uma forma de ganho do patrão, já que, pagando os encargos de apenas um salário mínimo, seu gasto será bem menor; por outro lado, entretanto, a perda do trabalhador fica evidente, tanto em relação à vantagens que poderia receber, no caso do FGTS que poderia receber um valor maior como também numa baixa em seu salário, caso se aposente ou necessite de alguma licença.

José Agostinho percebe e analisa essa questão da seguinte forma:

³⁵ Valor em vigência no período compreendido entre 01/04/2000 e 01/04/2001

“É por exemplo, eu tenho um salário, minha carteira é assinada por baixo, então se eu caí no INPS, eu num vô recebê quase nada, vô recebê menos de 2 salário mínimo. (...) mais acontece que nós num podemos fazê nada... fala, oh! se o ceis quizé trabaiá é assim, se nós num quizé num trabalha, eles num coloca, eu recebo 4 salário mais a hora extra, mais es num coloca isso na minha carteira...” (20/04/97)

Assim, enquanto a preocupação dos empresários recai sobre o aumento da produção, diminuição de despesas e a possibilidade de obter cada vez mais lucros, o trabalhador sente na pele as conseqüências dessa preocupação, se vendo cada vez mais explorado e travando uma luta que, longe dos interesses patronais, o que os movem parece ser mesmo a luta por melhores condições de sobrevivência.

Neste sentido, na medida em que se busca a ampliação dos mercados consumidores, também parece ampliar o descaso e a exploração para com os trabalhadores, que por sua vez, parecem algumas vezes buscar várias formas de luta para se desvencilharem deste contexto, outras vezes parecem se adaptar a ele.

Quanto à fabricação da telha nas indústrias cerâmicas de Monte Carmelo observou-se que esta é realizada de forma parcelar e se utilizando um grande número de máquinas. Os empresários parecem estar buscando cada vez mais uma tecnologia que substitua o trabalho do homem e que possa controlar o trabalho, retirando do trabalhador o seu saber fazer.

Essa busca em controlar o saber do trabalhador através de inovações tecnológicas deve ser pensada dentro do contexto do desenvolvimento capitalista como um todo. Assim, para garantir a competitividade e lucratividade, há uma busca de racionalização na produção.

Braverman³⁶ situa bem o surgimento da gerência científica, a organização do trabalho e a desqualificação dos trabalhadores, apontando para a questão de que diante da necessidade de expansão de lucros no sistema capitalista, implementou-se uma racionalização na produção. Assim, mecanismos de dominação e exploração ficaram evidenciados através dos métodos de gerência científica que foram introduzidos.

A busca em controlar o trabalhador através da retirada de seu saber fazer parece tomar cada vez maior dimensão. O depoimento do Sr. José Eduardo revela seu pensamento acerca dessa situação:

³⁶ BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.

“(...)Hoje, eu acredito que Monte Carmelo tem uma das melhores mão-de-obra pra mexê cum telha, num tem o conhecimento, tem que acabá com o olhometro, inda tem muita empresa no olhometro, cê pega um forno, ele num tem um relógio marcando a temperatura, é no olho, a cor, não, ainda tá escuro, inda tá claro, hoje num existe isso mais, né?”
“(...) Mais, o parque de cerâmica pra desenvolvê, ele precisa duma coisa que chama tecnologia, precisa de escola, precisa de pesquisa...”
(21/07/2000)

Percebe-se, desta forma, que o empresário reconhece o saber do trabalhador. Ele entende que o trabalhador, através de sua experiência, ou como ele mesmo diz, pelo “*olhometro*”, adquire um conhecimento que o permite realizar da melhor forma seu trabalho.

Assim, parece sentir necessidade de controlar esse saber. Para isso, usa de estratégias tentando fazer do trabalhador apenas um executor de tarefas. O uso da tecnologia e estudos que os empresários chamam de “científico” buscam remodelar aquilo que o trabalhador já sabe pela experiência, porém, retorna a ele como se fosse algo novo, alheio a seu saber. Entretanto, esse estudo, essa tecnologia parte da própria experiência do trabalhador, e é o próprio trabalhador que muitas vezes passa esse saber que lhe será tomado. A maneira como o empresário percebe e avalia a questão pode ser observada através de seu depoimento:

“(...) Mais eu falo em tecnologia, principalmente, o lado escola. É, se faiz uma escola de cerâmica, pra os futuro gerente nosso ser caboclo estudado, e ele lá, quando ele tava estudano ele feiz teste, ele feiz teste errado, ele feiz teste certo, ele, tem coisa que ele qué imprantá, num consegue, quando pinta uma oportunidade dele implantar todo mundo ganha com aquilo...”

“(...) Sempre que é dada uma idéia nova, e que ela é executada, a pessoa ganha um prêmio. Então foi cada vez tendo mais diálogo, tendo mais conversa, onde vai conseguindo uma... um aperfeiçoamento, é... mais rápido. Num ficô só a gente fazeno a pesquisa...” (21/07/2000)

Como forma de captar esse saber do trabalhador, os empresários muitas vezes parecem usar como estratégia à distribuição de prêmios para aqueles trabalhadores que dão idéias para agilizar, aumentar e melhorar a produção. Essa idéia, como já foi posto, acaba se tornando um estudo sistematizado, ou como dizem alguns empresários, um estudo “científico”, e volta para os trabalhadores como algo que não partiu deles, e que eles precisam aprender.

Os trabalhadores entrevistados, entretanto, parecem não perceber ou talvez não estejam preocupados com tal estratégia para retomar seu conhecimento. Ao contrário disso, até reclamam quando não é dado esse tipo de “incentivo”. Também não parece se constituir um ponto negativo o fato de haver o parcelamento na produção.

Para Ronaldo, não receber prêmios, tira o incentivo do trabalhador e não estimula sua criatividade no trabalho. Outra questão também apontada na fala deste entrevistado é a forma como ele percebe a divisão do trabalho no interior da fábrica como algo positivo, pois segundo ele:

“(...) cada um tem o seu lugar, aí daquele lugar ali, num pode sair não. Por que tem, aí dá certo, aí vai certim. Trabaia certim, uma beleza, ninguém cansa. Mais quando começa, um trançá de lugar, igual, lá de vez em quando uns trança de lugar, coloca gente que num sabe... por exemplo, colocá uma pessoa que num sabe trabaia concê, o serviço num rende, o serviço bagunça...”

“(...) igual lá, eu falo pros meus colega direto; nós trabaia numa firma, que esse povo é milionário, esse povo dos Cardoso, nós trabaia numa firma milionária, eles num faiz nada pra incentiva os funcionário, por isso ninguém faiz... é... inventa nada, só o que tem que fazê memo...”
(05/09/1997)

Mesmo com toda essa busca em controlar o saber, os trabalhadores entrevistados parecem ter oportunidade de trabalhar nas várias etapas da fabricação da cerâmica. Wendel em seu depoimento conta que:

“No começo eu pegava barro. Depois fui mudano de serviço, fui passano já pra pegá telha na vagoneta (...?), não, antes era carreano, né? (...) Então eu passei pra carreação, depois eu passei já pra encheção de vagoneta, passei pa guardador, de guardador passei pra empreiteiro, o povo lá é assim, cumeça num serviço depois vai mudano”.(20/07/1997)

O depoimento de José Agostinho proporciona perceber como ele entende o processo de produção. Assim, ele conta como esse processo é realizado desde que uma jazida é descoberta e como são feitas as transações para explorar o barro daquela jazida.

“(...) (o dono de um terreno) acha uma argila, aí acha que aquilo dá telha, então ele traiz pro ceramista vê, aí esse ceramista vê se tem fundamento aquilo, né? Então, se é realmente argila, aí ele vai cum a máquina e vai furá a barrera, furá prá vê se tem realmente, né? (...) Então ele vai cum a máquina e fura de tanto em tantos metros, você fura a barrera todinha, aí cê vê o tanto que tem, o tipo de argila que tem...” (20/04/97)

Feito o reconhecimento, negociada a jazida com o dono do terreno, começa-se a extração da argila, feita geralmente através de maquinário comum. José Agostinho diz que a partir daí: “... *a gente começa a tirá o barro, traz...*” (20/004/97)

Ainda que seja extraída através de maquinário, a retirada da argila depende de trabalhadores que manobram essas máquinas (*fotos 4(a) e 4(b)*) que também trabalham na acomodação e proteção da argila sobre o caminhão (*foto 5*) para o transporte até os barracões da cerâmica.



4(a)



4(b)

Foto 4 – Nas fotos (a) e (b) são mostrados alguns aspectos da retirada de argila nas barreiras pelos trabalhadores das indústrias cerâmicas.



Foto 5 – Trabalhador acomodando e protegendo a argila para ser transportada pelo caminhão para as indústrias cerâmicas.

Trabalho este que exige do trabalhador uma dura rotina, como ter que sair para o trabalho três ou quatro horas da manhã, levando seu almoço e só retornando para casa depois das dezessete horas, dependendo da quantidade de argila que se tem que retirar no dia.

Esta rotina muitas vezes causa transtornos à família. Sendo assim, pôde-se ouvir muitas reclamações sobre a ausência do marido ou do pai na hora do almoço; ou ainda o quão sofrido é ter que se levantar todos os dias de madrugada para preparar o almoço, ou mesmo reclamações do próprio trabalhador que acaba sendo privado de muitas coisas que gostaria de fazer à noite, mas não pode, pois se sente muito cansado e no outro dia tem que recomeçar a rotina de trabalho. Os depoimentos abaixo mostram como um trabalhador (José Agostinho) e sua esposa (Alzira), respectivamente, se sentem e se expressam sobre seu cotidiano:

“... não, ruim é assim... que... que... às veiz, cê qué vê um filme, ou ir numa festa, às vezes até mesmo jogá bola, que o horário na quadra tem dia que é mais tarde, aí ce num tem jeito de ir né? Por que tá cum sono demais e amanhã tem que levantá no mesmo horário, né? 3 hora da manhã..”(20/04/97)

“... Num vô falá procê que é fácil, por que num é, mais a gente se adapta. Mais num é muito agradável fazê comida de manhã cedo, por que o caminhão pega a comida aqui mais ou menos 8 ou 9 hora, né? Então tem que tá pronto na vasilha, né? Depois, ele fica o dia inteirinho, né? Cê vê né? Eu faço almoço essa hora, depois eu esquento pra mim e pro Mizaél (filho) nós num almoça com ele...”(20/04/97)

A rotina de ter que levantar de madrugada parece estar, em parte ligada ao fato de que a argila parece estar cada vez mais difícil, tendo que ser buscada cada vez mais longe, pois a excessiva retirada do barro tem acabado com as jazidas mais perto, fazendo com que os empresários busquem-na cada vez mais longe. Essa exploração certamente tem causado danos à natureza, ainda que não seja de nosso interesse tratar desse assunto aqui, faz-se necessário um apontamento para a existência do problema.

Assim, José Agostinho conta que:

“... o consumo é demais... então barrera... vai chegá uma hora em que num vai tê mais pur que... é... num é renovável, né? Então vai chegá... num vai tê... vai cada vez ficá mais longe... eles buscava barro aqui, era 5 Km de distância, hoje eles busca 70, 80, 90 até 100 Km a gente busca, já, e a tendência é ficá cada vez mais, né? Mais distante, né?” (20/04/97)

Extraída a argila, esta é levada para as cerâmicas que normalmente possuem grandes barracões abertos (fotos 6 e 7) e depositada por períodos variáveis até se iniciar a produção .



Foto 6 – Aspecto Geral de um barracão que abriga a argila.



Foto 7 – Operador de máquina depositando a argila no interior do barracão.

Assim, de acordo com a visão de José Agostinho:

“(...) Mistura aquele barro, vai virano ele, pra ficá bem misturado, faiz uma rampa. É... guarda um pouco nos barracões...” (José Agostinho: 20/04/97)

Depositada nesses barracões, a argila desenvolverá por completo suas propriedades plásticas, pois sofrerá a ação de agentes climáticos. Assim, a argila sofre uma fermentação e uma oxidação facilitando a moldagem por extrusão, evitando desse modo, o inchamento das peças após a moldagem com a ocorrência de deformações, trincas e rupturas das mesmas durante o processo de secagem bem como o aparecimento de gases durante o cozimento, o que pode causar os mesmos defeitos.

Do depósito, a argila segue para uma outra etapa que é a homogeneização. Ao sair do depósito, a matéria-prima é muitas vezes colocada em caixões de alimentação (*foto 8*), que tem função alimentar as máquinas seguintes para que a extrusora (maromba) trabalhe continuamente.

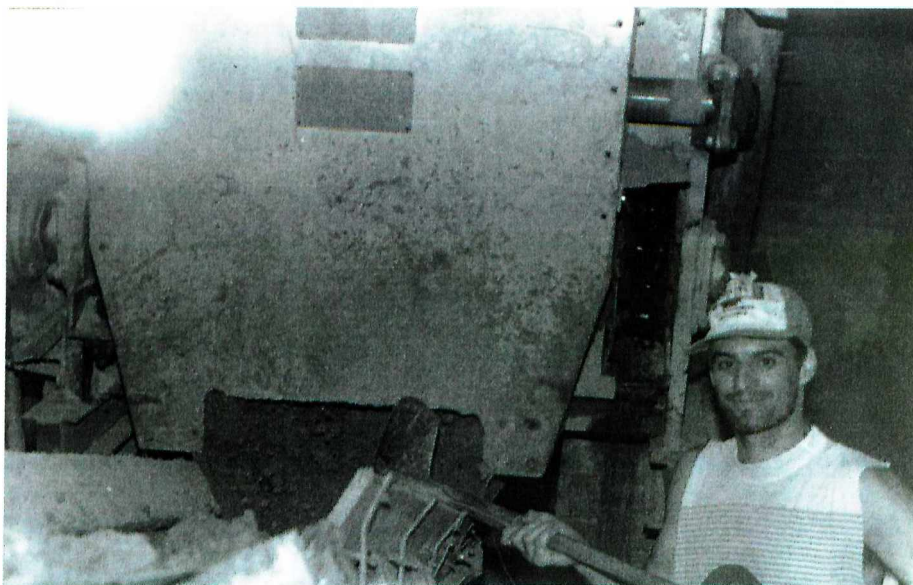


Foto 8 – Em destaque, o caixão de alimentação de onde a argila é levada através de correias até as marombas.

Assim, a argila sofre um acréscimo de água, (para o amaciamento e moldagem) e são misturadas, já que a cerâmica vermelha é feita normalmente à partir de vários tipos de argila, como explica José Agostinho:

“... só que gasta várias qualidade de barro pra fazê. Cê tem que tê um barro mais preto, é pra telha ficá forte, tem o barro mais amarelado que é pa dá a cor, pa telha ficá bunita, se não, ela fica... o barro preto é forte mais a telha fica branca, manchada muito feia, então cê coloca o barro amarelo, ele dá cor, né (..) e põe o barro mais fraco pra temperá, além de fazê o enchimento e baratiá, e pra... e pra num estragá a telha também”. (20/04/97)

Do misturador a massa de argila é levada para o laminador-desintegrador, que são dois cilindros de aço que giram em sentidos opostos e velocidades diferentes; esse equipamento tem por finalidade fazer com que essa massa seja laminada, reduzindo possíveis torrões e impurezas garantindo uma boa distribuição de água, fazendo da massa a ser extrudada o mais homogênea possível.

O Ronaldo fala sobre essa etapa do processo de produção da seguinte forma:

“(...) Pra disintegrá o barro, por que vem pelota, né? Aí disintegra ele, e já fica mais fino, hora que ele cair no misturadô, já cai... cai quase que só aquela farinha, aí hora que cai... no misturadô, mistura com um poco d'água e cai na ota correia, mais aquela farinha mole, umas pelotinha, tipo umas pelotinha, piquinininha, aí hora que ele cai no cilindro, já cai tipo uma pasta, que o cilindro... que o cilindro é 2 barra,

vai fazendo assim, ó, aí ele cai na correia e já vai pra maromba, da maromba sai barra, aí aquela correia vai passá por traiz das prensa...”(05/09/97)

O próximo passo para a fabricação da cerâmica vermelha é a moldagem. Se forem tijolos ou blocos cerâmicos, estes são moldados pela maromba ou extrusora. Se forem telhas, da extrusora sai a massa de argila em forma de cilindro já do tamanho da telha e por uma correia chegam perto das prensas. As prensas moldam as telhas.

Atualmente a maioria das marombas (*foto 9*) processam a argila à vácuo, pois esse é de fundamental importância na eliminação do ar da massa, contribuindo para melhorar a plasticidade e permitindo a moldagem com o mínimo de água. Assim, quanto menor a quantidade de água, menos demorado é o processo de secagem e menor a retração de secagem. Quanto maior é essa retração maior é a ocorrência de deformações, trincas e quebras das peças.



Foto 9 – A foto mostra a maromba onde a argila é trabalhada (preparada). No canto inferior direito da foto observa-se a saída da argila já na forma de bastão, pronta para ser moldada.

Sobre o processo de moldagem da cerâmica, José Agostinho conta que:

“... hoje na... na... hora que ele sai na boca da maromba, hoje tem uma máquina de fazê vácuo, pra num ficá nada vazio no barro. Que antigamente num precisava dessa máquina, por que o barro era molhado e, muito mole, né? (...) Aí ele sai da maromba, da maromba

ele já sai numa estera e vai passano perto das prensa, aí uma pessoa pega aquele barro... é... unta de querosene ou oleína... (...) aí ele põe lá na banca pa ota pessoa que... que vai pô na prensa(...) a pessoa já pega e coloca na prensa e vão encheno as vagoneta...”(20/04/97)

Ao chegar perto das prensas, esses cilindros de argila são retirados pelas pessoas que trabalham na prensa (geralmente mulheres), que passam essa argila num óleo (querosene ou a oleína) para que não grude e a coloca na prensa que gira formatando a telha. Do outro lado da prensa, fica outro grupo de pessoas responsáveis por tiraram as telhas “verdes” da prensa e colocá-las numa esteira (*fotos 10 e 11*).



Foto 10 – Trabalhadores untam com oleína os bastonetes de argila e os coloca nas prensas. Observe que todos os trabalhadores utilizam apenas o avental como EPI (*Equipamento de Proteção Individual*)

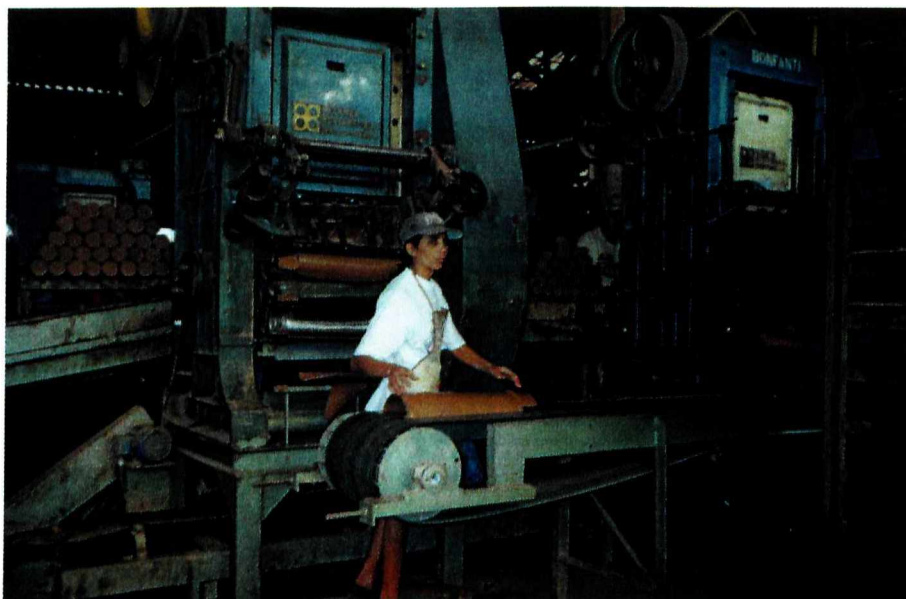


Foto 11 – Aqui observa-se uma trabalhadora ceramista retirando da prensa a telha pronta (moldada) e a colocando na esteira para que sejam organizadas nas vagonetas.

As pessoas que trabalham nas prensas passam a maior parte do dia de pé e realizando um movimento único e monótono, o que exige atenção redobrada para que se evite acidentes. Este parece ser o local onde mais acidentes ocorrem no interior da cerâmica, pois um único segundo de distração pode significar um corte no dedo ou na mão, ou em casos mais graves a perda do membro.

Segundo a médica do trabalho Dra. Maysa Faleiros Cardoso Faion, 33 anos casada, 2 filhos e que realiza um trabalho de controle e prevenção de acidentes, em mais de 20 cerâmicas na cidade de Monte Carmelo, a lombalgia é também muito comum no trabalhadores da prensa:

“... uma patologia que é freqüente é a lombalgia, sabe?... principalmente, é... é... quem fica nas prensa, mais é do sexo feminino, fica... a maior parte do tempo em pé... e no (...?...) sem movimentar muito, então a gente tem uma patologia importante que é de lombalgia... É uma patologia muito comum, assim essas lesões musculares, sabe? Essas distensões.”(11/01/2001)

Deste modo, não é difícil encontrar trabalhadores queixando-se de dores nas pernas, nos braços, nas costas. Um agravante dessa situação parece ser a tensão a que estão submetidos constantemente já que a prensa é um maquinário perigoso, que exige constante vigilância, como já foi dito.

Outra dificuldade vivenciada pelos trabalhadores da prensa está relacionada ao uso da oleína ou querosene, utilizada para untar a argila que será moldada. Como pode ser observado através das fotos 10 e 11, esses trabalhadores, com exceção do avental, não parecem fazer uso de outro tipo de proteção, seja para as mãos, boca, nariz ou olhos.

Sobre esse problema, Elizângela conta que:

“O óleo espirra tudo no olho da gente. Eu acho que muita gente saiu dali sofrendo das vista viu? O óleo espirra, aquele punhado de soda, você vai arrumar assim... as telha começa a cair, o óleo começa a cair assim, dentro do olho, dentro da sua boca, tudo..”(13/07/97)

A médica reconhece o perigo da utilização dessa substância, porém ao falar sobre proteção, aponta apenas para a utilização de aventais:

“Então, pra... pra... então tem aquela, aquela substância lá, aquele produto pra moldar, né? Uma oleína, então ficava, pingava tudo neles, eles chegava, é.. é... durante esse período aqui... esse período que a gente tá, desenvolvendo esse trabalho, não teve, mais já teve acidentes, assim, com queimaduras domiciliares, a pessoa, chegou, é... é... foi fazer comida, a roupa tava... tava molhada e pegou fogo, isso foi relato, num foi, no meu período.”(11/01/2001)

O reconhecimento do risco da utilização dessa substância para a saúde do trabalhador por parte do empregador fica claro, entretanto, o que não fica claro é o interesse patronal em modificar essa situação.

Neste sentido, o que se pode notar é que parece haver uma transferência da “culpa” para o próprio trabalhador. Como se fosse uma questão de “educação”.

Quando questionada acerca de seu trabalho no tocante à prevenção de acidentes e proteção ao trabalhador, Dra. Maysa, num trecho de seu depoimento, faz a seguinte avaliação:

“... num adianta, eu brinco que eu falo assim:” _ Que antes do pessoal ter saúde, eles tem que ter educação!”(...) ***Essas coisa assim, então se tiver, eu falo que antes da saúde tem que ter educação, então isso aí é a longo prazo, num adianta a gente querer um processo assim, mais rápido...”***(11/01/2001)

Sobre o trabalho na prensa pode-se notar ainda uma outra questão que parece colaborar para que esse trabalho seja ainda mais desgastante. Assim, pelo fato de ser um trabalho contínuo, em que a máquina não pára, os trabalhadores deste setor, raramente podem sair do lugar. Deste modo, quando sentem sede ou têm necessidade de ir ao banheiro, muitas vezes não podem fazê-lo, pois dependem de alguém para substituí-lo enquanto se ausentam, e nem sempre há alguém disponível.

Ao falar sobre os motivos pelos quais prefere trabalhar enchendo vagonetas Ronaldo conta que:

“Ah! Por que quase homem nenhum gosta de fazer esse serviço, né? Um serviço preso. Tem que ficá pedino os otos pra pegá água, pra ir no banheiro tem que ficar pedino os otos. Agora, quem trabalha na vagoneta geralmente não. Pode sair hora que quizé, né? Por que sempre tem um sobrano.”

Neste sentido, o cotidiano desses trabalhadores parece marcado por um lado pela constante tensão causada pelo risco de acidentes e por outro pelo descaso do patrão.

Do outro lado da esteira ficam as vagonetas (estruturas metálicas sobre trilhos que irá levar as telhas para a estufa ou secador) (foto12) aonde outro grupo de trabalhadores vão retirando as telhas já moldadas e colocando-as nessas vagonetas, que vão ser levadas ao secador para que as telhas verdes tenham o mínimo de umidade possível antes de entrar no forno para o cozimento.

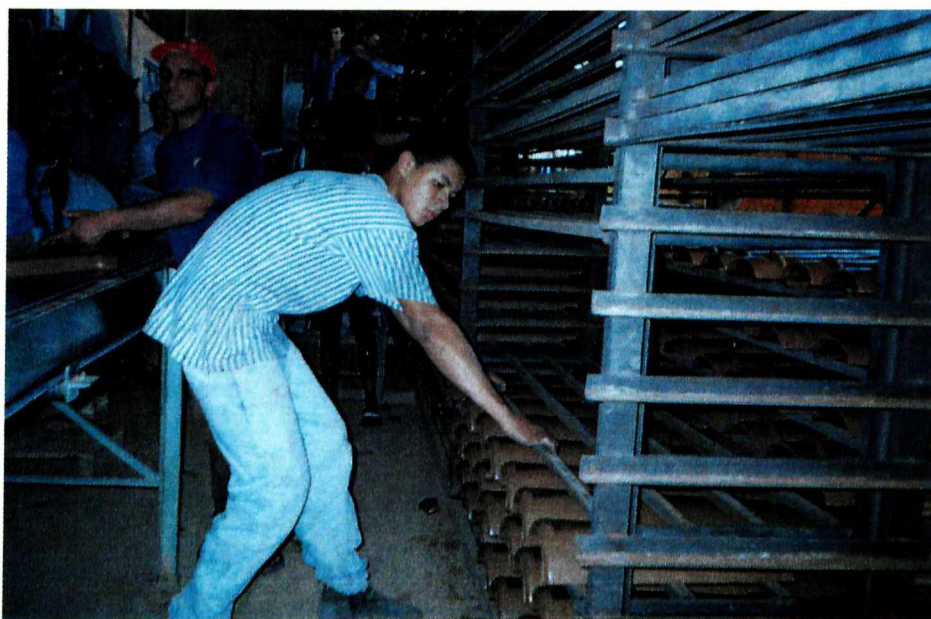


Foto 12 – Trabalhador ceramista acomodando as “telhas verdes” nas vagonetas.

Ronaldo, ao falar dessa etapa, se expressa da seguinte forma:

“(...)Aí dessa vagoneta...(..) enche de um em um (...) guardano ela no secador aqui. Ela sai do outro lado. Ela sai aí tem mais gente de lá pra tirar... ela tem que ficar no secadô pra tirar a umidade que se não a telha num presta...”(05/09/97)

De fato, ao sair da moldagem, as peças saem com uma média de 30% de umidade, e para se iniciar o processo de cozimento é necessário que as peças estejam com menos de 3% de umidade. Pois se tiverem mais que 3% de umidade, o processo de cozimento deverá ser realizado com o máximo cuidado, especialmente o início (aquecimento) para que as peças não se deformem, quebrem ou lasquem.

As vagonetas, como já foi dito, levam as telhas moldadas para o secador e deste, até próximo aos fornos.

O secador constitui-se de um cômodo quente, onde as telhas permanecem até que estejam secas, prontas para a queima (*foto 13*). Os trabalhadores encarregados de levarem e retirarem as telhas até os secadores e também aos fornos convivem cotidianamente com as altas temperaturas, o que pode provocar sua exaustão física. Essa exaustão a que o trabalhador está exposto pode ser visualizada através da expressão de cansaço ou pela excessiva transpiração registrada na *foto 14*.



Foto 13 – Secador cheio de “telhas verdes” onde estas últimas ficam até que sua umidade caia a 3%.

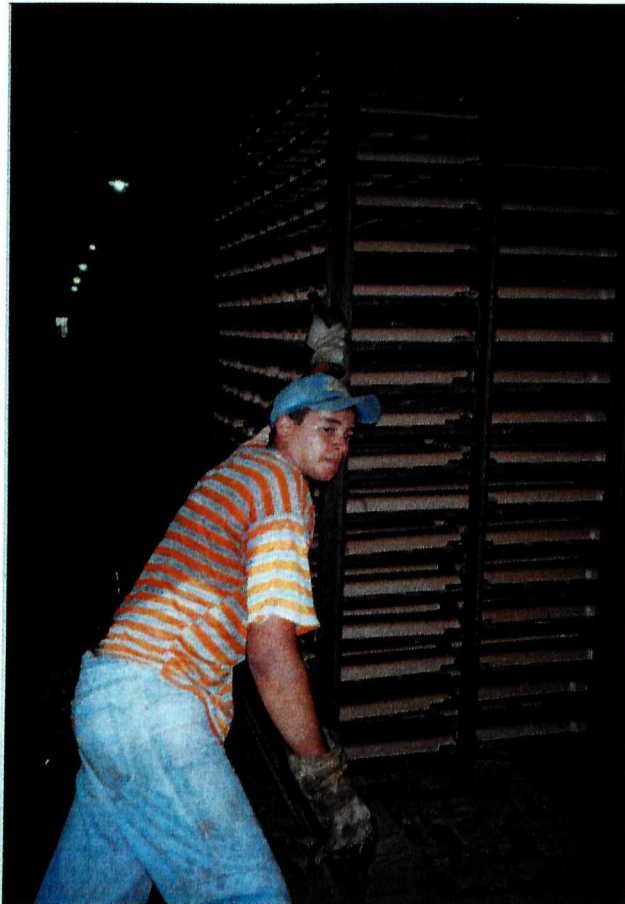


Foto 14 – Os trabalhadores enfrentam temperaturas elevadas dentro dos secadores. (Em detalhe um trabalhador transportando as telhas na vagoneta até o secador).

Passado esse processo, inicia-se outro, ou seja, inicia-se o cozimento ou queima das peças. Essas peças são levadas nas vagonetas até perto dos fornos, onde são retiradas por outro grupo de trabalhadores (os enchedores de forno) e dispostas dentro dos fornos em camadas, que são denominadas mãos de forno; normalmente são cinco mãos. Esse processo é realizado em três etapas, quais sejam, o aquecimento, a queima e o resfriamento (*foto 15, 16 e 17*).

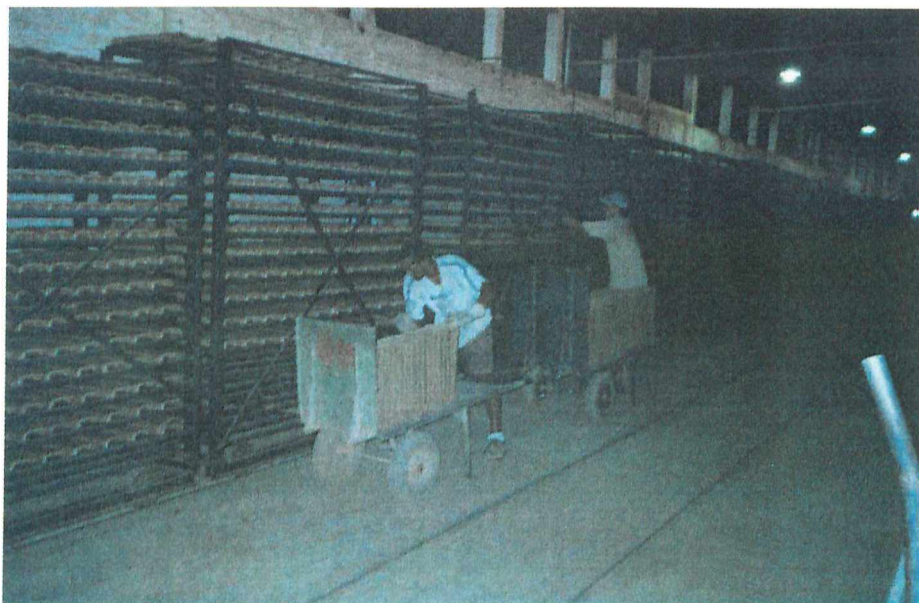


Foto 15 – Em detalhe a retirada das telhas das vagonetas para serem levadas aos fornos de queima.



Foto 16 – Dentro dos fornos as telhas ainda “verdes” são retiradas dos carrinhos (vide foto) e organizadas em camadas denominadas pelos trabalhadores como “Mão de Forno”.



Foto 17 – Após a queima, os “tiradores de fornos” retiram as telhas dos fornos, o que é realizado durante a madrugada, já que a temperatura do forno permanece um tanto elevada.



Foto 18 – As telhas queimadas são colocadas em depósitos dentro da própria indústria cerâmica até que sejam transportadas ao consumidor.

Fernando Souza Álvares, brasiliense, 20 anos, solteiro, trabalha como tirador de forno há um ano fala sobre o processo de queima da seguinte maneira:

“... O forno é três etapa. Primero é o que es chama de reto quente, depois é a quema e o terceiro dia é o miolo, dismiolano, es fala. Quema tres dia. Depois fica esfriano, aí separa as mão, a de cima, quema demais, é as telha de 2ª, a do meio... a mão do meio é a melhor, a de baxo num cozinha muito é as de 3ª...”(02/11/2000)

O José Agostinho conta detalhadamente este processo:

“... Aí... aí eles coloca o fogo.. é devagar, o fogo, na 1ª noite num pode passá de 150°, aí... é... tem... até 200° cê tem que... é... levano o fogo divagar, prá tira, que as vez dá um miolo branco, é... até dá o miolo, né? Vai quemano por fora, divagarzinho, e vai quemano lá dento, vai sobrano o miolo, vai diminuino, então, se ocê quemá a telha antes de tirá o miolo; aquele miolo vai branquiá, depois dele branquiá... depois dele branquiá, ele num caba mais, num dá defeito na telha, mais compradô que num cunhece, acha que aquilo é defeito, sabe? Mais num tem defeito, só que, quem num cunhece acha que é defeito. Aí depois que atinge 200° no forno inteiro, aí esse miolo acaba... aí eles... eles aumenta o fogo bem... assim gradativamente, mais bem rápido, é... aí ele vai chegá a 900°, em cima dele, a 900°, aí quando chega em 900° em cima, a pessoa num pode colocá mais muito fogo, tem que... é colocano poco, o calor lá em vez de subí, ele desce, é incrível, né? Pur que a chaminé puxa, é pra baixo, sabe? O fogo entra por cima das telha, a chaminé puxa pro chão. Do chão é que sai pra chaminé. Aí que vai desceno calor, então quando ele chega a 800° em baixo, aí já tá bão, com 800° a telha já fica queimada só que tem que dá 900° em cima prá dá 800° lá embaixo, sabe?”(20/04/97)

Terminado o processo de queima, deixa-se o forno resfriar até uma temperatura de aproximadamente 30° para que os trabalhadores possam entrar e retirar as telhas prontas.

Mesmo o trabalho de desenforção sendo realizado durante a madrugada, a temperatura de exposição tem sido contestada por muitos trabalhadores que afirmam que os termômetros não devem funcionar bem, pois o calor é muito intenso e, além disso, os desenforadores acabam sofrendo com muitas doenças em função da quentura do local de trabalho.

Geraldo ao refletir sobre essa questão conta que:

“Aquil’alí é o seguinte, eu vô te falar... que a gente que tá trabalhano diretamente dentro daqueles forno, cê vê que o trem é muito mais quente do que es fala que é, pur que se fosse temperatura ambiente cê num suava do jeito que gente sua não, é muito mais do que es fala...”
(08/09/97)

As conseqüências da rotineira exposição dos trabalhadores às altas temperaturas vão desde desidratações a desmaios pela exaustão. Ronaldo e Carlos analisam, respectivamente da seguinte maneira:

“É secador. Quente demais, nossa! Nego entrá, uma voltinha que cê dá lá, cê molha todinha. Isso faiz mal, isso num é bão. Pessoa lá trabaia 6 meis, dá pneumonia, passa mal. Teve gente lá que trabaiô, lá, que deu pneumonia.”(05/09/97)

“... na cerâmica por exemplo, ali tem calor de alt... alta temperatura, ce entende? Então ce ta arredó daquilo toda hora e na mesma hora que ce ta naquilo ce vai no bêbedô e bebe água gelada, por que a única água que ce tem pa bebê é aquela, e outra coisa, na época da chuva, as pessoa sempre móia muito, se ta no calor tem que moiá , aquil’ali é quente e frio dentro da cerâmica, ce entendeu?... na firma, na mesma hora que ce ta na... no quente do forno aí de 800, 900°, ce já ta la no terrero, ce já ta bebeno água gelada... iss’aí faiz muito mal pa pessoa. Eu cunheço muitas pessoa aí que já perdeu até a vida aí cum quema de forno... da leucemia no sangue, né? Morre... otos perde as vista...”(04/01/2001)

Em seu depoimento, a Dra. Maysa analisa questão e deixa claro o perigo da excessiva exposição às altas temperaturas. Através de sua fala é possível perceber a ocorrência de desidratações e desmaios e a solução para esses problemas passa apenas pela prevenção, ou seja, hidratação através da ingestão de líquidos e também uma alimentação que garanta a reposição de substâncias que são eliminadas no suor. Assim, a médica diz que:

“... desidratação que é o nosso, assim, é o que a gente preocupa bastante, por... por questão de ambiente, temperatura e tudo, é... é muito mais, é a questão de prevenção. (...) por que no suor a gente perde muito sódio e potássio principalmente, nesses (...?)é... é... alimentar, fazer, parte assim de todo di... diariamente assim, comer banana, é... é fonte onde que a gente sabe que ele vai ter esses eletrodos além da... de hidratação e tudo mais. Agora, é... a pessoa, muitas vezes tem é... é... o que a gente... fala assim, que ela... ah! é... é... ela ta tendo... teve uma síncope, desmaiou e tudo...”(11/01/2001)

Para a médica coloca uma maneira de “amenizar” esse problema seria a prevenção. Assim, os trabalhadores deveriam tomar bastante líquido, no caso, um litro de água a cada hora, comer alimentos ricos em substâncias que se perdem com o suor, enfim, propõe mudanças de hábitos aos trabalhadores que muitas vezes não são aceitas por eles.

Deste modo, a necessidade de incluir determinados alimentos em sua dieta diária e tomar pelo menos um litro de água a cada hora, segundo a orientação médica, são apenas alguns aspectos do trabalho na cerâmica que exige do trabalhador modificações

no seu modo de viver e que muitas vezes não é atendido pelo trabalhador ou por resistência ao seu modo de vida ou mesmo por falta de condições.

Outra problemática ainda a ser levantada; refere-se à necessidade de se tomar água e as condições em que se encontra a água que é destinada ao consumo dentro das cerâmicas.

Há cerca de sete ou oito anos atrás a água de muitas cerâmicas não eram sequer filtrada e oferecida aos trabalhadores em caixas d'água nas quais para retirarem o líquido, tinham que colocar os copos dentro da caixa. Ao que parece esta situação vem mudando, talvez em função das reivindicações dos trabalhadores juntamente com o trabalho da médica.

Nos depoimentos que se seguem, pode-se observar como Elizângela e Dra. Maysa, respectivamente, analisam essa mudança:

“... sabe, a água lá é quente, mais ela é quente e suja por que a ... eles pega da caixa e todo mundo põe a mão(...?...) e aconteceu de sapo morrê lá dento, cuica, morrê, tudo morto lá dento, aí foi indo assim, né? Eles pegaram poram uma (...?...) um negócio de a ... água filtrada, tava até bão...”(13/07/97)

“... Isso aí eu vou falar... Antigamente nem água potável num tinha, sabe? (...) é... por exemplo, antigamente era copo coletivo, num tinha o bebedouro, era aqueles potes pegava lá e punha, agora não; pelo menos é orientado... é orientado também ao gerente (...) E a água que assim, tem o carvão lá pra filtrar que são aqueles... aqueles... bebedouros grandes, ne?” (11/01/2001)

André Luis Macedo, carmelitano, solteiro, 25 anos, trabalhador ceramista há 9, ao falar sobre a insalubridade do local de trabalho deixa pistas que possibilita pensar na questão da água enquanto um problema que apesar de se ter notado alguma melhora em algumas cerâmicas, faz parte do contexto do trabalhador:

“Fica lá a Maysa mandano fazê 5 minuto ginástica todo dia, só que o que es tinha que vê era o povo lá dano doença, por causa da quentura dos forno, das estufa, aquês água quente ques põe lá pra nós bebê... caxa d'água cheia de sapo...é... bicho morto lá dento e nós bebeno aquês água...”(25/07/2000)

Outra questão importante a ser notada é a propagação de uma intensa poeira no interior da cerâmica, cuja inalação, pode provocar gripes, resfriados ou desencadear reações alérgicas e talvez até mesmo doenças mais graves, segundo o que a Dra. Maysa

deixa entrever em seu depoimento. Segundo ela, uma afirmação acerca disso só pode ser feita mediante estudos que comprovem que a poeira veio causar alguma moléstia:

“Oh! O que a gente tem que pensar, assim, a poeira... a poeira, quantidade, foi medida pelo engenheiro, eles tem um engenheiro, a ... a ... a partícula em suspensão, ela... ela é... como que a gente fala, que a gente fala, que ela é grande; e uma poeira, mais assim, que o diâmetro dela é pouquinho mais... ela fica só em vias aéreas superiores, ela num é de depos... de... de... você inalar e ela depositar no pulmão; pra gente pensar numa patologia assim... é... é... uma pneumocoliose (...?...) alguma coisa do tipo é... é... esses mineradores e tudo, não! Que num é aquela... num é aquela sílica pequena não, sabe? (...) então a questão da poeira ce tem que pensar mesmo em infecção de vias aéreas superiores, como resfriado comum... só que até por ele... num sei se só por isso, mais assim, que a gente assim, ta no planalto central, e até por questões, se é que tem esses montes de argila de depósito e tudo, Monte Carmelo todo tem poeira, nossa cidade como um todo, então assim, pra gente levantar que lá, o trabalhador de lá tem uma suscet... né? Ficam mais receptivos assim, tem mais é... é... resfriado comum do que a população que não ta lá no dia a dia, pra falar em termos de... por conta da poeira, aí realmente a gente ainda não tem um trabalho...”(11/01/2001)

Na avaliação de Elizângela, entretanto, que não é médica, mas que respira poeira diariamente, essa questão parece tomar uma dimensão mais problemática:

“... lá tem muita poeira que... todinha da (...?...) que tá lá acho que ela sofre de alguma coisa, ou é alérgica (...?...) ele varre lá, sabe? A poeira vem tudo na cara da gente, aí a poeira sobe no seu nariz assim, sabe? Vai chegá lá até no pulmão, você fica assim, até boba assim, ó!(...) cinza, eu como cinza lá o dia inteiro, poeira quase o dia inteiro, quando chega em casa, num tem vontade de comer não...”(13/07/97)

Pôde-se ouvir, portanto, denúncias de constantes acidentes tanto nas prensas, como no caixote (caixão alimentador), que podem até tirar a vida, como já ocorreram algumas vezes e também as incidências de muitas doenças como pneumonia, desidratação decorrente das altas temperaturas do forno e estufa ou secador, resfriados e alergias, em função da poeira intensa no interior da cerâmica ou do óleo ou oleína. Todos esses fatores deixam claro a insalubridade do local de trabalho.

Neste sentido, pôde-se notar ainda que, quando os trabalhadores têm sua saúde debilitada, muitos parecem ser simplesmente descartados como uma “peça” que não funciona mais.

Diante desse problema, muitos trabalhadores se acomodam, pois não acreditam que essa situação possa mudar, outros resistem e lutam da maneira como podem, como por exemplo, ao conceder a entrevista aproveitam para fazer suas denúncias, ou ainda procurando o poder judiciário para fazer valer seus direitos.

Geraldo percebe descaso de seu empregador da seguinte maneira:

“(...)Tava tirano forno muito quente, rebentou uma veia... na cabeça, tinha uns 8 meis que ele tava trabaiano lá, em vez deles aposentá ele... mandô ele í embora... (...) taí desempregado, doente... patrão nem lá vê ele vai...”(08/09/97)

Enquanto o trabalhador vivencia esses conflitos e luta, à sua maneira para garantir sua sobrevivência, perdendo muitas vezes sua saúde, ao empregador, o que parece interessar mesmo são os números cada vez maiores da produção e do lucro baixando os custos. Para isso, seu equipamento que é “muito caro” não pode ficar ocioso. O depoimento do Sr. José Eduardo é bem elucidativo desta questão:

“... é... o importante hoje é que você tem um punhado de equipamento, tudo equipamento muito caro, que se ocê trabalha dois turno cê tá... o custo seu tá... tá... caíno, e a gente trabalhou em cima de diminuí mão-de-obra, de ter menos perca, é... aumentá nossa produção, né?”(21/07/2000)

Vê-se assim, que o cotidiano do trabalhador ceramista em Monte Carmelo parece marcado pelo conflito, pela tensão e pelo descaso patronal e sua história construída a partir de embates, resistências e acomodações.

O processo de produção, nem sempre foi realizado se utilizando uma grande quantidade de equipamentos, facilitando o trabalho e muitas vezes eliminando determinados postos de trabalho. Até por volta do final da década de 80, o setor de produção, na maioria das indústrias cerâmicas de Monte Carmelo, ainda não contava com grande parte dos equipamentos e nem com a forma de administração da produção que no final da década de 90 podem ser observados.

Como foi observado anteriormente, diante da necessidade de ampliação dos lucros, as indústrias ceramistas de Monte Carmelo buscaram desenvolver técnicas de controle da produção. Algumas dessas técnicas podem ser visualizadas, de um lado, na busca do desenvolvimento tecnológico através do domínio e controle do saber do trabalhador e, de outro, através da figura do gerente de produção.

As atividades desempenhadas pelo gerente de produção eram desenvolvidas, antes da criação de tal posto, pelo próprio proprietário, cuja imagem, em muitos casos se vinculava à imagem do trabalhador.

O Sr. Odair aponta bem essa questão quando diz que:

“Ele é que oiava tudo lá, né? Trabaiaava igualzim quarquê um de nós lá dento, coitado! Até que a cerâmica arribô, ele passô muito apuro...”
(20/04/97).

Figura um tanto contraditória, o gerente de produção ou encarregado, caracteriza-se por ser um trabalhador que defende os interesses patronais, fazendo a intermediação entre os dois lados.

Para ocupar do cargo de gerente, o empregador parece ter buscado firmar com o trabalhador uma relação pessoal, estabelecendo vínculos de afetividade, confiança e lealdade. O depoimento, o Sr. Sebastião aponta para sua interpretação acerca dessa relação:

“... eles aqui é o seguinte, eles num são patrão, são os companheiro da gente, sabe? (...) Com a gente, tem (...?...) confiança com a gente, escritório, esses trem... a gente... tanto é que eu tenho chave de tudo quanto é trem deles eu tenho (...) o gerente ele tem que conhecê... o patrão tem que tê confiança... tudo isso acontece,né?(07/09/97)

O olhar dos demais trabalhadores para o gerente deixa claro essa contradição ao oscilar entre uma identificação, pois ele também é um trabalhador, e uma certa antipatia, afinal, seu trabalho acabar por confundi-lo com o patrão.

O depoimento do José Agostinho revela seu olhar sobre o encarregado enquanto um trabalhador com a tarefa de defender os interesses do patrão e por isso um trabalho difícil, mesmo percebendo que pode prejudicar seus colegas, “ele não pode falar, pois’ é de confiança do patrão”.

Assim, a seu ver, o gerente é:

“... um dos impregados de mais confiança deles (dos patrões)... e por isso muita coisa que tinha que falá pra eles, pur exemplo, num dá certo... num podia, que es tão, as veiz pruveitano muito, e... tá... tá... comé que fala... que tá prejudicano muito a gente, mais por causa daquele problema de sê de confiança, cê acaba ficano sem falá, num pó falá nada, que fica... é chato, né? Que cê sabe que cê é de confiança

duma pessoa, então cê vai reclamá... e tem que falá é pros funcionário, que cê vê que tá seno explorado.”(20/04/97)

Já o Sr. Odair pensa de forma diferenciada. Acredita que a maior dificuldade do gerente é ter que lidar com trabalhadores que não acatam as ordens dadas. Apesar de não falar diretamente, seu depoimento sugere inclusive, que o gerente não é um trabalhador, mas um patrão:

“... o difícil é cê mexê cum povo que trabalha dentro da cerâmica, né?Por que tem muita gente boa, mais cê topa muita gente, assim,... desentendida, né?Igual a gente vê lá , o gerente vai chamar a atenção de um funcionário [grifo meu] lá, tem muito funcionário ignorante, às veiz, ele tá errado ali, el num quer assumir aquela... aquele erro dele, cê tá entendendo?”(12/10/96)

Ainda sobre a figura do encarregado, Carlos julga que o cargo de gerência é um cargo em que não se trabalha muito:

“... hoje em dia na cerâmica num tem aquela coisa assim, mais docê ficá em riba do empregado (...) cada funcionário que entrô pelo portão pra dento ele já sabe qual a sua seção de serviço... então fico muito fácil po gerente gerenciá hoje em dia foi isso, então ele tem que conferi mais é só a falta de empregado...”(04/01/2001)

Entretanto, quando fala sobre as tarefas de responsabilidade do encarregado, Carlos lista uma série de atividades mostrando como ele percebe que a produção na indústria ceramista é realizada sob a vigilância constante do gerente:

“Ah! O gerente... o ... a ... a obrigação do gerente é a seguinte, ele ta ali pa, ele tem que olha as pessoa que ta trabaiano, e conseguino material e... ele, ele que dá as orde, quando o ... por exemplo, quando o forno já ta quemado, ele dá orde pa podê corá o fogo, é... ele que corrige todo o material da cerâmica, o que entra, o que sai, ele que corrige, é, por exemplo, se a cerâmica ta produzindo 60 mil peça por dia, é ele que tem que marcá, tudo o que deu pa proveitá, o quê que foi po lixo, o quê que perdeu... essa que é a função do gerente, e... outra coisa, quando um... um... a produção as veiz aumenta e lá em riba tem que aumentá funcionário é... é ele que toma a decisão. É... essa é a função do gerente.”(04/01/2001)

Outra técnica de gerência científica no setor produtivo, a ginástica laboral, que sumariamente, consiste na realização de exercícios físicos antes e após o expediente com o intuito de estimular o trabalhador para que seu trabalho seja mais produtivo e

também em preservar sua saúde, contribuindo na redução de custos ao empregador, na medida em que contribui para que o trabalhador fique mais atento evitando acidentes ou doenças provocadas pelo esforço físico, foi uma tentativa frustrada da médica ao tentar implantar essa técnica nas indústrias cerâmicas a que assiste.

Assim, mesmo se utilizando um discurso de se preservar a saúde física do trabalhador, muitos resistiram por não vislumbrarem os possíveis benefícios que teriam.

Para Ronaldo, a saúde do trabalhador está comprometida por outros aspectos que, segundo ele, teriam que ser modificados com mais urgência:

“A Maysa é médica, né? Aí eles fica lá com aquelas nojera, de ginástica, esses trem assim, mais o que precisa deles olhá lá, eles num olha não. Faiz calor demais lá, tinha que mudar. (...) Já viu falá em enxame de medicina ocupacional? Se ocê fô pra lá, cê tem que fazê cum ela. Se ocê sair tem que fazê. Cê acha... precisa disso? Pô! Um monte de pergunta; ouve bem? Enxerga bem? Aquilo.”(05/09/97)

Por outro lado, o descaso patronal também se evidencia quando este responde negativamente a tentativa da médica de por não visualizar as vantagens que obteria com a implementação da ginástica laboral. Em seu depoimento, a Dra.Maysa faz a seguinte colocação:

“... e que a gente tem tentado trabalhar nisso, tentado tanto evitar quanto prevenir. Gente... no início, ainda não tem uma adesão, não assim, como se diz, eu ainda não consegui vender meu peixe, ainda assim, é... a questão da ginástica laboral sabe? A gente tentou implantar no início e no final da jornada... pra diminuir custos, pro empregador a gente fez uma cartilha, e tudo, mais assim... alguns acham que assim então... então num houve... num houve uma aceitação, de nenhum dos lados... Foi assim, então, como ele; ah! Então ta, então 5 minutos antes do serviço, daí na hora de terminar mais 5 minutos, 10 minutos. Ah! Então ta, tudo bem, só que é o ... o ... é... (...) ah! Não, a gente já tem um dia inteiro fazendo ginástica... então assim, ficou, umas empresas ficaram uns três meses, aí o pessoal assim, a gente tenta é...” (11/01/2001)

Pensar as modificações tecnológicas sofridas pela indústria ceramista em Monte Carmelo nesses últimos anos significa pensar em modificações que vêm afetando de forma efetiva a vida dos trabalhadores, e ainda que muitos deles não se dêem conta, a exploração de sua força de trabalho vêm aumentando a cada “nova” tecnologia implantada, pois essa, como é possível perceber, tem sido utilizada não com o intuito de

aliviar o trabalhador da fadiga do trabalho pesado, mas, para garantir margens de lucro cada vez maiores.

Assim, quando se coloca a prensa automática, por exemplo, o empregador passa a ter em suas mãos o controle da quantidade de telhas que será produzida. Intensifica-se assim, a produção e a exploração, exigindo do trabalhador uma maior rapidez, maior atenção, causando um cansaço maior e dificultando até mesmo a relação dos trabalhadores entre si, pois antes, quando as prensas eram manuais podiam parar para conversar estabelecendo um relacionamento mais próximo, com a implantação dessa tecnologia, entretanto, não se pode nem olhar para o lado, pois se corre o risco de sofrer algum acidente. Pedro Francisco Timóteo, 43 anos, casado, um filho, gerente de produção fala da necessidade de estar atento o tempo todo. Ele se expressa da seguinte maneira:

“(...) Que cê tá trabaiano cê num pode ficá conversano, por que o maquinário é pirigoso, sabe? Um sigundo que ela tirou o olho ela machucou, sabe? (...)”(12/10/96)

Além dos aspectos da intensificação da exploração que provoca um excessivo cansaço e dificulta as relações no interior da fábrica, há que se notar também a extinção de muitos postos de trabalho, o que certamente causa uma desestabilidade no âmbito familiar, já que o filho, o pai ou a mãe acaba perdendo o emprego, e até que se consiga um novo trabalho (e muitas vezes não se consegue) o rendimento familiar está comprometido.

Ao empregador, entretanto, isso não se mostra como um problema, já que, seu interesse parece estar na maioria das vezes voltado para diminuição dos gastos e o aumento de seu lucro. A fala do Sr. Divaldo, ao comentar sobre a mudança que introduziu as vagonetas no lugar das grades (*foto 19, 20 e 21*) é elucidativa dessa questão:

“Uma das inovação mais, que começou a mais disinvolvê em cerâmica foi a vagoneta...(…) E era tudo na grade de madeira... (...) E mão-de-obra também... que, era muito minino com carrinho, quele trânsito de minino cum carrinho chei de vag.. chei de gradinha trombano dentro da cerâmica, quebrano. Aí já inventaro a estufa com vagoneta. E daí que começou a despertar mais a curiosidade do ceramista pra, procurano otros meio de melhorá a qualidade, diminuino mão-de-obra..”(21/07/2000).

O Sr. Odair percebe as modificações do setor de produção da seguinte forma:

“De primero, aliás era meio assim, até uma palavra feia, era pelos coco, num era um trem assim, bem... bem organizado, né? Hoje não, hoje ela tá assim, bem evoluída, né? Maquinário bom, é maquinário de... aonde... tem uma peça hoje, uma... um maquinário hoje... as vezes gastava 2; 3 ali procê trabalhá, procê ajudá ele fazê, você num depende daquilo mais...”(20/04/97)



Foto 19 – Trabalhadores “montando” as grades para que as “telhas verdes” sejam colocadas.



Foto 20 – Trabalhador ceramista colocando as telhas ainda “verdes” nas grades.



Foto 21 – As vagonetas substituíram as grades na maioria das indústrias tornando o processo mais ágil e rápido (em destaque um trabalhador fazendo manutenção em uma vagoneta).

Para o Sr. Odair a mudança no processo de produção parece tomar apenas uma dimensão de positividade.

O Sr. Sebastião se recorda da época em que o processo de produção era todo manual ou artesanal e assim se expressa:

“... tinha os picadô, era uns tanque, então cê enchia(de argila) as carroça de animal... aqui puxava do depósito, enchia; dali cê punha água... no outro dia cê passava pelo maquinário, massava na pipa, era uma marombinha piquena... aí já saía o barro, cê batia na prensa... fazia... tudo manual, né?(...) Punha tudo pra secá no sol; então as grade era pouca, nós punha no chão.. sabe, esparramado, depois de tarde, enforava pra cabá de secar.(...) (os fornos)É a mesma coisa. Inclusive é os mesmo. Tem... os(...?) os forno aqui é mesmo...”
(07/09/97)

O Sr. Sebastião, ao recordar o processo antigo ou artesanal, assim como o Sr. Odair, dá à modificação tecnológica apenas o sentido positivo, o que, entre outros aspectos, revela uma assimilação do discurso capitalista de que com o avanço tecnológico diminuir-se-á o cansaço provocado pelo trabalho.

Para que os objetivos os quais as transformações tecnológicas nos moldes capitalistas se efetivem, ou seja, para que os avanços tecnológicos garantam uma maior produção com redução de despesas e garantia de maior lucratividade, faz-se necessário

modificar valores e percepções acerca do trabalho. Neste sentido, pode-se observar que a racionalização da produção tem realizado seu papel de forma satisfatória nesse processo.

Assim, ao rememorar o passado, o que parece vir à mente desses trabalhadores são as dificuldades de um processo de produção sofrido, pesado, no qual preparavam a argila a ser usada enchendo com a pá a carroça, depositando essa argila no picador, colocando água, esperando dias para que essa argila ficasse pronta; moldar a telha em prensas manuais, o que exigia força física, secar a telha no sol, e se chovesse tinham que retirar todas as telhas atrasava a encomenda, enfim, ao rememorar o tempo passado, parece vir à tona toda a gama de dificuldades e sofrimento pelos quais esses trabalhadores passaram. Assim, ao comparar com o processo atual, o que aflora em primeiro lugar parece ser a facilidade com a qual se pode produzir uma telha ou tijolo.

O que chama a atenção nesse processo é a forma como esses trabalhadores vêm sofrendo perdas.

A interpretação do Sr. Sebastião acerca do crescimento produtivo deixa claro sua assimilação ao discurso patronal de que a ocorrência de uma prosperidade se dá em função de uma “evolução”, ao que parece, “natural”. Assim, ele fala que:

“(...) hoje... cerâmica, hoje é uma potência, nós trabalhava aqui 22 pessoa, hoje nós trabaia 90 pessoa... por cerâmica, cê vê que... né? Tanto melhorô pros empregado quanto pros patrão, né? Por que naquela época que eu entrei pra trabaia cum eles, nós entremo, aqui tinha 4 forno, só fazia francesa, hoje os patrão tem 3 cerâmica... várias fazenda, por que tudo evoluiu, né?”(07/09/97)

Deste modo, através do depoimento do Sr. Sebastião é possível perceber que a exploração do trabalhador vem aumentando na mesma proporção em que aumenta a prosperidade do patrão.

Assim, de acordo com o Sr. José Eduardo, mensalmente a cerâmica de sua propriedade faturava no final dos anos 80 e início dos anos 90 em torno de R\$380.000,00, produzia 600.000 peças e tinha 48 trabalhadores recebendo em carteira um salário mínimo³⁷; no final da década de 90, seu faturamento chega a R\$600.000,00,

³⁷ É necessário ressaltar uma vez mais que, assinar a carteira do trabalhador com um salário mínimo parece ser uma forma de fugir dos encargos sociais, pois muitos trabalhadores ganham mais que isso, no que eles denominam “por fora”.

produz 2.500.000 peças com 210 trabalhadores ainda recebendo um salário mínimo em carteira.

Ao analisar esses dados, pode-se verificar um acentuado aumento na exploração da força de trabalho desses trabalhadores ao longo dos anos. Assim, ao dividir os números do faturamento pelo número de trabalhadores percebe-se que, no final da década de 80 e início da de 90, cada trabalhador produzia em Reais ao mês R\$1.250,00, já no final dos anos 90, cada trabalhador passou a produzir próximo de R\$1.810,00. O que significa um aumento da produção em dinheiro em R\$560,00 para cada trabalhador. Os salários, entretanto, não sofreram acréscimo, ao contrário, quando se pensa nas perdas do valor de compra do salário mínimo ao longo desses anos, vê-se que os trabalhadores perderam muito nesse tempo.

Abandonar o trabalho no meio do expediente, enrolar o serviço, recorrer ao poder judiciário, denunciar através dos depoimentos, se indignar com o trabalho, tudo isso se tem caracterizado como formas de resistência que os trabalhadores apontaram em suas falas, também se observou que muitas vezes esses trabalhadores parecem não resistir à exploração, se acomodando à situação.

Muitas vezes os depoimentos vieram em tom de denúncia, de revolta mostrando as múltiplas formas como esses trabalhadores lidam com a exploração sentida. Assim, ora resistindo, ora se acomodando, os trabalhadores foram deixando vir à tona uma gama de sonhos e expectativas, em que se pode perceber a complexidade do ser humano que muitas vezes se mostra contraditório em suas ações. Neste sentido, percebe-se que a história destes trabalhadores ceramistas vai se configurando a partir de embates, acomodações, resistências aonde vão se revelando sonhos, interesses, necessidades e posições diferenciadas, ou opostas.

A fala de Ronaldo mostra como o trabalhador resiste, “enrolando” no trabalho, e como a presença do patrão impõe um ritmo de trabalho:

“(...) O cara mostra serviço só quando os patrão chega lá, que eles é muito injuado, né? É só sabê que o cara chegô, nego anda pr’um lado, pro outro, ou arruma teia, ou chama fulano...”(05/09/97)

André Luis também fala sobre essa forma de resistência como algo um tanto comum:

*“... Ah! Todo mundo inrola. Fica todo dia, como se diz, né? É... fazem
cera... aí quando o gerente vem, o povo disfarça e travaia...”(25/07/2000)*

Outra forma de resistência apontada pelos trabalhadores é o súbito abandono do trabalho. Assim, entende-se que, ao se sentirem no limite da exploração alguns trabalhadores simplesmente saem no meio do expediente.

“(...) vê, uma pessoa ino embora, larga o serviço, vai embora... (...) esse dia lá eu até dô razão, por que nós tava de treis, por que (...?)... prensa solta teia dimas... e fala cum ele (com o gerente) ele nem tchum. Aí nego quema...”(05/09/97)

Muitos trabalhadores procuram os caminhos legais fazendo valer seus direitos, mesmo que para isso tenha que pagar um preço. Outros denunciam a estratégia da ameaça utilizada pelo patrão para inibir o trabalhador na busca de seus direitos, mas preferem não tomar nenhuma atitude. Geraldo fala sobre essa questão se expressando da seguinte forma:

“... se eu quizesse saí... saí, eles num mandava a gente í embora, a ente tinha que saí por conta da ente mesmo... se ocê levá eles na lei... eles arruma um rolo aí que... perde tempo, perde tudo e... e... se levá na lei mesmo, eles bate uma, eles fala assim pra gente, que vai batê uma foia... mandando pra tudo, as outra cerâmica, né? Pra num dá serviço.”(08/09/97)

Assim, coagidos pela ameaça do patrão, muitos trabalhadores acabam preferindo abrir mão de seus direitos legais a perderem a possibilidade de conseguir um outro emprego. Dentre as possibilidades existentes, o conformismo parece ser a melhor opção para Elizângela.

Em seu depoimento, Elizângela elucida bem como o controle patronal tem sido eficaz na medida em que mexe com aquilo que parece ser caro ao trabalhador, ou seja, seu emprego. Desta forma pode-se notar que ela percebe e sente a exploração e a injustiça, entretanto reconhece a força do patrão e prefere se acomodar frente à impossibilidade de conseguir um outro emprego. A depoente se expressa da seguinte forma:

“... Tem gente que entra (na justiça), sabe? Só que se ocê for tomá atitude assim na cerâmica, melhor cê num tomá, melhor cê ficá quetinha, por que aí vai sujano seu nome mesmo, em vez de sujá o deles. (...)Uai! Por que se você for brigá com eles, eles que ganham... (...) eu acho assim, trabalhador de cerâmica nunca deve lutar (...) por

que se ele for lutar, suja o nome dele, como é que ele vai trabalhá nessas loja, em ota cerâmica, em oto lugar?”(13/07/97)

Outra maneira de controle também percebida e analisada pelos trabalhadores é apontada pelo André Luis, que mostra ainda como esses trabalhadores lidam com esse controle muitas vezes tirando proveito disso:

“... Es(os patrões) qué comprá os oto, principalmente, por que... es num sabe nada, né... dento duma cerâmica; então es pega os nego que já trabaia muito tempo e oferece dinheiro pa trabaia pra es.(...) Tem uns (trabalhadores) que fala que vai saí só por que sabe que es vai e aumenta...(.) Ah! Fala que escuta nóis, só que num escuta nada. Fala que vai fazê reunião, que... pra nóis falá que que tá errado, que que qué que muda, mais é mentira, num muda nada, só pra enganá os troxa, inda tem gente que acridita...”(25/07/2000)

O depoimento do Sr. José Eduardo aponta para a imagem que o empresário quer passar enquanto patrão, ou seja, aquele comprometido com o trabalhador que os compreende e os valoriza, entretanto ao se expressar, deixa claro que essa atitude se dá por que entende que o trabalhador produz mais se trabalha satisfeito. Assim, para além de respeitar e valorizar o trabalhador enquanto um ser humano, seu interesse parece estar voltado para a sua produção e seus lucros:

“E pra empresa (?.) a relação humana, eu acho ela das mais importante, dentro duma empresa.(...) então num danta ter as melhores máquinas do mundo, se o ser humano num tá preparado, se o caboclo tá revoltado com a vida, né? A gente tenta fazê um ambiente de trabalho, gostoso, que a pessoa venha e tenha prazer de trabalhar.(...) Através de... é... reuniões, resolveno, escutano as reivindicações, fazeno aquilo que é possível, né? Normalmente o ambiente de trabalho, aqui trabalha, é muita, é... rapaiz, moça, senhoras, então a gente tenta tê o respeito, então todo mundo passa a gostar da empresa, porque é uma empresa que respeita o funcionário...”(21/07/2000)

Por não exigir qualificação, o trabalho no setor de produção pode provocar uma alta rotatividade de força de trabalho. O que também permite interpretá-la como uma forma de resistência, já que, muitos trabalhadores saem e depois voltam, especialmente na época da colheita do café.

Entretanto, ao comparar os depoimentos de Eusiane Abadia Rodrigues, carmelitana, 27 anos, casada, colhido em 1997 e de André Luis, colhido em 2000,

respectivamente, pode-se perceber uma mudança do quadro acima que vem ocorrendo nos últimos três ou quatro anos:

“Ah! Eu tô quereno saí agora em novembro (...) Ah! Por que tá cansano demais, tem muito tempo que eu tô trabaiano lá! Ah! Aí eu vô vê; aí eu vô ficá parada uns tempo, depois eu vô resolvê.”(16/07/97)

“Hoje em dia a gente num tá podeno brincá não, senão cê passa é fome. O povo antigamente... é... dava época do café sumia todo mundo de cerâmica, ninguém quiria sabê daquilo lá, dava mais, né? Só que com esse disimprego e qu'esse povo vino de fora panhá café, quem tá lá dento (da cerâmica), com tudo de ruim que tem, é mió do que num arrumá nada pra fazê depois...” (25/07/2000).

Esses dois depoimentos abrem caminhos para pensar sobre alguns aspectos que vêm fazendo parte do cotidiano do trabalhador e como este trabalhador tem lidado com eles. Assim, se em 1997, a Eusiane pensava em sair da cerâmica para descansar do trabalho um determinado tempo, caracterizando uma resistência à exploração de sua força de trabalho, hoje o André já não vê mais possibilidade, pois tem medo de perder o seu emprego, que parece ter se tornado uma prioridade.

Observando o depoimento do Sr. José Eduardo, pode-se entender como o empresário analisa o que tem ocorrido em Monte Carmelo para que os trabalhadores nesses últimos anos tenham mudado de comportamento:

“Antigamente existia uma disputa de mão-de-obra, na época do café, o funcionário, o cafeicultor oferecia mais um poquim pra tirá empregado da cerâmica pra ele ir panhar café. Só que o preço do café dá altos e baixos, teve ano que eles num pôde fazê isso, que num tinha preço o café; e começaram a buscar o cidadão do norte de Minas, do norte do Paraná, pra vim colhê o café. Esse ano, por exemplo, deve ter vindo aí umas 2 mil pessoas. Dessas 2 mil pessoas, 300 fica na cidade, e todo ano vai aconteceno isso, eu tô, tem diversos empregado aqui, que vei dessas regiões pra panhá café, cabô ficano aqui já trabalhano em cerâmica. Então teve uma disputa num período, hoje num existe essa disputa mais não.”(21/07/2000)

Assim, se antes o trabalhador podia fazer uma escolha e ir colher café para ganhar um pouco mais, essa opção já não aparece mais como a melhor, pois ao trazer trabalhadores de outras regiões para a colheita, os cafeicultores puderam reduzir seus custos e ainda não interferir na força de trabalho ceramista.

Para além disso, acabaram por colaborar com eles, pois, ao ficar em Monte Carmelo, esses trabalhadores itinerantes, que muitas vezes não voltam para seus lugares

de origem, talvez, menos por “agradar da cidade”, como sugere o empresário e mais por falta de condições, vão formar um exército de reserva; favorecendo aos empresários ceramistas reduzirem ainda mais os salários.

Divaldo faz a seguinte análise:

“(...) Hoje sobra mão-de-obra. Já teve época que vinha colheita de café nós tinha de subi o salário, pra segurá o pessoal. Que eles saía, o café dava mais. Agora hoje, o café também num tá dano muito, fica mais ou menos empatado o ganho deles. (...) Mais antes, o cara saía da cerâmica, trabalhava 3, 4 meses na colheita, ele ganhava quase o que ele ganhava no ano(...) (21/07/2000)

Assim, percebe-se que com as transformações pelas quais vêm passando as indústrias cerâmicas em Monte Carmelo, a situação de exploração dos trabalhadores parece se agravar cada vez mais. Neste sentido, as mudanças estruturais³⁸ pelas quais vem passando o capitalismo também parecem concorrer para o agravamento da situação posta acima.

Neste sentido, *“O fato de o mercado de trabalho ter evidentemente se tornado um sistema inadequado para resolver ao mesmo tempo o problema da produção e da distribuição naturalmente não justifica sentimentos de triunfo inspirados pelas teorias da crise ou do colapso. Isto porque não há perspectiva de uma lógica alternativa de utilização e manutenção da força de trabalho (com a qual a teoria marxista da crise implicitamente sempre contou); ao contrário, predomina algo mais semelhante a um desamparo estrutural”*.³⁹

Assim, o desemprego estrutural, ou seja, a eliminação de determinados postos de trabalho em função das inovações tecnológicas também parece fazer parte do cotidiano dos trabalhadores ceramistas de Monte Carmelo.

Uma dessas inovações, a substituição da queima da lenha por serragem, pode ser percebida pelo menos a partir do início do ano 2000 e tem trazido como consequência a extinção de muitos empregos, pois a queima de serragem é controlada por máquinas. Assim, diferentemente da queima de lenha em que em que se precisa de um lenheiro para cada forno (*foto 22*), ou seja, cada forno abarca um trabalhador que é responsável

³⁸Para uma compreensão da dimensão dessas transformações Rifkin apresenta um balanço da realidade factual dos EUA e da Europa no século XX: RIFKIN, Jeremy. *O fim dos Empregos*. São Paulo: Makron Books, 1995. Clauss Offe, apresenta satisfatoriamente uma discussão acerca das transformações pelas quais o capitalismo passa atualmente. De forma especial no capítulo: “Trabalho: categoria sociológica chave?” Offe, Calus. Op. Cit. Pp.85.

por colocar a lenha no forno e controlar sua temperatura, na queima de serragem controlada por máquinas (foto 23) basta um trabalhador para alimentar as máquinas de todos os fornos.



Foto 22 – Os “lenheiros” (trabalhadores reponsáveis por controlar o fogo nos fornos).



Foto 23 – Na foto, as máquinas de queimar serragem que vem sendo instaladas em várias indústrias cerâmicas de Monte Carmelo.

³⁹ Offe, Claus. Op. Cit. pag. 85.

Através de uma matéria veiculada em um jornal de Monte Carmelo⁴⁰ intitulada “Mobilização pelo emprego”pode-se ter pistas que possibilitam entender como essa inovação parece ter ganhado incentivo e justificativa desde de janeiro de 2000. Segundo tal matéria, a Satipel, empresa que fornece lenha às indústrias cerâmicas de Monte Carmelo e região resolveu antecipar para outubro de 2000 o fim de um contrato que previa o fornecimento de lenha para essas indústrias até 2007. Surpresos com tal atitude, os empresários, através da ACEMC entraram na justiça com uma Ação Cautelar conseguindo parecer favorável.

Neste sentido, percebe-se que esse episódio parece ter estimulado muitos empresários a procurarem outros tipos combustíveis, ao mesmo tempo também a implementação de novas técnicas de queima da cerâmica.

Entretanto, talvez como intuito de comover a opinião pública em Monte Carmelo e região, na matéria referida acima, lê-se que:

“Cerca de cinco mil pessoas estiveram mobilizadas no último dia 21/01 na rodovia MG 190, no local de acesso à floresta Nova Monte Carmelo/Satipel, num movimento espontâneo e de forte conscientização da classe trabalhadora em defesa do emprego no parque cerâmico de Monte Carmelo”.

E finaliza:

“Recorrendo à justiça, a ACEMC obteve uma liminar numa Ação Cautelar, cuja decisão judicial a Satipel prontamente acatou e vem cumprindo, o que tem permitido às indústrias cerâmicas continuarem produzindo normalmente, resguardando, portanto, os preciosos empregos da população”.

Neste sentido, parece que muitos empresários procuraram arregimentar os trabalhadores para uma mobilização a seu favor se utilizando um discurso em que era preciso defender os empregos, já que com a suspensão do fornecimento de lenha as cerâmicas não tinham como produzir, a menos que implementasse outros tipos de combustíveis e daí todo o processo de queima teria que ser modificado imediatamente, exigindo um alto investimento do empresário. Porém, essa questão não foi mencionada quando se buscou o apoio dos trabalhadores, ao que parece, esses trabalhadores só foram chamados a “defenderem seus empregos”. Entretanto o que se pode ver é que

⁴⁰ J.C. Monte Carmelo. “Mobilização pelo emprego”. Fevereiro/2000 – circulação regional.

mesmo com o fornecimento de madeira regularizado, o trabalhador vem perdendo sistematicamente seus empregos.

Segundo André, o empresário, representado pelo gerente da cerâmica em que trabalha, convocou todos os trabalhadores para uma mobilização, pois se houvesse o corte no fornecimento da lenha todas as cerâmicas iriam parar e todos os trabalhadores ficariam sem emprego. Ele conta que:

“... Então igual eu tava te falano, se nós num mobilizasse nós ia ficá sem emprego, que se essas cerâmica aqui pára, é igual o Ped... o gerente lá, lá falô pra nós, nisso aí. Foi o dono lá, o patrão lá, né? Aí nós pegô e foi tudo, todas as cerâmica e conseguimos.”(20/07/2000)

Há que se notar, entretanto o tom de ameaça de tal “convocação” *“se nós num fô é nós que vai sê os mais prejudicado”*. É como se somente os trabalhadores fossem sofrer perdas.

Esse discurso de se preservar o emprego do trabalhador pode ser desconstruído na media em que se percebe que mesmo com o fornecimento de lenha regularizado, os empresários vêm modificando o processo de queima, ao que parece, não apenas com o intuito de garantir a produção caso haja um novo corte no fornecimento de madeira, mas também pelo fato de diminuir gastos e daí, percebe-se que não parece haver mesmo preocupação com o fato de muitos trabalhadores perderem seus empregos.

Divaldo em seu depoimento contou que:

“... Inclusive diminui a mão-de-obra. Aí nós cumeçô ca serrage, mais num funcionava muito bem, colocano ela da pá na boca da máquina como punha a lenha. Mais viu que a serrage queimava, já surgiu a necessidade de discubri alguma máquina pra fazê esse serviço. Que foi onde viero discubri a máquina que quema serrage que já elimina um quemadô. Uma... a necessidade de um quemadô pa cada forno, um só cobre os outros. E daí uma coisa vai puxano as outras, já vei a máquina, otos já cumeçaro a estudá transportá a serrage por correia, que também já elimina a mão-de-obra... de quem puxa a lenha, ou puxava a serrage no carrinho, ela já vai direto do pátio pras máquina por uma correia transportadora e assim vai surgino...”(21/07/2000)

O depoimento deste empresário é bem elucidativo da questão posta acima. Assim, quando lhe interessa, usa um discurso de que está preocupado com o trabalhador, entretanto não é difícil perceber que sua preocupação parece recair mesmo sobre seus ganhos.

Muitos trabalhadores parecem assimilar o discurso patronal e acreditam ter preservado seu emprego e o dos colegas, como é o caso, por exemplo, do André, outros trabalhadores, porém não assimilam esse discurso e analisam a questão por outro ângulo.

Deste modo, na opinião de Carlos, toda aquela mobilização referida acima só beneficiou ao patrão. Segundo seu entendimento, toda essa reestruturação pela qual muitas cerâmicas de Monte Carmelo vêm passando, parece tomar outra dimensão, qual seja, a eliminação sistemática dos empregos. Ele se mostra preocupado com as consequências dessa reestruturação na vida do trabalhador, ou seja, a substituição do trabalhador por novas máquinas. Para ele se houve melhoras, foi para o patrão, pois entende que o trabalhador está cada vez mais espoliado:

“... e a cerâmica hoje em dia também melhorô dimais pro lado do patrão. Na época que eu cumecei a trabalhá, cada prensa fornecia pra cada trabaiaidô onze vaga né? Hoje não, hoje são nu ^{minimamente} mínimo 4 vaga por prensa, cê entendeu? Então, onde, por exemplo perdeu aí... 7 emprego por... por prensa, em cada pessoa e a mesma coisa é nos forno também. (...)então ta ficano uma briga muito feia aqui em Monte Carmelo procê mantê empregado, te... ta fichado, sempre de catera assinada. (...) Iss’ái já cumeçô agora im... im... 97 pra cá Começô essa... def... essa modificação assim, os funcionário; os funcionário e os patrão, né? Já cumeçô de 97 pra cá aí cada dia que passa parece que vai ficano cada vez pior.” (04/01/2001)

Assim, pôde-se notar que muitos empresários ceramistas de Monte Carmelo têm empregado esforços com o intuito de diminuir a força de trabalho aumentando os lucros através de novas tecnologias. Segundo Divaldo isso tem ocorrido:

“Devido... ao consumidor hoje tá mais exigente, e com a globalização, então ocê hoje tem que concorrê quase que com o mundo inteiro. E... apertou, houve uma necessidade de melhoras na indústria, todo mundo, hoje, hoje o mercado, todo ramo, tá muito competitivo. Então povo, todo mundo tá procurando melhora, baixa de custo... mi... melhor qualidade...” (21/07/2000)

Dessa forma, o cotidiano do trabalhador ceramista em Monte Carmelo parece mesmo marcado por uma luta em que as ameaças constantes, os baixos salários, descaso

do patrão, a cooptação, parecem se configurar em estratégias, que vêm sendo bem sucedidas, de controle patronal. Entretanto, como foi posto, é uma luta, portanto, percebe-se momentos nos quais os trabalhadores, por meio da indolência, do abandono ao trabalho, denúncias vêm resistindo. Neste sentido, revela-se expedientes de controle e de luta de dois lados opostos.

CAPITULO 3

COTIDIANO: OS TRABALHADORES FORA DA INDÚSTRIA CERAMISTA

Viu-se que os trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo experimentam uma série de conflitos no interior do processo de trabalho, quais sejam, a lida cotidiana com o maquinário perigoso, a exploração de sua força de trabalho, o descaso do patrão para com as precárias condições de trabalho e sua situação de luta pela sobrevivência. Viu-se também como os trabalhadores lidam com esses conflitos, ora resistindo, ora se acomodando à situação de exploração que estão submetidos.

Entende-se que essas experiências fazem parte da vida do ser humano como um todo. Ou seja, as experiências vivenciadas pelos trabalhadores no ambiente de trabalho refletem em suas vidas também fora deste. Assim como, as experiências angariadas fora do trabalho influenciam as ações e posições tomadas pelos trabalhadores neste ambiente. Daí a importância de se perceber outros aspectos da vida dos trabalhadores, quais sejam, aqueles ligados ao cotidiano fora de seu trabalho.

A intenção deste trabalho não é, nem poderia ser, abranger todos os aspectos da vida dos trabalhadores ceramistas de Monte Carmelo, mas apenas parte de alguns destes aspectos presentes no cotidiano dessas pessoas para buscar uma compreensão de parte de suas subjetividades.

Sendo assim, pôde-se perceber que dentre os inúmeros temas suscitados nas entrevistas, alguns se sobressaíram, sendo apontado por quase todos os trabalhadores entrevistados. Deste modo entendeu-se que esses aspectos de alguma forma parecem ser importantes no viver dos trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo e por isso mereceriam relevância.

A proposta deste capítulo não abrange todas as possibilidades de discussões possíveis acerca de religião/ religiosidade e do lazer. A questão que se colocou foi como os trabalhadores ceramistas entrevistados lidam com tais questões no seu cotidiano, como as vivenciam e de que forma essas questões se entrelaçam com o trabalho.

Assim, viu-se entre os trabalhadores ceramistas de Monte Carmelo que práticas religiosas professadas por eles parecem atuar de forma efetiva em suas vidas, colaborando na percepção, análise e intervenção do mundo em que vivem.

Muito se tem discutido acerca do papel da religião e da religiosidade⁴¹ na vida das pessoas. Seja em movimentos revolucionários ou disseminando a idéia de submissão e conformismo, o discurso religioso freqüentemente permeia a vida das pessoas colaborando para que se reproduza ou transforme seus modos de vida. Não é interesse deste trabalho discutir os dogmas religiosos, nem racionalizar seus discursos na tentativa de entender seus efeitos sobre a vida dos trabalhadores, mas, o que se pretende, como já foi dito, é perceber como os trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo vivenciam a religião e a religiosidade e como a tratam em seu cotidiano, na medida em esses trabalhadores se mostraram imbuídos de fé e religiosidade. Sendo assim, o que se busca é compreender uma parte da subjetividade destes trabalhadores.

O Sr. Odair, ao falar de sua fé religiosa também oportuna uma reflexão:

“... Eu tenho esperança por que eu tenho muita fé em Deus, você tá entendendo? Então eu vejo as maravilhas de Deus na vida da gente, os milagres que Deus faz pra gente. A gente tá fazendo a parte da gente, né? Tá rezando, tá bendizendo a Deus, tá trabalhando. Então eu tenho esperança que quem sabe um dia Deus vai me dá... me dá uma sorte aí... Deus vai me dá um futuro melhor, mais na frente, né?”(20/04/97)

Para muitos trabalhadores ceramistas de Monte Carmelo, a religiosidade aparece como um traço marcante em suas vidas. Assim, no trecho do depoimento do Sr. Odair fica evidenciado que para além de professar alguma religião ou freqüentar alguma igreja ou templo, a religiosidade enquanto um sentimento de pertencimento a algo superior, transcendental, se faz presente no cotidiano desse trabalhador. O mesmo ocorre com

⁴¹ Thompson traz uma ótima discussão acerca do Metodismo e suas dissidências no período da Revolução Industrial na Inglaterra em que permite perceber como foi importante o papel da religião para a introjeção e consolidação dos padrões capitalistas, servindo tanto à classe operária como aos “recém-capitalistas”: THOMPSON, E. P. “O poder transformador da Cruz”. In: A Formação da Classe operária Inglesa, vol. II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, pp. 225-289.

Na coletânea de textos organizada por Paulo Krischke Scott Mainwaring, há também textos importantes acerca do papel da igreja católica nos movimentos sociais brasileiros no período de 1974 a 1985: KRISCCHKE, Paulo e MAINWARING, Scott (org.). A Igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985), 1ª, Porto Alegre: L &PM/CEDEC, 1986.

Referência importante também é o trabalho de Éder Sader, de forma especial o capítulo III no primeiro item: “O cristianismo nas comunidades de base”: SADER, Eder op. Cit.

José Agostinho ao falar sobre os motivos que o fizeram afastar da igreja, ele faz questão de ressaltar que sua fé em Deus prevaleceu:

“Não, olha, minha religião é católica, mais... eu sô meio... mei... mei discrente cum religião... eu acredito muito em Deus, eu rezo e tudo, eu tenho muita fé, mais igreja eu quais num... teve uma época qu’eu ia bastante, mais... mais agora eu quais num vô mais, eu até... num sei, eu num sô muito dentro... pra... acompanhano igreja, a gente vê muita coisa errada dentro da igreja, então aquilo tem coisa que desanima a gente” (20/04/97)

Foi possível perceber a coexistência de uma multiplicidade de religiões e crenças praticadas pelos ceramistas, caracterizando entre esses trabalhadores uma heterogeneidade de religiões professadas bem como na forma de percepção e intervenção no seu cotidiano, mas marcada efetivamente pela religiosidade. Essa multiplicidade de percepções pode dificultar um entrosamento entre os trabalhadores, já que, além de seguidores de preceitos diferenciados, o que limita o diálogo e a convivência.

A fala do Sr. Odair e de Carlos, respectivamente, permite perceber como eles vêem essa multiplicidade de crenças entre os trabalhadores ceramistas bem como isso às vezes, torna difícil o relacionamento entre eles:

“... agora desde... assim de funcionário tem crente, tem espírita, tem... aquela mistura, né? É, ali é misturado, né? Mas é uma coisa que também num entrosa muito bem com aquelas pessoas de outra religião, assim,... entrosá... no sentido que eu quero falá assim, num introsa do tipo que eu quero falá assim, é de você conversar sobre religião, não dá certo, né? Aí num funciona mesmo, né? Mas de você conviver com eles ali, num tem nada haver.”(20/04/97)

“... que as pessoa hoje em dia, o pessoal hoje em dia são muito crítico um do o to sabe? Principalmente com esse negócio assim, de religião, com política com futebol, é uma coisa que é muito crítica num tem aonde ocê mexê que ocê num é criticado, então ocê faiz de conta que num escuta as crítica, e cada crítica que ocê escuta ce pede a Deus pra quella pessoa, é assim que eu vivo.”(04/01/2001)

A coexistência de múltiplas experiências no aspecto religioso, portanto, parece favorecer uma disparidade de interesses limitando o relacionamento entre esses trabalhadores, pois, muitas vezes não freqüentam os mesmos lugares, enfim, não têm as mesmas perspectivas.

Muitos trabalhadores ao se mostrarem resignados ou revoltados com sua situação sócio-econômica, mostraram também que sua posição em relação aos preceitos religiosos parece influenciar e ser influenciadas pelo cotidiano por eles experimentado.

O depoimento do Sr. Zezinho mostra a maneira como ele vivencia essa religiosidade, e como a religião exerce influência na sua maneira de encarar a vida e a exploração no trabalho:

“... Vê, vê (no centro espírita)... é mais unido, o povo é mais unido, o povo é mais, parece que tem mais amizade, um com outro. A gente entende mais por que certas pessoa tem mais que a gente, ajuda, né? Cê sabe que aquil’ali é... vai mudá um dia, e é até bão sofrê aqui, por que cê cresce espiritualmente e o pobre tem mais chance que o rico por que num tem tanta tentação...”(05/09/97)

Deste modo, percebe-se que para o Sr. Zezinho, que frequenta um centro espírita kardecista, a religião parece servir como alívio às dificuldades cotidianas e promessa de um futuro melhor. Assim, resignado, o Sr. Zezinho credita a uma vida futura, após a morte, reparação e compensação da injustiça sofrida no presente.

Ao observar o depoimento de Ronaldo, que também se diz seguidor dos preceitos kardecistas, percebe-se uma outra interpretação:

*“... Ah! Eu acredito no espiritismo, por que parece que é melhor. Só que quando ês fala que tem que sê humilde e tem que fazê caridade para podê melhorar espiritualmente num quer dizê cagente tem que aceitá tudo e achá bão não, por que é... o... num falá e num tentá mudá as coisa que cê vê que é errado também tá errado. Então eu acho que a gente tem é que lutá pelo direito da gente memo. (...)...que eu acho qu’es fala isso é pra esses povo rico, patrão, que explora a gente, tem que tê caridade, pagá os empregado cum mais justiça, né?...”
(05/09/97)*

Nota-se, portanto, que Ronaldo tem uma interpretação diferenciada do Sr. Zezinho acerca da doutrina kardescista, que é praticada pelos dois e tem como máxima a “humildade e caridade”. Neste sentido, o depoimento de Ronaldo, oportuna entender que para ele ter humildade não significa “aceitá tudo” que lhe é imposto, mas, lutar por aquilo que julga ser justo. Também ao dizer que “tê caridade” é “pagá os empregado cum mais justiça”, Ronaldo parece atribuir à caridade um significado de melhor distribuição de riquezas e não de um assistencialismo.

Percebe-se assim que, mesmo sendo adeptos de uma mesma crença religiosa, e, diga-se de passagem, freqüentando o mesmo centro espírita, esses dois trabalhadores

têm posturas diferenciadas frente a ela, ao mesmo tempo em que, a partir dos ensinamentos proporcionados pela religião se posicionam na sociedade de forma diferente. Deste modo, é conveniente dizer que, de acordo com o que aponta Thompson, que *“Nenhuma ideologia é inteiramente absorvida por seus partidários: na prática, ela multiplica-se de diversas maneiras, sob o julgamento dos impulsos e da experiência”*.⁴² Assim, a vivência experimentada por Ronaldo e pelo Sr. Zezinho parece ter proporcionado olhares diferentes para um mesmo ensinamento.

O Sr. Odair, ao falar sobre sua efetiva participação nos movimentos da igreja católica, aponta para a solidariedade dentro desta, ao mesmo tempo, sua fala deixa entender que mesmo percebendo que *“tem coisa errada”* na igreja, vale a pena continuar participando na medida em que se alargam as relações sociais e ainda se pode obter vantagens, ou, nas palavras do entrevistado:

“... Tem falhas, né? Os padres, bispos, tudo tem falha, tem coisa errada, mais é uma coisa que, é uma coisa que a gente tem que tá junto com eles ali, certo ou errado você tem que tá ali, por que você tando ali dentro você tem muita coisa boa, você garante muitas coisa boa. Eu no meu caso, eu fiz muitas amizades, hoje graças a Deus, eu tenho muita amizade através dos movimento de igreja, né? Hoje eu tenho amizade com Doutor, eu tenho amizade com advogado, tenho amizade com preto, com branco, com qualquer um, cara que eu num cunhicia, hoje eu sô amigo dele, nós somo amigo, né? É uma coisa que serve pra gente, Sabe por que? Que às vezes você tá assim, com dificuldade. Ah! Vamo ajudá a pessoa, vamo ajudá o fulano! Ali todo mundo tá pronto pra te ajudá... bom, não é todos, mas a maioria sim, né? É uma força ali, se não puder te ajudar na situação financeira, com uma palavra, com um gesto ele te ajuda, né?”(20/04/97)

Para o Sr. Odair participar da igreja católica, mesmo reconhecendo suas limitações, significa participar de um círculo de solidariedade. Assim, é possível entender que ao ingressar e participar da igreja, este trabalhador se sente parte de “um mundo que de outra forma lhe seria hostil”.⁴³

O depoimento de Elizângela é elucidativo desta questão quando a depoente conta que, sendo católica pretende mudar de religião, pois percebe na igreja *“crente”* maior proximidade e possibilidade de inserção a um mundo que deseja participar. Elizângela se expressa da seguinte forma:

⁴² THOMPSON, E.P. Op. cit. pp.278

⁴³ Thompson em seu já referido texto “O poder transformador da cruz” apresenta essa reflexão no contexto dos trabalhadores ingleses do século XVIII, quando estes se filiavam a uma igreja metodista na

“Tenho, né? Católica apostólica romana. Mais pretendo mudar, pur que lá a gente vê que é assim, rico cum rico e pobre cum pobre, num tem aquela... assim, aquela... aquele negócio de irmão... de igualdade que no crente cê vê. Na igreja crente num temessa separação não. Alí é tudo igual, é tudo irmão... até os pastor. Ah! Eu sinto que é assim, mais atenção, mais carinho (...) Ah! Não, na vida tudo é difícil, quem sabe a gente encontra paz...”(13/07/1997.)

Assim, diferentemente dos sermões mais intelectualizados da igreja católica que dificulta o entendimento dos mais humildes e incultos, a igreja evangélica “Casa da Bênção”, foi a escolhida por Elizângela por perceber lá um discurso mais acessível, mais próximo.

Neste sentido, é possível pensar que as igrejas evangélicas têm, de alguma forma respondido mais rápido aos anseios dos fiéis ao mesmo tempo em que estabelece vínculos mais íntimos com eles além de que a hierarquia parece mais flexível possibilitando uma maior aproximação entre pastor e fiéis.

No caso de Elizângela e de muitos outros trabalhadores, a igreja se apresentou como tudo isso e ainda como uma possibilidade de alívio para a fadiga do trabalho.

Conforto para a dureza da vida cotidiana. Este também parece ter sido o primeiro motivo que levou Wendel a se converter também à Casa da Bênção, depois de um longo período envolvido com bebidas e drogas.

Wendel, que trabalhou em cerâmica dos sete aos quinze anos sem interrupção, e depois continuou esporadicamente até por volta dos dezoito anos quando então ingressou na referida igreja decidindo não voltar mais para a cerâmica, conta que foi na igreja que encontrou um sentido para a vida:

“... Encontrei, eu achei valor em minha vida, ao mesmo tempo eu fui liberto de tudo.”(20/07/1997)

Assim, o sentido para a vida, ao qual se refere Wendel pode ser entendido quando se observa um outro trecho de seu depoimento. O entrevistado conta que sempre que saía do trabalho começava a pensar nas dificuldades do seu dia-a-dia e sentia vontade de transformar aquilo, porém não sabia como. Ao entrar para a igreja conseguiu o alívio e a coragem para se desvencilhar da dureza do trabalho na cerâmica. Ele fala da seguinte forma:

página 262: “Após ingressarem nesta igreja, homens e mulheres passavam a se considerar parte de um mundo que, de outra forma, lhes era hostil.”

“... tinha final da tarde na hora que você sai, começa a refletir nas coisas assim, tem hora que fica aguniado de sabe, né? Fazer aquela coisa todo dia, às vezes não se sente bem, entendeu? Por que passa a ser uma coisa cansativa, só de você pensar passa a ser uma coisa cansativa. Aí eu falei, não deus tem que me dá corage e eu saí..”
(20/07/97)

E continua:

“... Ah! Por que eu penso assim, que eu quero ser pastor, que cê pregá a palavra de Deus é muito bom, né? Eu faço isso, mais é... eu fico veno lá na igreja... nossos irmão de pregação, os pastor , né? Lá na frente... falano pra a igreja e tudo.... eu quero.... todo mundo tem o maior respeito e tudo, e depois cê vivê e trabalhá só pra Deus, né? É uma bênção....”(20/07/97)

A entrada de Wendel para a igreja “Casa da Bênção”, portanto, pode ser entendida não só como uma busca de conforto ou alívio para a rudeza do trabalho, mas, também como um ato de resistência à exploração sentida por este trabalhador. Neste sentido, mais que conforto e alívio, a igreja representou para Wendel a perspectiva de uma vida melhor.

Para Wendel, a igreja trouxe uma nova perspectiva de vida. Assim, para quem pensava que *“a vida não tinha mais sentido”*, a igreja se mostrou como um meio de vida e mais que isso, apontou para um caminho onde se poderá obter Status, admiração, respeito, o que, para ele, parece se configurar enquanto valores sociais.

As colocações feitas acima apontam para uma interessante questão: sem desconsiderar a influência ideológica, que os dogmas religiosos carregam e disseminam entre os fiéis, é possível perceber que o discurso religioso, enquanto prática, parece se adequar segundo valores, padrões ou necessidades de cada comunidade ou fiel. Assim, para Elizângela, a igreja evangélica significa alívio no sentido de acomodá-la, deixá-la subjugada, mas em “paz”, pois é o que parece buscar. Para Wendel, significou a coragem que precisava para transformar sua vida, ou seja, tirá-lo da submissão do patrão, ainda que se possa questionar a sua submissão ao dogma religioso. A fala de Wendel pode ser esclarecedora quando conta que, ele e seus “irmãos de igreja”, escreveram uma peça, com o intuito de “pregar a palavra de Deus”, falando sobre suas experiências e a apresentaram nos bairros, depois de encenada abriam o debate e perceberam que a maneira de entendimento dependia de cada experiência:

“... É que lá na igreja es num fazia isso não, mais eu, o Geraldo, o Luis e uns outro irmão lá, fizemo uma peça, daquelas de teatro sabe? Contano nossa experiência, aí foi muito boa e nós foi assim, pros bairro, pras comunidade apresentá, no fim ficava aquela discussão, né? Sobre as coisa de Deus, só que muitos num intendia direito e falava umas coisa que num tinha muito haver com o que a gente queria passar, uns intendia tudo errado, e levava pro lado da vida deles, né? Mais tava escutano a palavra de Deus, né? Agora já tamo pensano noutra...” (20/07/97)

Neste sentido, viu-se que a religião pode ser interpretada de acordo com cada vivência e daí foi possível perceber ainda a resistência à religião e ao conformismo que ela dissemina, o trecho do depoimento de Silvânia pode ser elucidativo de sua visão crítica acerca da religião evangélica:

“A vida já é ruim, né? Cê num pode vê uma televisão, por que eles fala que cê vai ficar daquele jeito, cê num pode sair, cê num pode fazer nada (...) a pessoa pra vivê no mundo tem, que tê um pouco assim de... diversão, né?” (08/09/1997)

É interessante perceber que mesmo não concordando em participar efetivamente de uma religião, o depoimento de Silvânia traz uma grande carga de religiosidade. Assim, seus padrões e valores morais e éticos parecem permeados por uma visão transcendental, em que muitas vezes recorre aos poderes divinos para a solução de seus problemas materiais. Seu depoimento é elucidativo desta questão:

“... é muita fé em Nossa Senhora. Tudo que eu peço, ela me atende. Às vez até uma falta de dinheiro, aí vai, eu jogo no bicho, num é que que ela encaminha e eu ganho? (...) Iss’áí (referencia à erupções na pele do filho da vizinha), é só levar ali na D. Joana benzedera que ela cura, é três vez que benzê sara.” (08/09/97)

Neste sentido, pôde-se perceber que há uma multiplicidade de religiões, credos e crenças seguidas pelos trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo. Assim, na medida em que não compartilham uma mesma crença, o diálogo fica limitado, o que pode ser pensado enquanto um fator que dificulta um entrosamento entre eles. Há também que se notar que nem sempre parece haver uma disposição por parte dos trabalhadores de se seguir uma determinada religião. Esta pode ser percebida tanto enquanto um caminho para acomodação como nos casos do Sr. Zezinho ou de Elizângela, ou ainda como fonte de uma força que se busca para transformar a vida como no caso de Wendel. Entretanto,

independentemente de se freqüentar igrejas ou aderir a uma ou outra religião, a fé e a religiosidade, parece de fato, fazer parte do cotidiano de muitos trabalhadores.

Essa religiosidade, que se faz presente na vida deste trabalhador de forma tão marcante pode ser entendida, por um lado como uma colaboradora para a resignação e o conformismo de um trabalhador explorado, por outro lado, é possível pensá-la enquanto estratégia de recusa ou explicação para um mundo que não tem lhe dado acesso. Assim, *“Independentemente da igreja Romana e de seus dogmas ou da racionalidade do saber acadêmico, a religiosidade popular possui uma lógica própria. Permeada por um discurso, em que aparentemente há uma “espécie de ignorância” que confunde ensinamentos teológicos e realidade, essa lógica expressa intrinsecamente uma maneira de dar um sentido ao universo, de o espírito dominar a matéria. Enfim, um modo particular das classes populares organizarem o caos, dando coerência às suas existências, entendendo e explicando as injustiças sociais de seu cotidiano.”*⁴⁴

Em estudo realizado pela Caixa Econômica Federal em Monte Carmelo considera-se que existem à disposição da população carmelitana para a prática de esporte e lazer, três campos de futebol, dois ginásios poliesportivos e oito quadras, oito academias, três escolas de esporte especializadas (Futsal, Vôlei e Basquete), duas bibliotecas públicas, uma galeria de arte, um cinema, duas boates, um parque de exposição, cinco clubes sociais de recreação.

Ao cruzar esses dados com os depoimentos dos trabalhadores pode-se observar alguns aspectos importantes. Primeiro, a demanda por espaços de lazer e esporte parece bem maior tanto no que diz respeito à quantidade quanto à diversidade, segundo, por vários motivos nem todo mundo parece ter acesso ao lazer e esporte em Monte Carmelo, e terceiro, diante da falta de opção ou acesso ao lazer muitos caminhos são buscados.

Elizângela fala em seu depoimento que sente necessidade de mais opções e locais para divertimento em Monte Carmelo, pois quando tem vontade de fazer “algo diferente” diz ter que ir para outras cidades, como Uberlândia, por exemplo. Ela se expressa da seguinte forma:

“... Ah! Faz falta demais, por que a gente trabalha a semana inteirinha chega final de semana, aqui num tem nada mais pra fazê! Quando eu

⁴⁴ MACHADO, Maria Clara Tomaz. “Religiosidade no cotidiano popular mineiro: Crenças e festas como linguagem subversiva”. In.: História e Perspectivas. Uberlândia, UFU, nº 22, jan-jun 2000.

quero fazê... í num lugar, assim, vê outras coisa né? É só quando eu vô pro berlândia mesmo, aí vô pra casa da minha prima, aí a gente tem muitas coisas lá pra fazer, né?”(13/07/1997)

Ronaldo também fala sobre as poucas opções de lazer existentes em Monte Carmelo. Para ele, a “*falta do que fazer*” acaba por incentivar um consumo drogas.

Ronaldo conta que:

“... Ah! Eu gosto de um som, né? Sair, tomar cerveja com os colega, vô pra algum lugar... e é só isso, não! Tem também baile, né? Quando tem, é bão também. Mais aqui em Monte Carmelo, sujeito num tem nada assim de novo pra fazê, precisava era d’es fazê uns lugar novo pra gente podê passear, trazê show, mais baile, essas coisa assim, por que aqui é o seginte, o sujeito num tem o que fazer assim, de diversão, né? Então quê que acontece? Cumeça a usá droga, destruir as coisa, né? Que eu já vi nego falá assim, ó: “Ah! Eu chero mais é pra vê se diverti mesmo, que num tem outra coisa aqui.”Mais tem, só que é a mesma coisa todo dia, né? Enjoa.” (05/09/1997)

Não se pode atribuir unicamente à falta de opção de lazer e esporte um aumento no consumo de droga. Pode-se supor, entretanto que a falta de uma estrutura de lazer e esporte pode colaborar de certa forma com o consumo de drogas. Assim, dentre os vários motivos que Wender diz tê-lo levado ao caminho das drogas, a falta de opção de lazer parece ter sua parcela de culpa:

“... e também, assim, cê num tinha nada de bom pra fazer aqui em Monte Carmelo, né? Hoje eu me divirto é na igreja mesmo, mais antes... Isso, as pessoa que é mais fraco, assim, né? Acaba mexeno mesmo, Você num tem otra coisa pra pensar nem pra fazer, cê procura diversão é ond vocha vai ter...” (20/07/1997)

Diante dessas declarações procurou-se a delegacia de policia civil para averiguar as ocorrências acerca do consumo de drogas em Monte Carmelo. O que se pôde observar foi um considerável aumento em três anos.

Tabela 5 / Fonte: Boletins de ocorrência (delegacia de polícia civil de Monte Carmelo)

<i>Ocorrências da Polícia Civil de Monte Carmelo</i>	
<i>Ano</i>	<i>Uso de drogas</i>
<i>1996</i>	<i>20</i>
<i>1997</i>	<i>25</i>
<i>1998</i>	<i>33</i>

Entretanto é necessário ressaltar uma vez mais que não se quer com isso não afirmar uma interligação direta e exclusiva entre a falta de lazer e esporte e o consumo de drogas, é necessário perceber a dimensão dessa relação. Assim, acredita-se que pode haver uma certa correlação entre as duas questões na medida em que se verificou um aumento no consumo de drogas num mesmo momento em que muitos trabalhadores apontam para a falta de lazer como um incentivo a tal atitude.

Apesar das colocações postas acima, relativas a uma insatisfatória estrutura de esporte e lazer na cidade, foi possível perceber entre os trabalhadores ceramistas, múltiplas alternativas buscadas com o intuito de proporcionar-lhes descanso e distração nos momentos de folga.

Assim, os dados que apontam para uma relativa expressividade no número de quadras e campos de futebol em Monte Carmelo podem ser reveladores de um lazer que permeia o universo dos trabalhadores ceramistas. Muitos entrevistados colocaram que jogar futebol nos finais de semana é a melhor alternativa para descansar e ao mesmo tempo se livrar da tensão do trabalho.

José Agostinho contou que:

“... A gente tá sempre jogando uma bolinha, se disligando né? Daquele serviço assim, né?”(20/04/97)

André também aponta para esse gosto pela bola aos fins de semana da seguinte forma:

“... que assim, cê trabaia a semana inteira, aí quando chega sábado, domingo a gente vai batê uma bola, como diz, pra esquecê, né? Pra podê discansá daquilo assim, um pouco, então é jogano um futibozinho que quais todo mundo joga, né?...”(25/07/2000)

Também foi possível perceber entre os entrevistados, que muitas vezes o lazer pode estar conectado com as experiências advindas do campo. Daí por exemplo, o gosto pela pesca como é o caso do Sr. Zezinho:

“Eu gosto mesmo de é de pescar (...) num tinha tempo, agora que eu tô com mais tempo, né?” (05/09/1997).

Outra possibilidade identificada como lazer entre os trabalhadores ceramistas foi o jogo de baralho. Assim, reunir parentes e amigos para almoçar e jogar baralho também se configura como lazer. O Sr. Odair diz que um de seus passatempos favoritos é:

“... reuni aqui em casa di de Domingo, a gente faz um almocinho, passa a tarde jogando um truco. Assim, reúne família, né? As veiz vem um o outro colega, vizinho aqui, né? É que a gente faiz pra distrai, né? Matá o tempo à toa, né? É Bão que descança também, né? Desliga um pouco do... do serviço, né?(20/04/1997)

O lazer vinculado à igreja também pôde ser percebido enquanto alternativa de lazer que permeia o universo do trabalhador ceramista de Monte Carmelo. Wender diz que:

“... Diversão a gente encontra lá mesmo na igreja, entendeu? Igual, final de semana a gente aluga um filme, faz um churrasquinho, com refrigerante, né? E assim, quase todo dia, entendeu? A gente ensaia peças, essas coisa...”(20/07/1997)

O Sr. Odair fala sobre essa ligação entre igreja e lazer contando que:

“... eu tenho um grupo de encontro de casal, veiz em quando a gente faiz umas festinha e sai, uns baile, né? Festa de aniversário de algum encontrista. Isto é o que eu gosto...”(12/10/1996)

Não se pode deixar de falar que se percebe que essas experiências estão imbuídas de muitos significados. Entretanto, o que interessa notar aqui é, que diante dessa diversificação, dessa multiplicidade de possibilidades e caminhos buscados pelos trabalhadores ceramistas enquanto alternativas de lazer e diversão, o que chama a atenção é que diante de interesses tão diversificados entre esses trabalhadores, as relações que se estabelecem no interior da fábrica, muitas vezes parecem se encerrar

também ali. Neste sentido, muitas vezes colegas de trabalho não parece dividir o espaço de lazer, ou seja, não parecem se relacionar fora do ambiente de trabalho. O depoimento de Ronaldo e do Sr. Odair, respectivamente, dá pistas para se pensar a este respeito:

“Ah! Por que saiu o portão pra fora é cada um por si e Deus pra todos. Muito difícil de vê”.(05/09/1997)

“... do povo de lá do serviço, é só lá mesmo, saiu dali, a gente, eu no meu caso, as amizade é da igreja, é dum vizinho, é dum parente, então quando sai, é com eles, né?”(20/04/1997)

Pôde-se perceber ainda que em Monte Carmelo, o acesso ao lazer em alguns parece condicionado a uma posição social ou a posse de dinheiro. Sendo assim, muitos trabalhadores contaram que ao tentar romper essas barreiras sentiram-se descriminados.

Deste modo, André conta em seu depoimento que tem muita vontade de ir a um clube campestre que fica localizado há alguns quilômetros da cidade (aproximadamente 10Km.), porém como não possui carro seu acesso torna-se bastante limitado, o que não o impediu de ir de “carona” com um colega que é sócio. Entretanto, ficou surpreso ao saber que não poderia entrar no clube pelo fato de ser carmelitano e não ser sócio do clube. Ele conta que:

“... e eu peguei e fui de carona cum Pedro, né? Eu já tinha ido lá no carnaval, porque no carnaval es dexa entrá quarquê um, né? Que tem muita gente de fora e aí es pode ganhá mais, ne? Só que nesse dia, eu tava doido pa í, tinha até dexado o dinheiro reservado, cê vê, né? Eu nem queria í lá de graça não! Tava cum dinheiro pa entrá e até pa gastá lá, aí aquele menino lá que fica na porta, cumé que é o nome dele? Ah! Eu esquecí, mais ele falô que num tinha jeito d’eu entrá de jeito nenhum por que eu era de Monte Carmelo, e só pode levá convidado se for de fora, tem base, isso? Óia que bobera! Qué dizê que se eu chegar aqui cum documento falso, sendo de fora tá bão? Aí ele ficou enrolano, enrolano. Eu falei, tá bão vô embora, rudiei lá naquela fazenda que tem lá sabe? E entrei de graça...”(25/07/2000)

Assim, diante da impossibilidade de entrar no clube por meios legais, André procura uma alternativa, ou seja, pular a grade e entrar no clube, de modo que seu passeio não fique prejudicado. Entretanto, para além do fato de não ser sócio, na análise de André, seu acesso ao clube foi impedido mais por preconceito, ele diz que:

“... é por que eu sô pobre, por que se fosse um riquim que num tivesse ação cê acha que es ia barrá?”(25/07/2000)

Quando se trata de lazer e esporte, é possível perceber que em Monte Carmelo parece haver uma certa segregação “velada”, colocando “*cada qual no seu lugar*”. Assim, trabalhadores se divertem de um lado e a classe dominante de outro.

Elizângela percebe e analisa a questão da seguinte forma:

“... Cê pó vê... se você sair de noite aqui, cê vai vê que é cada qual no seu lugar. Tem a boite dos rico, que só vai aqu’és filim de papai, é... dono de cerâmica, de loja, esses, né? E tem os baile que vai mais gente igual a gente mesmo, né? Tem outra boite também que é dos pobre, aquela lá de frente a praça, até nos barzim cê vê cumé que é, tem uns que é só dos rico e outros assim... que pessoa mais assim... igual nós, né? Que vai. Mais eu nem tenho vontade de ir não, por que meus colega vai tudo nos otros lugares, ne?”(13/0797)

A um primeiro olhar se pode pensar que não tendo os mesmos interesses e assuntos, a “opção” de freqüentar lugares diferentes seja “natural”, pois, não há proibições, pelo menos claramente, em se freqüentar um ou outro lugar. Percebe-se que na prática a situação se mostra um pouco diferente.

André conta que seu irmão Júlio César de 13 anos entrou para a escolinha de futsal mantida pela prefeitura onde ficou pouco mais de um mês. Ele se expressa assim:

“... Cansei de falá, aprendê o lugar dele, que lugar de pobre é cum pobre. Entrô, né? Lá nu camilão. Só que lá só ia os riquim da cidade, cum tênis de marca, é... Nike, Reebok, esses assim, né? O julim tinha um tênis que foi meu, um toper antigo, pra jogá bola, né? Quê que tem? Mais os colega dele ia de camisa oficial e tudo essas coisa que num tinha jeito de comprá, então ele ficô cum vergonha, foi, acho que um meis e poquim...”(25/07/2000)

Neste sentido, nota-se que mesmo não sendo proibido de freqüentar as aulas de futebol que os meninos “ricos” freqüentam, Júlio se sentiu acuado diante dos colegas que iam “*com tênis de marca*” e “*camisa oficial*”, e acabou desistindo das aulas.

Percebe-se deste modo que a existência de locais voltados para o lazer e diversão nem sempre significa oportunidade a todos, pelo menos nesse caso, o desejo de se praticar um esporte numa instituição, diga-se de passagem, pública, na prática esbarrou em outros fatores, como, no caso, a falta de condições financeiras para comprar o uniforme igual para que não se sentisse diminuído diante dos outros colegas. Neste sentido, percebe-se que os dados que apontam para uma estrutura de lazer, diversão, prática de esporte não são suficientes para uma análise satisfatória na medida

em que não mostram para quem está voltada tal estrutura e que as proibições de acesso de algumas pessoas a determinados locais podem ser feitas por outros meios que não a coibição direta.

Percebe-se assim que os pontos abordados neste capítulo para analisar o cotidiano dos ceramistas “fora da fábrica”, quais sejam, a religiosidade e o lazer, apresentam também as ambigüidades, os impasses, as ideologias as resistências, que se vê de outra maneira, na fábrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da execução deste trabalho muitas questões se colocaram para mim. Questões estas que me fizeram refletir acerca da necessidade, do prazer e principalmente das dificuldades de se realizar um trabalho de pesquisa.

Assim, entendo que a pesquisa histórica é extremamente importante e se faz necessária na medida em que nos proporciona conhecer realidades diversas e ao mesmo tempo, coloca em “xeque” muitos de nossos (pré) conceitos e análises proporcionando deste modo, um momento singular em que podemos conhecer realidades diferenciadas e ao mesmo tempo, avaliar e reavaliar nossas concepções e reflexões acerca dos mais diversos temas.

Neste sentido, ao longo destes dois anos foi possível amadurecer principalmente, a reflexão de que muitos trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo, ao vivenciarem uma série de conflitos no interior do processo de trabalho, ao contrário do que eu pressupunha, vêm lutando cotidianamente. Assim, as entrevistas, de forma especial, possibilitaram compreender que mesmo de forma inaudível, desarticulada, aqueles trabalhadores que eu julgava passíveis, submissos, acomodados, revelaram que possuem uma percepção da realidade e apresentam momentos em que resistem à situação de exploração.

Através desta pesquisa pude perceber então que em Monte Carmelo/MG, a partir de 1970, a indústria de cerâmica começa a se desenvolver em função de uma série de questões das quais podemos destacar o esforço dos seguimentos empresariais da cidade ao buscar apoio governamental, uma certa disponibilidade de matéria-prima (argila) na região, mas, principalmente a disponibilidade de força de trabalho proveniente do campo em função da chamada modernização da agricultura. Assim, ao que parece, a conjugação de todos esse fatores contribuíram de forma decisiva na consolidação do parque ceramista de Monte Carmelo.

No segundo capítulo vimos o cotidiano do trabalhador na indústria cerâmica. Deste modo, pôde-se refletir como o trabalhador ceramista vivencia uma série de conflitos no interior do processo de trabalho, como ter que lidar cotidianamente com maquinário perigoso e o risco constante de acidentes, a poeira, a fumaça e as altas temperaturas no interior da cerâmica tornando o local de trabalho insalubre, a

indiferença dos empresários com sua situação, a necessidade de trabalhar na cerâmica, já que em Monte Carmelo não há muitas opções de emprego. Pôde-se refletir ainda acerca das transformações tecnológicas pelas quais vem passando muitas cerâmicas em Monte Carmelo e como essas transformações modificam não apenas as relações com/no trabalho, mas o conjunto das relações estabelecidas pelos trabalhadores, ou seja, as mudanças no processo de produção interferem também na vida do trabalhador fora da fábrica.

Assim, diante destes conflitos foi possível perceber que muitos trabalhadores não articulam estratégias coletivas de luta contra a exploração sentida, mas parecem reagir de forma isolada.

Neste sentido concordo com Claus Offe, quando ele diz que: “(...) *Quanto piores a renda média e a situação de emprego dos trabalhadores, maior a dificuldade para estabelecerem o grau de solidariedade necessário para que a ação coletiva tenha êxito; a tentação de apelar para estratégias de sobrevivência “egoístas” a curto prazo é, então, muito grande.*”⁴⁵

A fala de Ronaldo é esclarecedora deste aspecto e nos suscita refletir que cada um tendo que lutar pela sua sobrevivência e com o medo sempre presente da perda do emprego fica mais difícil se unir em torno de um interesse comum.

Ronaldo, ao falar sobre essa questão se expressa da seguinte maneira:

“Uai, num faiz nada, por que o que devia fazê era todo mundo largá e ir embora, mais uns larga, outros num larga. Vai ficano pur isso mesmo. E eles sempre tá pur cima e nós pur baixo. (...) o povo lá parece que tem muito medo (...) se for pra reuní, tem que reuní todo mundo, né? O home chega lá, fala uma coisinha, o povo queta.”(05/09/1997.)

Neste sentido, pensamos que as freqüentes ameaças, aliadas à necessidade de sobrevivência têm dificultado uma união em torno de um interesse mais geral, qual seja, uma estratégia conjunta contra a exploração da força de trabalho sentida por esses trabalhadores.

Pôde-se ver ainda no terceiro capítulo, que outros fatores também parecem colaborar de maneira expressiva para uma limitação no relacionamento entre muitos trabalhadores ceramistas de Monte Carmelo. Assim, a religiosidade e as práticas

⁴⁵ OFFE, Claus. Op. Cit. Pp48.

religiosas bem como as formas de lazer e diversão se mostraram bem diversificadas e, ao que parece, limitam o entrosamento entre eles.

Neste momento percebo que uma gama de questões e possibilidades de análise ainda ficaram por ser feitas ou aprofundadas. Entender como os trabalhadores ceramistas dentro da organização sindical, seu direcionamento político-partidário e suas influências no modo de viver do trabalhador bem como o porquê da recusa de muitos trabalhadores em participar de um sindicato que se diz defensor de seus interesses me parece, nesse momento um caminho possível.

As dificuldades foram muitas, entretanto a vontade de realizar este trabalho foi maior.

Assim, houve muitos desencontros, principalmente em função de horários que não coincidiam tanto para a realização de entrevistas como para buscar dados em alguns órgãos públicos em Monte Carmelo. Nestes ainda tive que enfrentar muitas vezes o descaso de funcionários ao fornecerem dados.

Há que se colocar ainda que as dificuldades encontradas foram agravadas pelo fato desta pesquisa ter sido realizada sem qualquer ajuda de recursos financeiros. Assim, devo ressaltar que realizar um trabalho de pesquisa exige grande disponibilidade de tempo, ainda mais se esta é realizada em uma cidade diferente da que se reside, portanto conciliar pesquisa com outro trabalho torna-se impraticável.

Muitas das vezes que precisei viajar em busca de fontes escritas, orais ou mesmo para fotografar não tive como fazê-lo ou quando conseguia muitas vezes ocorreram desencontros. Deste modo, percebo que este trabalho poderia ter tido um maior avanço caso as dificuldades tivessem sido amenizadas.

As dificuldades, entretanto não têm me desanimado, antes, têm trazido um saldo positivo na medida em que venho percebendo a cada novo obstáculo que é imperativo que se continue desenvolver pesquisas, de forma especial na área de história, pois dessa forma começamos a entender um pouco mais a realidade que fazemos parte ao mesmo tempo em que nos sentimos instigados a agir, participar mais ativamente dessa realidade.

Fontes e Bibliografia

I - FONTES ORAIS

Entrevistas realizadas

ANDRÉ LUIS MACEDO - 20 anos, solteiro, trabalha nas vagonetas na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia 25/07/2000

CARLOS ANTÔNIO DA SILVA – 37 anos, casado, 2 filhos, trabalha na cerâmica Nossa Senhora do Carmo como lenheiro. Entrevista realizada em minha residência dia 04/01/2001.

DIVALDO FERNANDES MENDES - 42 anos, casado, 3 filhos, sócio-proprietário da cerâmica Araras LTDA. Entrevista realizada na cerâmica dia 21/07/2000.

ELIZÂNGELA ABADIA DE SOUZA - 17 Anos, solteira, trabalha na “prensa” na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia 13/07/1997.

EUSIANE ABADIA RODRIGUES - 24 Anos, casada, trabalha na “prensa” na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia 16/07/1997.

FERNANDO SOUZA ÁLVARES - 20 anos, solteiro, trabalha no forno (desenformador) na cerâmica Lassi há um ano. Entrevista realizada em sua residência dia 02/11/2000

GERALDO MARIA DA SILVA – 34 Anos, casado, 1 filho, trabalha de “tirador” de forno, na cerâmica Alto Paranaíba. Entrevista realizada em sua residência dia 08/09/1997.

HUENDER FRANCO DIAS – 25 Anos, casado, 1 filho, ex- trabalhador cerâmico, foi o primeiro presidente do sindicato do trabalhadores da Indústria Cerâmica em Monte Carmelo, hoje é professor na rede pública de ensino e colaborador no sindicato. Entrevista realizada na sede do sindicato dia 15/01/1997.

JORGE AMÂNCIO DA SILVA – casado, 6 filhos, gerente de produção na cerâmica Pallissy. Entrevista realizada no interior da cerâmica dia 05/10/1996.

JOSÉ AGOSTINHO DE OLIVEIRA – 40 Anos, casado, 1 filho, trabalha como operador de máquinas em barreiras para as cerâmicas: Inca, Asteca e Asteca Indústria. Entrevista realizada em sua residência dia 20/04/1997.

JOSÉ ALVES BORGES – 56 Anos, casado, 6 filhos, aposentado, ex-caminhoneiro na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia 05/09/1997.

JOSÉ EDUARDO DORNELAS - 42 anos, casado, 3 filhos, sócio-proprietário da cerâmica Carmelo LTDA há dez anos. Entrevista realizada em seu escritório dia 21/07/2000.

LENITA BONIFÁCIO MAXIMILIANO – 48 anos, viúva, 3 filhos, trabalha como “reserva” na cerâmica Pallissy. Entrevista realizada em sua residência dia 05/10/1996.

MAYSA FALEIROS CARDOSO FAION – 33 anos, casada, 2 filhos, médica especializada em medicina ocupacional. Entrevista realizada em seu consultório dia 11/01/2001.

ODAIR MONTES ALVES – 52 Anos, casado, 3 filhos, trabalha como reparador de grades na cerâmica Mineira. Entrevistas realizadas em sua residência nos dias 12/10/1996 e 20/04/1997.

PEDRO FRANCISCO TIMÓTEO – 39 Anos, casado, 1 filho, gerente de produção na cerâmica Mineira. Entrevista realizada em sua residência dia 12/10/1996.

RONALDO DIAS ROSA – 23 Anos, solteiro, trabalha de “encher” vagonetas na cerâmica Maia. Entrevista realizada em sua residência dia 05/09/1997.

SEBASTIÃO MARINO CROCHELA ^{no rio verde} – 56 Anos, casado, 10 filhos, gerente geral na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia 07/09/1997.

SILVÂNIA RIBEIRO DA SILVA – 24 Anos, casada, 1 filho, trabalhou na “prensa” na cerâmica Inca, atualmente está desempregada. Entrevista realizada em sua residência dia 08/09/1997.

WENDEL APARECIDO DE SOUZA - 20 Anos, solteiro, trabalhou na Cerâmica Inca em várias atividades no setor de produção, saiu da cerâmica em Janeiro de 1997. Entrevistas realizadas em sua residência dia 20/07/1997 e 20/05/2000.

II - OUTRAS FONTES

Anuário estatístico de Minas Gerais - SEPLAN 1982.

IBGE – Censos demográficos de 1996 e 1998

INDI (Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais) – “PANORAMA DO SETOR DE CERÂMICA VERMELHA: um estudo exploratório” Março/2000

Relação de contribuintes inscritos por atividade – Prefeitura Municipal de Monte Carmelo – Junho/2000.

Caixa Econômica Federal: Perfil do Município de Monte Carmelo/MG - Parceria para o desenvolvimento, Outubro, 1999.

CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais) - Relatórios da CEMIG – consumo e receita por local – anos de 1994 a 1999.

III - BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. História Oral: A experiência do CPDOC. RJ. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- AMADO, Janaina. “O grande mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral.” HISTÓRIA, SP, Ed. UNESP, Vol. 14; pp.125-135; 1995.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. “A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação.” In. Revista Brasileira de História nº 33; vol. 17; pp. 293-305; Ed. UNIJUI, 1997.
- BOTELHO, Anna Régia Naves. “Relatório – Estágio supervisionado”. Cerâmica Botelho. Universidade de Uberaba. Campus VI – Monte Carmelo, 1998.
- BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiências de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980. SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1997.
- BOSI, Ecléia. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. SP, 3ª ed. Cia das Letras, 1994.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- DEJOURS, Christophe. A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do Trabalho. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo, Oboré Editorial, 1987.
- FENELON, Déia Ribeiro, “O Historiador e a Cultura popular: História de Classe ou história do povo?” In: História e Perspectivas Uberlândia,

UFU, nº 6, Jan-Jun, 1992.

_____. "Trabalho, Cultura E História Social: perspectivas de investigação". In: Projeto História, SP, PUC, nº4.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. Usos e Abusos da História Oral, SP, Ed. Vértice.

FONTES, Edilza Joana O. O pão Nosso de cada dia. Campinas, Dissertação (mestrado), UNICAMP, 1993.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os Vermes. SP, Cia das Letras, 1987.

_____. Mitos, Emblemas e Sinais. SP, Cia das Letras.

GORZ, André (org.) Crítica da divisão do trabalho, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1980.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. SP, Ed. Vértice, 1990.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. "Religiosidade no cotidiano popular mineiro: Crenças e festas como linguagem subversiva". In.: História e Perspectivas. Uberlândia, UFU, nº 22, jan-jun 2000.

NASSER, Ana Cristina Arantes. "Sair para o Mundo: Estudo das representações dos excluídos sobre suas relações com o trabalho, a família e o lazer". In: Anais da X Conferência Internacional de História Oral. RJ, 14-18 Jun., 1998.

NETO, Wenceslau Gonsalves. Agricultura e Política agrícola na década de 70: a cafeicultura em Araguari, M.G. Campinas, Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 1983.

NORA, Pierre. "Entre memória e História. A Problemática dos lugares" In.

Projeto História. Nº10, PUC-SP, 1993.

NUNES, Cardoso Edson. Associação ceramista com fins mercadológicos e sociais. In: Revista OESP Construção, jul /ago.1999, pag.:32.

OFFE, Claus. Capitalismo desorganizado: transformações contemporâneas do trabalho e da política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALLOIX, Christian. “O Processo de Trabalho: do fordismo ao Neofordismo”. In. Processo de Trabalho e Estratégias de Classe. RJ, Ed. Zahar, 1982.

PAOLI, Maria Célia. “Trabalhadores e Cidadania: Experiência do mundo público na história do Brasil Moderno” In. Estudos Avançados, pp. 40-66.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Características da modernização da agricultura e do desenvolvimento rural em Uberlândia. Rio Claro/SP. Dissertação (mestrado), Unesp, 1982.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In. Revista Estudos Históricos, RJ, Vol. 2, nº 3, 1989.

RAYMOND, Willians. O campo e a Cidade. RJ, Ed. Zahar, 1987.

_____. Marxismo e Literatura. Zahar editores, RJ, 1979.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. 2ª ed. Paz e Terra, RJ, 1991.

- SAMUEL, RAPHAEL. "História local e História Oral". In: Revista Brasileira de História, SP: Marco Zero/NPHU/MCT/CNPq, 1990,nº19.
- SANTANA, Charles D'Almeida. "Horizontes do Claro e do Escuro". In. Fartura e Ventura Camponesas: trabalho cotidiano e migrações. Bahia: 1950/1980,SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1996.
- SANTOS, Marcos Moreira dos. "Lutas, organização e experiências de trabalhadores cerâmicos.Monte Carmelo - 1970/1990" Uberlândia: UFU, 1999 (monografia).
- SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Memória: Lembrança e Esquecimento: Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1996.
- SILVA, Luzia Márcia Resende. Os trabalhadores em luta pela terra no Triângulo Mineiro:1989-1996.SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1996.
- SILVA, Patrícia Rodrigues da. Construindo uma história: trabalhadores ceramistas/ Monte Carmelo-1960/1997. Monografia de graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia, 1997.
- SCOTT, Joan. A Evidência da Experiência. Texto Mimeo, 37 pp.
- TELLES, Vera. "Pobreza e Cidadania: Precariedade e Condições de Vida. In. RAMALHO, José Ricardo e MARTINS, Heloisa de Souza (Org.). Terceirização. SP, Ed. Hucitec, 1994.
- THOMPSON, E.P. A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros, RJ, Ed. Zahar, 1987.
- _____ A Formação da Classe Operária Inglesa. Vol. 1,2 e3, SP, Paz e Terra, 1986.

_____ “E.P. Thompson: História e luta de classes.” In. Tradicion, Revuelta y consciência de Clase, Barcelona, Editorial Crítica, 1989.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias”, IN: Ética e História Oral - projeto História, São Paulo: EDUC, (15): 51/71, abr. 1997.

VILLANOVA, Mercedes. “Pensar a subjetividade - Estatísticas e Fontes Oraís.” In. História Oral e Multidisciplinaridade. Ed. Diadorin”.

FU-00012599-0